ARTESANÁRIO POPULAR: INTERSECÇÕES DA LINGUAGEM ARTÍSTICA COM OS SABERES CIENTÍFICOS E POPULARES

ARTESANÁRIO POPULAR: INTERSECÇÕES DA LINGUAGEM ARTÍSTICA COM OS SABERES CIENTÍFICOS E POPULARES

PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA
MOSSORÓ, 2024

PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA
MOSSORÓ, 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMIÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM COGNIÇÃO, TECNOLOGIAS E INSTITUIÇÕES
MESTRADO ACADÊMICO

PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA

ARTESANÁRIO POPULAR:
INTERSECÇÕES DA LINGUAGEM ARTÍSTICA COM OS SABERES CIENTÍFICOS E POPULARES

MOSSORÓ, AGOSTO, 2024

PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA

ARTESANÁRIO POPULAR:
INTERSECÇÕES DA LINGUAGEM ARTÍSTICA COM OS SABERES CIENTÍFICOS E POPULARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologia e Instituições, da Universidade Federal Rural do Semiárido, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim

MOSSORÓ, AGOSTO, 2024

O048a Oliveira, Paula Érica Batista de.
Artesanário Popular: intersecções da linguagem artística com os saberes científicos e populares / Paula Érica Batista de Oliveira. - 2024.
160 f. : il.

Orientador: Ricardo Burg Ceccim.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Programa de Pós-graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições, 2024.

1. Interdisciplinaridade. 2. Artesanário. 3. Popularização e politização da ciência. 4. Comunicação popular em saúde. 5. Sistema Único de Saúde. I. Ceccim, Ricardo Burg, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automáto em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

Capa: Reisado do Totoró. Acrílico Sobre Tela, 75 x 95 cm. Disponível em "Assis Costa Artista Plástico": https://www.instagram.com/assis_costa_artista_plastico_/. Totoró é um geossítio localizado a aproximadamente 10 km do centro da cidade de Currais Novos. No geossítio, destacam-se as geoformas Pedra do Navio e Pedra do Caju (https://geoparqueserido.com.br/?page_id=7837). O artista plástico Assis Costa, nasceu em 1977 na cidade de Currais Novos/RN. Desde 2002, passa temporadas no Rio Grande do Sul no cargo de diretor artístico em eventos culturais. Possui obras de pintura em tela e escultura, além do uso de diversas expressões artísticas, como a poesia, a música e os quadrinhos. Sua estética artística versa sobre temáticas que aludem ao cotidiano e à cultura popular, com um traço que diretamente o liga à paisagem do Seridó potiguar, região onde vive. Fonte: https://assiscostaartistapotiguar.blogspot.com/p/o-artista-no-atelier.html.

PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA

ARTESANÁRIO POPULAR:
INTERSECÇÕES DA LINGUAGEM ARTÍSTICA COM OS SABERES CIENTÍFICOS E POPULARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologia e Instituições, da Universidade Federal Rural do Semiárido, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra na Área Interdisciplinar de Sociais e Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim

Defendida em: 29 / 08 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Karla Rosane do Amaral Demoly

Universidade Federal Rural do Semiárido

Profa. Dra. Paulette Cavalcanti de Albuquerque

Universidade de Pernambuco

Profa. Dra. Lorrainy da Cruz Solano

Instituto de Ensino, Pesquisa e Extensão – Hospital Maternidade Almeida Castro

Ao meu pai e minha avó Silvina, em ***memória***, as vozes das águas que ecoam em mim,
ao meu filho Erasmo Gabriel, por passarinhar meu coração, e à minha mãe, D. Mica, por não se deixar engaiolar,
à toda gente mergulhosa que transborda em c(oração),
aos/às que escorreram,
aos/às que insistiram em sangrar comigo.

Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

João Cabral de Melo Neto
(MELO NETO, 1994)

AGRADECIMENTOS

A turma do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições, docentes e discentes, pela partilha e pelas descobertas, em especial Lívia Lessa, Amanda Balbi e Arthur Eduardo pela amizade, paciência e cuidado. Muito obrigada! À minha banca de qualificação da proposta de dissertação e à banca de defesa final da dissertação, professoras Karla Rosane do Amaral Demoly, Maria Rocineide Ferreira da Silva, Lorrainy da Cruz Solano e Paulette Cavalcanti de Albuquerque. Também agradeço à Profa. Dra. Vera Lúcia Azevedo Dantas, referência na Educação Popular, na arte e no desembocar sertanejo.

Talvez não caiba aqui a dimensão da festa que me arrebata por dentro, tentando fazer poesia. Entre tantas pessoas, histórias, nomes e situações que me convocaram ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições, devo agradecer ao meu orientador, Ricardo Burg Ceccim, que instaura em mim a desejosa mania de seguir e avoar, sendo brilhantosa no que faço. Obrigada, Ricardo!

Aos meus tios Franciscos, pela subversiva arte de resistir, e à minha tia Francisca, por me lançar ao mundo da leitura. Aos primos, sobrinhos e colegas que me acompanharam, em torcida, amor e aperreio. A quem me trouxe aqui e sustentou meus vendavais até findar o ciclo, mesmo sabendo que ele nunca cessará: Lorrainny Solano, Matheus Madson, Ialy Virgínia, Camila Mesquita. Às amigas-irmãs que insistiram em ficar no meio fio comigo, mesmo sangrando: Wanessa Fialho, Kelly Lima e Isabela Ludimila.

Ao Casarão de Poesia, ao Centro de Atenção Psicossocial Maria Vênus Cunha e ao Arrastão do Boi por me darem o repertório e me impulsionarem ao palco da vida e da arte. Às políticas de Saúde Mental, Equidade, Educação Popular e Direitos Humanos pela artesania bordada no meu fazer profissional.

Aos coletivos, mobilizações e lutas que bordaram em mim a inspiração de ser bandeirosa. À arte, em música e poesia, que me levou ao Artesanário Popular.

AGRADECIMENTO AO CNPq

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº130988/2023-5, agência da qual fui bolsista de mestrado e pelo apoio ao nosso Programa em sua sustentabilidade científica, tecnológica e de suporte das discentes e docentes de pesquisa.

RESUMO

A dissertação reporta uma construção metodológica no escopo da comunicação popular em saúde, designada de modo original por Artesanário Popular. O enfoque adotado pode ser aproximado às vertentes da educomunicação, popularização da ciência e educação popular em saúde, mas, especialmente na proposição recuperada pela pesquisa, articula arte popular com informação e comunicação no campo sanitário. A pesquisa foi de tipo qualitativo, apoiada nas ferramentas do inventário e da netnografia, abrangendo o intervalo de tempo de agosto de 2020 a abril de 2022, período da pandemia de covid-19. Neste período, em meio à necessidade de ampliar o conhecimento científico, se verificava a urgência da melhor e mais confiável informação, mas também a absoluta relevância de viabilizar uma comunicação aos profissionais e à população. Assim, foi experimentado o Artesanário Popular, implementado pela Internet devido às circunstâncias de afastamento social, embora algumas vezes usado em formato híbrido – presencial e remoto. A pesquisa se fez na Internet, computando 10.528 visualizações, 6.783 relativas a encontros internacionais, 3.049 a encontros nacionais e 696 a encontros estaduais, todos no Rio Grande do Norte. A média foi de 457,74 visualizações por artesanário. O desenvolvimento metodológico foi convergente às noções de desenvolvimento tecnológico e inovação. No presente caso, em referência à comunicação em saúde. A criação do Artesanário Popular se deu em 2020, por ocasião de um seminário internacional sobre Atenção Básica e pandemia, buscando congregar conhecimento científico e conhecimento popular em lugar da defesa da ciência, mas em detrimento dos saberes populares ou da comunicação em saúde, mas sem a necessária politização da informação, tampouco a informação sem o enfrentamento da reconstrução dos laços sociais e afetivos coibidos durante a emergência sanitária. A nova metodologia permitiu a interseção da linguagem artística com os saberes científicos e o debate político das mortes e adoecimentos resultantes do descompromisso governamental com a proteção da vida. A palavra, um neologismo criado como desafio à ação, fez a combinação de arte com o sufixo ário, pensando-se na reunião de uma variedade de expressões artísticas com e para a comunicação popular em saúde. A arte popular aí inserida teve inspiração na cultura do semiárido brasileiro e na tradição da educação popular em saúde junto à Atenção Básica. A dissertação oferece uma introdução à metodologia do Artesanário Popular, cuja potência de uso cabe em outras áreas e serve à valorização de artistas populares na comunicação ou politização do conhecimento.

Palavras-chave: Popularização e politização da ciência. COVID-19. Artesanário Popular. Comunicação popular em saúde. Sistema Único de Saúde

ABSTRACT

The dissertation reports a methodological construction in the scope of popular communication in health, originally designated by Popular Artisar (Artesanário Popular). The approach adopted can be approximated to the aspects of educommunication, popularization of science and popular education in health, but especially in the proposition recovered by the research, articulates popular art with information and communication in the sanitary field. The research was qualitative, supported by inventory and netnography tools, covering the time interval from August 2020 to April 2022, the period of the covid-19 pandemic. In this period, amid the need to expand scientific knowledge, there was an urgency for better and more reliable information, but also the absolute relevance of enabling communication to professionals and the population. Thus, the Popular Artisar was experienced, implemented by the Internet due to social remoteness circumstances, although sometimes used in hybrid format - face-to-face and remote. The research was done on the Internet, computed 10.528 views, 6.783 related to international meetings, 3.049 national meetings and 696 state meetings, all in Rio Grande do Norte. The average was 457,74 views per artisar (artesanário). The methodological development was convergent to the notions of technological development and innovation. In this case, with reference to health communication. The creation of Popular Artisar took place in 2020, on the occasion of an international seminar on Primary Care and pandemic, seeking to bring together scientific knowledge and popular knowledge instead of defending science, but to the detriment of popular knowledge or health communication, but without the necessary politicization of information, nor information without confronting the reconstruction of social and affective bonds isolated during the health emergency. The new methodology allowed the intersection of artistic language with scientific knowledge and the political debate of deaths and illnesses resulting from government disengagement with the protection of life. The word, a neologism created as a challenge to action, made the combination of art with the suffix arium, thinking in the meeting of a variety of artistic expressions with and for popular communication in health. The popular art inserted there was inspired by the culture of the Brazilian semiarid and in the tradition of popular education in health along with Primary Care. The dissertation offers an introduction to the methodology of Popular Artisar, whose power of use fits in other areas and serves to value popular artists in communication or politicization of knowledge.

Keywords: Popularization and politicization of science. Covid-19. Popular artistar. Popular communication in health. Brazilian Health System.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRASME - Associação Brasileira de Saúde Mental

ANEPS - Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação em Saúde

AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem

BNB - Banco do Nordeste do Brasil

BRASA – Organização “Brasil, Saúde e Ação”

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CEB - Comunidade Eclesial de Base

CEMI - Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista

CGEAS - Coordenação Geral da Política de Envelhecimento Ativo e Saudável

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPV - Centro Pastoral Vergueiro

CLACSO - Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais

EAD - Educação à Distância

EMCM - Escola Multicampi de Ciências Médicas

ESP/RN - Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Norte

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

FJA - Fundação José Augusto

FONDIPS - Fórum Inter(Nacional) de Diálogos e Práticas Interprofissionais em Saúde

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexos, Assexuais+

MDHC - Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

MINC - Ministério da Cultura

MPB - Música Popular Brasileira

MS - Ministério da Saúde

NAPS - Núcleo de Atenção Psicossocial

NESF - Núcleo Estadual de Saúde da Família

OMS - Organização Mundial da Saúde

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde

PPGCTI - Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições

PICS - Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

RAPS - Rede de Atenção Psicossocial

PRECISA - Rede de Pesquisa, Projetos, Ensino e Cooperação Internacional com o Semiárido

RN – Rio Grande do Norte

SESAP - Secretaria de Estado da Saúde Pública do Rio Grande do Norte

SIEC - Subcoordenadoria de Informação, Educação e Comunicação

SNDPI - Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa

SUS - Sistema Único de Saúde

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UECE - Universidade Estadual do Ceará

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFERSA - Universidade Federal Rural do Semiárido

UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UNIBO - Universidade de Bologna

UNIPR - Universidade de Parma

UPE - Universidade de Pernambuco (Estadual)

UPTPS - Unidade de Políticas Transversais d Promoção à Saúde

URCA - Universidade Regional do Cariri (Estadual)

URSAP - Unidades Regionais de Saúde Pública

USP - Universidade de São Paulo (Estadual)

VER-SUS - Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde

VIC - Vivência Integrada na Comunidade

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Imagem (famosa) da torre da igreja emergindo na água que inundou a cidade de São Rafael, região do Seridó – **20**
Figura 2 - Açude Dourado (seco) – Currais Novos/RN – **20**
Figura 3 - Apresentação na Caravana da Cidadania Cultural, CAPS Currais Novos – **23**
Figura 4 - VER-SUS Jurema, Pedra do Cruzeiro, Currais Novos/RN – **26**
Figura 5 - Escalda pés, Espaço TeraPICS, Currais Novos/RN – **26**
Figura 6 - Oficina de produção poética coletiva, PPGCTI, 2023 – **115**
Figura 7 - Capa da Revista Radis, 2023 – **115**
Figura 8 - Xilogravura Ciro Fernandes – **130**
Figura 9 - Rosa dos Cataventos e seus pontos artesanariais – **142**
Figura 10 - Caricatura da artista Paula Érica – **149**

SUMÁRIO

apresentação – 18
me apresento **– 19**
apresento a dissertação **– 29**

parte i
***verso e reverso: a qualificação da proposta, uma versão* – 32**
comunicação popular em saúde: informação, divulgação e participação popular **– 33**
inform(ação), divulg(ação) e particip(ação) popular: águas de uma inund(ação) **– 40**
comunicação popular em saúde: emergência de uma tecnologia inovadora **– 43**
artesanário: artistar a informação para promover a comunicação popular em saúde **– 45**
conversação metodológica: inventário e netnografia **– 47**
objetivos, finalidades, desejos, já que a esperança é última que morre **– 49**

parte ii
***estrofe de dados: inventário, netnografia e a pesquisadora artesã* – 63**
inventário do artesanário popular na internet **– 64**
resultados: análise descritiva **– 88**
produção intelectual da pesquisadora artesã **– 113**

parte iii
***rima: tudo cruzado, interpolado ou esdrúxulo, mas arranjado* – 116**
inventariando rituais, vasculhando encontros e garimpando o artesanário popular **– 117**
ambiência do artesanário popular **– 122**
o abre-alas ou o momento precursor **– 127**
problematizações do artesanário **– 131**

parte iv
***artesanariar tudo: palavras e ideias, afetos e disparadores, uma dissertação* – 136**
cordel artesanário **– 137**
rosa dos cataventos: princípios organizacionais do artesanário popular **– 142**

parte v
***despedida: fechando microfone, cortinas e o caderno* – 147**
aprendizagens do artesanário **– 148**

caixa de textos e artes – 151

APRESENTAÇÃO

ME APRESENTO

MANHECENÇA

tinha ossos esmagados todas as manhãs
elefantes pisavam meus braços, pernas, ventre...
esperança atropelada por caminhão pipa
um passo à frente, bengaloso[1] e desequilibrado
e uma ponte se erguia
sou puramente sol, espelho d'água em enchente
hei de colher manhãs bicicletando[2] a vida.

Paula Érica
(OLIVEIRA, 2020, p. 23)

Parida numa terra marcada pela seca e pela espera de algum toró, desde a infância, nas terras quentes e amareladas do Seridó potiguar, a menina de olhos verdes, assustados e solitários, se via abismada com (a)diversidade impressa na sua moldura familiar. Minha avó materna, Silvina, exerceu o ofício de costureira, teve uma infância pobre de cigania e perdas, enviuvando aos 27 anos, carregando cinco filhos, sendo um recém-nascido de apenas 28 dias. De sobrenome, trazia Medeiros e Pacífico (provável herança dos judeus sefarditas que povoaram as terras seridoenses). Era silenciosa e apaziguadora na sua oceânica relação com o mundo. No seu cerzir da máquina Singer, ela ziguezagueava cuidados e ternuras, velando os filhos, esquecendo a juventude e enterrando os desejos e as quenturas de uma jovem senhora. Minha mãe, Francisca, órfã de pai aos 9 anos, nascera com especial talento para a música, fora cantora de rádio na juventude, mas precisou abandonar a escola e os programas dominicais da Rádio Ouro Branco – nome utilizado para definir o algodão mocó, umas das principais economias do Seridó nos anos

[1] Bengaloso: dependente da bengala para se locomover.
[2] Bicicletando: aprendendo a seguir, em movimento de liberdade e de protagonismo, encarando a vida sem medo, como aprender a andar de bicicleta.

1950 – para dedicar-se aos cuidados dos irmãos, após a trágica morte do pai. Fazia da cozinha o seu "palco iluminado", cantarolando canções de um repertório enxovalhado e umedecido pelo tempo. Meu pai, Françuar, órfão de tudo, e literalmente *filho de uma puta* (que morrera logo após o seu nascimento) nasceu em São Rafael, a "Atlântida do sertão", que foi submersa pelas águas nos anos 1980. Guardava memórias aquáticas e afogadas de um menino abandonado desde nascença, sentindo-se estrangeiro de si mesmo e do mundo. Era minerador por ofício e boêmio por exercício, com sua coleção de vinis de Música Popular Brasileira (MPB). O dois de fevereiro lhe era uma data cara, como se, profeticamente, soubesse que a data o esperava nalgum lugar de um futuro qualquer, de frente para o mar. Meu filho, Erasmo, inesperado, nascera aos aperreios, por falta de líquido suficiente no ventre. Entre a dor e o desespero, imersos num processo de violência obstétrica, foi entre a liquidez de lágrimas e afogamentos, que me iniciei mãe, exercendo essa dificultosa, germina(dor)a e inquietante tarefa da maternidade que diz muito de mim, de nós dois, da minha mãe, da minha vó e dos meus ancestrais, desconhecidos, no caminho das águas que trilhamos.

Figura 1 – Imagem (famosa) da torre da igreja emergindo na água que inundou a cidade de São Rafael, região do Seridó.
Rodrigo Cortez (https://curiozzzo.com/sao-rafael/).

Figura 2 – Açude Dourado (seco) – Currais Novos/RN.
Foto: Paula Érica, 2013.

Esse aguaceiro, ou a falta dele, é a memória encharcada do que sou: a menina de olhos verdes, abismada, a mocinha feia e solitária que devorava livros, a jovem confusa para lidar com o amor e esta senhora *inventadora* de palavras, colecionadora de versos, *mergulhosa* e enlameada, beirando *profundices*. Encardida e umidamente cantante, como minha mãe, submersa e estrangeira de mim, como meu pai, oceânica, viúva do mundo, cerzindo afetos e cuidados em palavras poéticas, feito minha avó e lique(feita) como meu filho. Foi nesse (trans)bordamento que, como assistente social dedicada à área de saúde mental, cantora, cordelista, compositora, poeta, educadora popular e brincante, assim como Stela do Patrocínio reivindica, *gosto de estar gostando*[3]. Na minha travessia pela vida e pelo Sistema Único de Saúde (SUS), aprendendo com as histórias que molharam e molham minhas práticas e cuidados, estou aqui. Brincar com as palavras e lançá-las ao mundo tornou-se um exercício de sobre(vivência): entre silêncios, abandonos, medos, solidão, subterranea(idades), tudo se configurava em palavras, formigando coletividades. Como na tarefa artesanal de uma pescadora trançando sua tarrafa, preparando-a para lançá-la às águas, as palavras se refugiaram em mim, brincando comigo, abrindo leitos, feito *açude que quer sangrar*.

Assim nasceu a artista, fazedora de palavreados e canções aguadas, inquieta e ampla nas possibilidades de criação e criatividade, mas só mais tarde, nos anos 1990, cursando Serviço Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que desembestei a escrever, às escondidas, minhas primeiras poesias e dar voz ao meu canto. No entanto, havia, assim como houve com o meu pai, uma sensação de estrangeirice me espreitando o tempo todo. Vivia afogada, acanhada, como se um cacto transpassasse minha garganta, sufocando minha voz e a

[3] Conhecida como Stela do Patrocínio, biógrafos mais recentes encontraram a grafia Stella, com dois deles. Stella do Patrocínio, é uma mulher negra, internada em um hospício do Rio de Janeiro aos 21 anos de idade, em 1962, após ser levada pela polícia ao pronto socorro quando tomava o ônibus para a Central do Brasil. A mãe também fora psiquiatrizada. Mais de 20 anos depois foi inserida em um ateliê artístico, quando professores e artistas prestaram atenção em seu "falatório" (nome que ela própria dava ao seu falar). As coisas que falava e o modo como as falava foram ouvidas e sentidas como poesia. As estagiárias de arte do ateliê passaram a gravar os momentos com ela, tendo registrado vários áudios entre 1986 e 1988, assim transcreveram vários desses registros. A escritora Viviane Mosé recolheu essas falas e as organizou em forma de livro de poesias. O compositor Lincoln Antônio levou o falatório para uma ópera. O diretor Márcio de Andrade organizou um documentário em vídeo com sua história de vida ("Stela do Patrocínio – A mulher que falava coisas"). "O futuro eu queria / Ser feliz / E encontrar a felicidade sempre / E não perder nunca o gosto de estar gostando", trecho de uma de suas poesias, foi analisado por duas pesquisadoras da área de letras e literatura: "(...) a leveza que se dá com a simples repetição das palavras na segunda e na terceira estrofe, em especial 'gosto de estar gostando', em que gostando ganha a uma dimensão anterior, também evidencia que o 'gosto de estar gostando' é algo para o futuro, não está no presente. O presente é marcado não somente pela perda do gosto, mas pela perda do gosto de gostar" (ALMEIDA; BONFIM, 2018, p. 284). O documentário pode ser visto em https://youtu.be/gAWuMgmFROo. Muito antes que "O estranho caso de Benjamin Button", filme de Scott Fitzgerald, Stella fala que nasceu já velha, depois é que ficou criança.

poesia que me habitava. Para ser cigarra, é preciso penetrar fundo nas raízes e saber a hora de subir ao encontro do sol. E, assim, aos poucos, fui me lançando, abstrata e transitiva, sempre à espera de algum toró.

Foi durante meus últimos anos no curso, não me encaixando em nada que a graduação me oferecia como possibilidade de estágio, que encontrei morada na saúde mental, e mergulhei… entendendo que *bom mesmo é estar debaixo d'água*, como diz Luedji Luna em uma de suas canções. Estávamos nos anos 1990 e em pleno vigor de uma Reforma Psiquiátrica que escorria pelas terras potiguares. Foi atuando em um Núcleo de Atenção Psicossocial (NAPS), NAPS Oeste, em Natal, no bairro de Nazaré, que aconteci no campo da saúde mental. De lá pra cá, são vinte e cinco anos de imersão na luta antimanicomial, onde me reconheci como artesã de cuidados, artista de liberdades e educadora popular de territórios, marejando criatividade, subvertendo as durezas, *artistando* relações e me lique(fazendo) no mundo, pela minha herança familiar/ ancestral/seridoense. Fui iniciada profissionalmente no Programa de Saúde Mental, no município de Currais Novos/RN, localizado na região do Seridó Oriental, na Unidade Básica do bairro Sílvio Bezerra de Melo, que mais tarde impulsionaria a implantação do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), de porte tipo II, "CAPS II Maria Vênus Cunha", em 2005. Esse movimento interiorizou a luta antimanicomial na região, desembocando no fechamento do Hospital Psiquiátrico Dr. Milton Marinho, em Caicó, em 2006, o qual virou CAPS III, e na implantação de mais dois CAPS na região, nos municípios de Jucurutu e Parelhas.

A territorialidade entre palavras-corpos-vozes reverberou em encontros e ecos que geraram movimentos em consonância com a arte e a cultura, num passo sincronizado com um cuidado artesanalmente trabalhado que foi capaz de movimentar uma cidade, uma região, se destacando em âmbito nacional por sua contribuição pela derrocada da cultura manicomial fortemente estruturada no Seridó potiguar. Foi nessa travessia que iniciamos, em 2007, as primeiras estratégias em busca de recursos e parcerias por meio de editais de arte e cultura. Nasceu o primeiro resultado desse movimento: o coral ExperiMENTação do qual eu era a regente e que se destacava pelo uso de instrumentos percussivos e pela participação de usuários, usuárias e integrantes da equipe. Em articulação com a Associação Casarão da Cultura Potiguar – Ponto de Leitura, popularmente conhecido como Casarão de Poesia, da qual fui integrante – voltada à produção, promoção e fomento cultural na cidade, propus ao grupo a

condução da oficina “Verbo Solto”, onde a palavra de ordem seria a própria palavra e a produção palavra-corpo-voz impressa nos encontros. As oficinas aconteciam na sede do Casarão de Poesia e entre os resultados, nasceu a Rádio Estação Caps, o jornal “Caps Notícias” e o blog “Caps de Currais Novos”, onde eram compartilhadas notícias do CAPS e da saúde mental na região, a produção de poesia coletiva, cordel, narrativas e outras experiências.

Figura 3 – Apresentação na Caravana da Cidadania Cultural (Ministério da Cultura, 2009)
CAPS Currais Novos, 2009 (<capscurraisnovos.blogspot.com>)

Disparamos, na aprovação em editais de arte, cultura e/ou geração de renda, provocando um alvoroço na cidade e na vida das pessoas envolvidas, com iniciativas voltadas também para a Economia Solidária e o cooperativismo social, movimento que nos levou a participar da Conferência Temática de Cooperativismo Social que aconteceu em Brasília, em maio de 2010. De 2007 a 2017, foram mais de vinte projetos conduzidos, promovendo protagonismos e resultando numa produção cultural potente, criativa e impulsionadora de transformações. Produção de livros, cordeis, chocolates, sabonetes, luminárias, peças decorativas em mosaicos, produtos decorativos feitos com garrafa pet, produção de telas

e exposições, produção de grafitagem em camisetas e paredes públicas, serigrafia, produção fotográfica e exposição de calendários, programa de rádio, produtos decorativos feitos no ateliê de corte e costura, CineCAPS, todos financiados por editais como o projeto cultural do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Ministério da Cultura (MinC), Ministério da Saúde (MS), Fundo da Infância e Adolescência (FIA) e Penas pecuniárias, que resultaram em projetos independentes, realizados nas ruas e praças da cidade e da região como os projetos "InsPIRAÇÃO na Praça", "Sextas insanas", "Loucos por Diversidade", "ColoridaMente", "Dê Lírios", "SUStentando a diferença", entre outros.

De 2017 a 2018, assumi a gestão das redes de atenção à saúde, na Secretaria Municipal de Saúde de Currais Novos. A partir das experiências promovidas no CAPS – como estratégia de fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) – foi possível coordenar importantes iniciativas que *movediçaram* o meu fazer como gestora, me transbordando de reflexões sobre a força do território e sobre a necessidade de possibilitar projetos em articulação com o ensino, gestão, atenção e controle social, o "quadrilátero da formação para a área da saúde", como proposto por Ricardo Burg Ceccim (CECCIM; FEUERWERKER, 2004, p. 59): "[...] construir e organizar uma educação responsável por processos interativos e de ação na realidade para operar mudanças (desejo de futuro), mobilizar caminhos (negociar e pactuar processos), convocar protagonismos (pedagogia *in acto*) e detectar a paisagem interativa e móvel de indivíduos, coletivos e instituições, como cenário de conhecimentos e invenções (cartografia permanente).

Entre as iniciativas, destaco a implantação do "Espaço TeraPICS[4]", voltado ao cuidado em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS); a promoção do projeto Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS) Jurema[5]; a preceptoria junto à Residência Multiprofissional em Atenção Básica e a Vivência Integrada na Comunidade (VIC), estas últimas coordenadas pela Escola

[4] Espaço de cuidado em práticas integrativas e populares em saúde, implantado em 2017, no município de Currais Novos, sob a coordenação da Rede de Atenção Psicossocial, com práticas de Yoga, Reiki, Aromaterapia, Dança Circular, escalda pés e benzimentos, entre outras, que se ancorava pelos ideais da Educação Popular e pela perspectiva da desmedicalização e autonomia no uso dos psicotrópicos, da saúde do trabalhador e da saúde da pessoa idosa.

[5] As Vivências e Estágios na Realidade do SUS (VER-SUS) é um dos projetos estratégicos de integração ensino-serviço-comunidade, criado em 2003 pelo Ministério da Saúde, com objetivo mobilizar estudantes de graduação para a convivência e apreensão dos sistemas e serviços em saúde, assim como suas instâncias de controle social. O VER-SUS Jurema aconteceu em Currais Novos e sua designação faz alusão à Jurema, uma árvore da caatinga, cuja casca é usada para uma bebida ancestral que concede força, sabedoria e contato com seres do mundo espiritual, servindo aos rituais populares com dança e transe ao som de chocalho e tambor.

Multicampi de Ciências Médicas (EMCM), da UFRN, Campus Caicó. Na VIC como bolsista da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), na condição de apoiadora do projeto. O primeiro desafio posto na RAPS foi implantar um espaço que estivesse alinhado aos cuidados em PICS, Educação Popular, arte e cultura, respeitando as práticas tradicionais utilizadas pela população assistida. Nasce, então, o "Espaço TeraPICS" que funcionava das 8:00 às 20:00 horas e que tinha como objetivos: manejar um processo de desmedicalização, principalmente dos benzodiazepínicos, compartilhado entre a equipe multiprofissional e usuários; promover a saúde dos trabalhadores e fortalecer a saúde da pessoa idosa.

No entanto, foi a atenção à saúde das mulheres que se tornou um verdadeiro acontecimento naquele espaço, com encontros terapêuticos diários que se intercalavam com dança circular, auriculoterapia, reiki, yoga, oficina de poesia, escalda pés, benzimentos, produção de horta comunitária e círculos de cultura, modelando um cuidado compartilhado que só se fortalecia, principalmente no campo da afetividade, dos vínculos e laços sociais. Aos poucos, se podia ver que a maioria delas não tinha vida social desde a juventude e não exercia uma rede de apoio e socialização. Dessas relações, muitas tessituras afetivas se formaram, construindo um elo inabalável entre elas, que se mantém vivo até os dias atuais. O sofrimento psíquico decorrente da dor física, do luto, da insônia, de relações conjugais opressoras, da solidão, do desamparo e tantas outras urgências subjetivas, acabou por se tornar o principal viés dos cuidados construídos coletivamente no Espaço TeraPICS. A experiência junto a essas mulheres me levou a um outro acontecimento, me provocando a refletir criticamente sobre o meu fazer profissional e minha responsabilidade política, ética e social com os coletivos com quem tinha convivido até ali: a Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, promovida pela Fundação Oswaldo Cruz, campus Ceará (Fiocruz-CE), em que, no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), trouxe, em poesia, as dores compartilhadas por elas.

As experiências como a preceptoria na Residência Multiprofissional em Atenção Básica – programa que integra categorias profissionais da área da saúde – e como a Vivência Integrada na Comunidade (VIC), voltada à turma do curso de Medicina, ambos da Escola Multicampi de Ciências Médicas e a comissão organizadora do VER-SUS Jurema (imersão realizada entre as comunidades quilombola, cigana e em terreiros de

matrizes afro-ameríndias localizados em Currais Novos) possibilitaram o aprofundamento da compreensão da arte e da cultura como elementos necessários e transformadores no campo da promoção da saúde e da produção de cuidados, sobretudo, em articulação com os territórios, seus saberes e repertórios populares e tradicionais. Em 2019 faço a travessia (de volta) para a capital Natal, para compor a equipe da Secretaria de Estado da Saúde Pública do Rio Grande do Norte (SESAP/RN), assumindo a Subcoordenadoria de Informação, Educação e Comunicação em Saúde (SIEC), que em 2022 passaria a se chamar Unidade de Políticas Transversais e Promoção da Saúde (UPTPS) e onde tive a oportunidade de articular as políticas de Promoção da Equidade em Saúde, da Educação Popular em Saúde e das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, além de dois comitês compostos pelos segmentos das populações específicas do RN: povos indígenas, quilombolas, ciganos e de terreiros de matriz africana; população em situação de rua, refugiados, apátridas e migrantes; população LGBTQIA+ e povos dos campos e das águas.

Figura 4 – VER-SUS Jurema, Pedra do Cruzeiro, Currais Novos/RN, 2018
Fonte: Arquivos da autora

Figura 5 – Escalda pés, Espaço TeraPICS, Currais Novos/RN, 2018
Fonte: arquivos da autora

Considero que foi a partir desse oficinar, gerador de um artesanato de cuidado, que começaram as primeiras inquietações que mais tarde modelariam aquilo que viemos a chamar por Artesanário – ou Artesanário Popular – em uma de suas versões, impulsionando minha chegada ao mestrado no Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições (PPGCTI), da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). O artesanário, como método, foi delineado em 2020, primeiro ano da maior pandemia já vivida neste século, a pandemia de covid-19, com imposição do *lockdown* como principal medida de controle de sua disseminação. O Artesanário faz ligação do substantivo Artes com o neologismo da ação de praticar as artes e o artesanato, inclusive o artesanato das modalidades de encontro em meio ao *lockdown*, "artesanar". Se na pandemia os seminários em modalidade remota se popularizaram, porque não um seminário com as artes, um artesanário. Um artesanário reuniria arte, artesanato, artesania, artistagem, transcriação, inspirado na cultura e arte popular do semiárido brasileiro. O Artesanário foi nascente coletiva, considerando as vozes das populações específicas do Rio Grande do Norte, as experiências com arte, saúde mental e educação popular e a produção de cuidados e afetos desaguados na cidade e região de Mossoró, oeste potiguar, por ocasião do Seminário Internacional "Sem atenção básica não há controle da pandemia".

Depois dessa presença forte e relevante na SESAP/RN e fruto do percurso no mestrado, recebi o convite de integrar o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), na Secretaria Nacional de Direitos da Pessoa Idosa (SNDPI), para ocupar a Coordenação-Geral de Políticas de Direitos da Pessoa Idosa em Situação de Vulnerabilidade e Múltipla Discriminação, no atual governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, sendo nomeada em junho de 2024. Cabe ressaltar que o Artesanário está entre as metodologias utilizadas no processo formativo dos Agentes de Direitos Humanos, conduzido pela Coordenação-Geral da Política de Envelhecimento Ativo e Saudável (CGEAS), no Programa Envelhecer nos Territórios, lançado pela Portaria MDHC nº 561, de 4 de setembro de 2023 (BRASIL, 2023). A pauta do envelhecimento traz uma nova perspectiva ao Artesanário Popular, ampliando a rede de produção de cuidado e de relação dialógica com os saberes, a memória e a tradição trazidos pelas pessoas idosas com suas experiências e conhecimentos.

Esta dissertação versa sobre a construção metodológica e a defesa do Artesanário como tecnologia social inovadora no escopo da popularização da ciência/da construção do conhecimento, especialmente sob o escopo da Comunicação Popular em Saúde e no campo de interface Arte-Educação-Comunicação-Saúde. A construção de métodos ou o "desenvolvimento metodológico" são convergentes à noção de desenvolvimento tecnológico e inovação, nesse caso em referência aos eixos da difusão, divulgação, disseminação e comunicação da ciência e informação em saúde. "Se concebermos a pesquisa como uma atividade artesanal, isto é, como um trabalho vivo no qual está presente a marca do autor", conforme Solano e colaboradores, podemos pensar também o pesquisador como "artesão intelectual" (SOLANO; BONFADA; SANTOS; PAIVA; ALVINO; MIRANDA, 2010, p. 489). Partindo desta reflexão, podemos pensar que, na pesquisa, também foi possível se fazer/pensar/modelar um **artesanato intelectual**, então a própria pesquisa desta dissertação foi um Artesanário. Assim, o texto dissertativo flertará todo tempo com o artesanário. Ainda que este não seja um mestrado em artes, artesanias ou artesanato, é impossível à artista-em-mim tecer um texto ou pesquisa que não sob o devir-artista. Que seja um Artesanato Intelectual!

APRESENTO A DISSERTAÇÃO

Esta dissertação vem como um Artesanato Intelectual ou um Artesanário Popular, ela própria vem apresentada nos termos daquilo que estuda. Foi estruturada em quatro partes, cada parte um conjunto de títulos e a revelação de percursos de tempo, de escrita, de temporalidades, de escrituras. A dissertação não foi escrita sob as rédeas da academia tradicional, se fez em verso (trazendo versões de etapa, instante ou oportunidade), estrofe (seções do campo empírico com quadros, tabelas, gráficos e "reverso" do eu, do eu pessoal ao eu pós-graduanda) e rima (processo de repetição de tudo que foi dito para que seja ouvido, não somente lido) para contar de um inédito viável, a tecnologia social da comunicação popular em saúde sob a metodologia do Artesanário Popular.

Da **Parte I** consta o projeto apresentado à qualificação da proposta de mestrado acadêmico em cognição, tecnologias e instituições, programa interdisciplinar da área de sociais e humanas. Trata-se de uma versão do tempo de preparação da pesquisadora e da proposta de pesquisa interdisciplinar. Não está no texto atual como copia e cola, foi relido, atualizado em seu tempo verbal e complementado com as novidades das novas versões de tempo e escrita de uma versão, mas se permitirá reconhecer qual era a promessa e qual foi o compromisso atingido.

Na **Parte II** consta o campo, trata-se do grande inventário realizado e da netnografia que, afinal, se revelou muito sutil aos ditames do método, devido às condições objetivas de pesquisa. O trabalho se revelou muito mais extenuante e complexo do que aparecia ao tempo da proposta. Foram 23 Artesanários com duração média de 2 horas, portando 46 horas para uma audição isolada e múltiplos de 46 horas para cada "repescagem de audição". Teve uma média de 457,74 visualizações cada artesanário, o que dá indicação de presença no chat ao vivo e comentários no registro salvo na Internet. A solução foi um quadro único, seguido de tópicos, que mescla inventário e netnografia, talvez de maior domínio da pesquisadora do aquilo que foi possível representar em texto, imagem e recortes. Será preciso confiar nas escritas do método

extraídas.

A **Parte III** está como um artigo que da pesquisa se extrai e a ela presta contas. Do mesmo modo que a rima em um poema, que pode ser rima cruzada, interpolada ou esdrúxula, o artigo tenta esse esforço: cruzar dados e entremear sentidos, aceitando o resultado esdrúxulo se dos dados não se consegui extrair toda a informação possível ou de o artesanário não resultou explicado, justificado, parametrizado, mas o conhecimento está *arranjado*. Quiçá arranjado como no arranjo musical, que é preparação de "uma composição musical para a execução por um grupo específico de vozes ou instrumentos musicais" (MOREIRA, s/d, slide 5). Diz o professor Adan Alves Moreira, docente de música no ensino fundamental: "se isso ficou difícil de entender, arranjo significa de forma simples produzir e transformar uma música já existente. Muitos músicos fazem isso para *dar a sua cara* para uma determinada música, alguns compositores costumam até contratar arranjadores para criarem essa parte específica de suas músicas". Espera-se que o *arranjado* sirva para que grupos de comunicação popular em saúde dele possam se servir para seu desempenho laboral.

A última parte é a **Parte IV**, onde pensamos o artesanário popular como "dissertação", de seu nascedouro como proposta artística ao desenho de um método ou metodologia que possui caminhos, sinais e princípios organizacionais. Nesta parte IV estão os princípios da Fluidez, Essência e Desobediência, com seus respectivos elementos: saberes, arte e cultura e protagonismos territoriais, representados, simbólica e metaforicamente, por uma "Rosa dos Cataventos", palavra inexistente na ciência que apresenta a Rosa dos Ventos, aqui é uma corruptela, quem sabe, pois a seção de um cordel para dizer o que é o Artesanário Popular. Então, é com a linguagem que o artesanário defende que tento explicá-lo, narrá-lo, exemplificá-lo. Na pesquisa sobre o artesanário, a dissertação se fez artesanário.

A conclusão, vem como **despedida**. Se a abertura veio como apresentação (e estamos dentro dela), o fechamento vem como despedida e a ele nos remeteremos todos que tudo conseguirem ler. Avisa-se, na despedida, que a pesquisa acabou no espaço do mestrado (não sabemos se ou como segue), que o curso de mestrado acabou (durou apenas dois anos) e que a dissertação findou (com esse nome , tempo e lugar), passando à etapa de defesa e seu depósito como pesquisa para consultas futuras. Sendo despedida, não é conclusão, é etapa, instante, oportunidade: fechando

microfone, cortinas e o caderno.

Ao final do texto, a **caixa de textos e artes**, revelando o que foi lido, estudado, consultado, incluindo a bibliografia e as músicas e poesias. Existem milhões de referências, já que ninguém pensa ou escreve sozinha, nem vive de leituras e escritas. Trago algumas em meio à diversidade. De verdade, com mais tempo essa seção poderia apresentar mais consistência com a realidade, estando organizada de modo que todo leitor tivesse acesso ao ocorrido e, talvez, se identificasse e se sentisse menos solitário, como eu mesma me senti, não fosse um mínimo de autorização como a encontrada no PPGCTI e em meu orientador.

PARTE I

VERSO E REVERSO: A QUALIFICAÇÃO DA PROPOSTA, UMA VERSÃO

COMUNICAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: INFORMAÇÃO, DIVULGAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POPULAR

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros (2020)

O cenário pandêmico, decorrente da covid-19, foi sinalizado, inicialmente, em dezembro de 2019, em Wuhan, China, e decretado mundialmente em março de 2020 como a pandemia de um novo coronavírus, provocando, mundialmente, danos irreparáveis. No tocante à

conjuntura brasileira, muitos foram os retrocessos provocados, sobretudo no campo dos direitos humanos, sociais, sanitários e políticos resultantes de anos de luta e garantidos por nossa Constituição Federal. Medidas de quarentena foram estabelecidas para garantir o isolamento social, recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelo Ministério de Saúde do Brasil, ativando drásticas mudanças no cotidiano das pessoas, com recomendações que, pouco a pouco, iam sendo lançadas como garantia de sobrevivência para evitar o contágio pelo ar, tais como circulação restrita de transporte público, fechamento de instituições de ensino (obrigadas a criar o Ensino Remoto Emergencial), atividades comerciais reduzidas, controle da circulação de pessoas, além de medidas sanitárias e de higienização como o uso de máscaras e do álcool em gel. (GALHARDI; FREIRE; MINAYO; FAGUNDES, 2020).

No comando do governo federal, em contraponto, o Sistema Único de Saúde, em lugar de avançar no cuidado e informação popular relativos à pandemia, no lugar de usar da comunicação e educação popular em defesa da saúde, dissolveu informação, comunicação e educação de escopo na proteção sanitária para o caminho de *fake news*, lideradas pelo próprio presidente da república. Em lugar da difusão da informação, a dissolução da informação organizada. Em lugar da comunicação responsável, uma profusão surpreendente de piadas de mau gosto. O SUS foi atacado, tendo a sua resolutividade e importância fortemente questionadas, com a desvalorização da Atenção Básica, da imunização e da ciência e a invalidação do conhecimento popular em saúde. Em lugar de comunicação popular, um verdadeiro tsunami de *fake news* (notícias falsas), principal estratégia utilizada pelo neofascismo impregnado pelo governo Bolsonaro, que ganhou poderosa força entre a extrema direita, desconsiderando os princípios da ética e transparência prioritários na comunicação. Esse arranjo utilizado pelo governo federal e seus adeptos, promoveu o movimento antivacina e pro-ivermectina, desrespeitando abertamente, nas redes de comunicação, as orientações sanitárias referentes às medidas de segurança e proteção contra a covid-19, colocando em risco a vida da população.

Pautado por um discurso de ódio, embasado no fundamentalismo cristão, em nome “de Deus, da Família e da Pátria”, o bolsonarismo defendia o uso de armamento e a defesa do militarismo, utilizando os ideais positivistas como elementos fundamentais para justificar seus argumentos anticiência, imbuídos pelo discurso da ordem e da moral. Essa estratégia legitimou questões como a cultura manicomial, o racismo, a

LGBTQIA+fobia, o feminicídio, a intolerância religiosa, a pobreza e a desigualdade social, reconfigurando um contexto social, cultural, político e econômico segregador, historicamente instituído no Brasil, nos mostrando, vergonhosamente, que os maiores danos provocado pela covid-19 tinham raça, cor, etnia, gênero e religião. Cientistas, estudiosos e especialistas, por sua vez, levados pela emergência que se desenhava, adotavam termos técnicos, muitas vezes inacessíveis às camadas mais vulnerabilizadas, como webinários, lockdown, fake news, chat, home office, numa linguagem que não se traduzia nos meios populares de informação e comunicação. Os meios tecnológicos que emergiram desse cenário, numa sucessão de encontros virtuais, uso desenfreado de salas remotas, divulgavam boletins epidemiológicos que não traziam o perfil das mortes com recortes de raça/cor, etnia, gênero, sexualidade, tornando-se um mecanismo de informação e comunicação pouquíssimo utilizado pelos movimentos sociais que se protegiam por outros caminhos e estratégias.

Aprofunda-se nesse panorama, o uso danoso, com repercussões de alcance imediato, do que alguns autores denominam de pós-verdade, estratégia que, no campo da informação, fomenta retrocessos históricos, estabelece uma cultura do ódio e, mais que questionar os resultados alcançados pela ciência, os relativiza com versões falaciosas de fatos sem compromisso com a verdade (MARQUES; MELO; ALVES, 2022). Essa estratégia, associada à desinformação, tornou-se popular no cenário político em 2016, quando das eleições presidenciais nos Estados Unidos, sendo utilizada na repercussão de mentiras ditas para fragilizar a imagem dos candidatos oponentes. Em 2018, esse mecanismo foi responsável pelo crescimento da popularidade de Jair Messias Bolsonaro que, utilizando massivamente o elemento das inverdades, desqualificações, valores conservadores “em defesa” da família e da fé como bem maior e de um patriotismo irracional, acabou assumindo a presidência da República do Brasil, sufocando, literalmente, a democracia e a vida do povo brasileiro. Durante quatro anos, a gestão federal se seguia pautada pela necropolítica; negação de direitos humanos, de cidadania e da diversidade; desvalorização da ciência, da educação e da pesquisa e, ainda descredibilizado o SUS. “Portanto é no contexto político que as notícias e falas falsas saíram do âmbito do jornalismo para serem usadas como tática de marketing eleitoral... É a primeira vez que o mundo enfrenta uma pandemia nessa era digital de marketing político, era também chamada de pós-verdade” (GALHARDI; FREIRE; MINAYO; FAGUNDES, 2020, p. 4203).

A extrema direita promoveu uma onda de *fake news* embasadas no repúdio às múltiplas formas de convivência e solidariedade popular, reproduzindo desinformação por meio dos meios tecnológicos e assistindo à radical vulnerabilização da arte popular, dos artistas de rua, das escolas de arte, dos meios artísticos, da arte-espetáculo e todas as formas de geração de renda presentes no mundo das artes. Sequer um Ministério da Cultura havia agora no governo Bolsonaro, tornado um setor do Ministério do Turismo, tampouco articulou qualquer interface entre arte, cultura, diversidade turística, interlocução entre estados e países na promoção ampliada da vida. Sobre as práticas da desinformação, Brisola e Bezerra (2018, p. 3319) sustentaram que "a desinformação envolve[u] informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga[va] a realidade, distorc[ia], subtra[ía], rotula[va] ou confund[ia]". A divulgação, por sua vez, atrelada aos meios tecnológicos e à onda de pós-verdades e *fake news*, lançadas em larga escala e com gigantes proporções de disseminação, punham em xeque a credibilidade das instituições como a imprensa, a ciência e as elites intelectuais historicamente reconhecidas por desempenhar a verdade dos fatos (GALHARDI; FREIRE; MINAYO; FAGUNDES, 2020). Embora pouco ventilada em todas as denúncias pela aniquilação da ciência, a prática popular de produção e divulgação de conhecimento em saúde foi igualmente aniquilada.

Testemunhamos um caos civilizatório, se considerarmos o acesso da população a uma divulgação falaciosa, de proporções gigantescas e imediatas, sem filtro e criticidade, tornando-a totalmente refém de um poder invisível que crescia desenfreadamente, disseminando o medo da morte e a dúvida quanto aos mecanismos de proteção, provocando risco de infecção, aumento dos casos de acometimento e morte. Tornava-se necessário criar mecanismos de popularização da ciência e da comunicação, de democratização da informação e da divulgação dos fatos com estratégias que superassem o contrassenso reproduzido pelas mídias sociais falaciosas segundo suas medidas de alienação e *corrupção* de valores, se considerarmos a etimologia desta palavra que vem do latim. *Corruptus* significa justamente "quebrar aos pedaços". Os segmentos sociais construíam seu repertório de sobrevivência e proteção territorial, produzindo cuidados embasados na solidariedade e na sabedoria popular, organizando sua força mobilizatória na busca de informações e direitos sanitários, pautados pelos princípios da Educação Popular e dos Direitos Humanos no SUS. A exemplo, surgem as experiências em vigilância popular em saúde e meio ambiente, espalhadas pelo Brasil, como respostas aos agravos relacionados à covid-19, aos impactos ambientais decorrentes do uso de agrotóxicos, da implantação de parques eólicos,

sobretudo nas áreas rurais, e a exploração dos territórios ocupados em reservas indígenas, assentamentos e comunidades que deveriam estar ambientalmente protegidas.

> Essas populações também possuem diversos saberes e inúmeras práticas desconsideradas pelas concepções e ações de vigilância e promoção da saúde. Na condição de camponeses (as) e agricultores (as), pescadores (as)s artesanais, indígenas e quilombolas, todos e todas são sujeitos fundamentais, tanto para a segurança e soberania alimentar nos campos e nas cidades, como para a manutenção da biodiversidade e sustentabilidade de diversos ecossistemas. Por isso, lutam pela vida e pelos seus sistemas de saberes, concepções de saúde e economias que funcionam em harmonia com a natureza (CARNEIRO; PESSOA, 2020, p. 5).

Questões básicas como a orientação de não sair de casa, lavar as mãos com água e sabão, usar álcool e máscara revelaram a real situação da maioria dos brasileiros, pois como dar conta de um básico que não se tem habitualmente? Sem água potável, sabão, comida? Contrapondo-se à essa lógica excludente e abusiva, importantes manifestações pautadas pela Comunicação Popular foram acionadas pelas comunidades, favelas e periferias, como os projetos "Agentes Populares de Saúde", iniciado em Pernambuco, e "Jovens Comunicadores em Saúde", iniciado em Niterói, ambos com base territorial, solidária e crítica, buscando minimizar os danos sociais e sanitários decorrentes da covid-19 e, ao mesmo tempo, garantir informação e comunicação acessível à população.

> Em tempo de pandemia da covid-19, onde as dúvidas sufocaram as certezas e discursos circulam entre notícias falsas/verdadeiras, com consequências concretas nas vidas das pessoas, a construção de um diagnóstico participativo pode ser ponto estruturante para produção de respostas mais aceitáveis e efetivas para a produção de cuidado. Um cuidado que não despreza a realidade, mas dialoga com as possibilidades de sujeitos, territórios e história de cada um e também de todos. Uma contagem para além da numérica (LATGÉ; ARAÚJO; SILVA Jr, 2020, p. 126)

As experiências em Comunicação Popular não nascem na pandemia da covid-19, elas emergem em resposta à ditadura militar e suas condutas de censura e repressão e se fortalecem nos anos 1970 e 1980, durante as mobilizações populares, operárias e religiosas pela redemocratização do país, ressoando um movimento contra-hegemônico às estruturas de poder instituídas. Desse contexto, destacam-se os centros de documentação, educação e comunicação popular mantidos, em sua maioria, pelas alas progressistas da Igreja Católica, pastorais

sociais e igreja protestante, alinhadas à Teologia da Libertação, que apoiavam as lutas populares da cidade e do campo, oferecendo cursos voltados à Comunicação e Educação Popular, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e a Pastoral da Terra. A igreja se configurava, naquele contexto ditatorial e repressivo, como um potente caminho de resistência e de reconstrução de um fazer político, crítico e reflexivo da classe operária, tendo como participantes ativos, militantes e intelectuais que conseguiram se manter no Brasil. Datam desse período a fundação do Centro Pastoral Vergueiro (CPV) e do Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista (CEMI), ambos localizados em São Paulo, onde se concentravam, sobretudo, grupos sindicais da cidade e do campo. O CEMI foi responsável pela criação do Jornal Grita Povo e da Rádio do Povo e de formações importantes voltadas à comunicação popular. (ALBERTI, 2022).

Outros jornais importantes de base popular foram lançados nesse período como O Pasquim (1969), Opinião (1972), Movimento (1975) e Em Tempo (1977), eles tinham como objetivo divulgar o que não passava pelo crivo militar, tornando a comunicação acessível à população. Destaca-se ainda o jornal Porantim (1979), que contribuía nas denúncias de crimes contra os indígenas e o jornal feminista Mulherio (1982). Para Paulo Freire (1983), uma das principais referências da comunicação popular no Brasil e na América Latina, “o sujeito pensante não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto”. Freire lança “Extención o Comunicación?”, em 1969, no Chile, pelo Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria. Esse processo de coparticipação no ato de pensar, reforçado por Freire, se dá, reciprocamente, na comunicação. Uma comunicação embasada no diálogo e na problematização como elementos de superação da opressão, que possibilita a criticidade e a transformação do ser humano. “É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito” (FREIRE, 1983, p. 45).

Peruzzo (2008), na sua definição, nos diz que a Comunicação Popular está atrelada ao “povo” como protagonista do processo (suas mobilizações), “desde a literatura de cordel até a comunicação comunitária”. Acrescenta ainda que “do panfleto ao jornalzinho e dele ao blog e ao website na Internet, do megafone ao alto-falante e dele à rádio comunitária, do slide ao vídeo e dele à TV Livre e ao Canal Comunitário da

televisão a cabo, são evidências do exercício concreto do direito à comunicação como mecanismo facilitador das lutas pela conquista ou ampliação dos direitos de cidadania, incluindo o de comunicar" (PERUZZO, 2013, p. 166). Pavarati traduz a Comunicação Popular pelo viés da cultura e ancestralidade, destacando que:

> A comunicação comunitária se caracteriza como popular, pois a cultura, os saberes, os modos e os fazeres são transmitidos, de geração a geração, predominantemente pela oralidade, com o sentido de transferir conhecimentos, utilizando-se das manifestações culturais, na maioria baseadas no folclore, e praticadas com esmero pelos membros mais antigos. Cria-se sentimento de pertença nos mais jovens, incentivando a manutenção e perpetuação da cultura. (PAVARATI, 2022, p. 381).

INFORM(AÇÃO), DIVULG(AÇÃO) E PARTICIP(AÇÃO) POPULAR: ÁGUAS DE UMA INUND(AÇÃO)

Informação e Comunicação comumente estão associadas e, por isso, se confundem como sinônimos, carecendo de definições mais minuciosas e melhor compreendidas entre os diversos saberes. Essa relação nem sempre foi assim, e tem passado por alterações ao longo da história, acompanhando os contextos e conjunturas que se apresentam, muitas vezes, alterando o curso do processo dessa relação. No âmbito da saúde, com a criação do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, em 1923, a informação ficou atrelada a dados estatísticos ligados à epidemiologia, sem estabelecer relação com a comunicação que, por sua vez, ficou associada à educação (ARAÚJO; CARDOSO, 2007). De acordo com Araújo e Cardoso (2007, p. 31), "de modo muito genérico, a informação aprofundou os fundamentos e métodos da produção de dados e sua conversão em informação, e a comunicação deu mais atenção aos procedimentos pelos quais a informação pode ser tratada, circular e ser transformada em saberes pelas pessoas e instituições". De lá pra cá, cada uma foi se adequando a contextos sociais, políticos, sanitários e conjunturais que, de alguma forma, passou a conectá-las, provocando essa associação e interlocução entre as duas, muito embora, "do ponto de vista teórico, comunicação e informação [tenham] as mesmas matrizes, localizadas na teoria geral dos sistemas, na cibernética, na teoria matemática da comunicação (ou modelo informacional)" (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 31). Importante que cada área seja compreendida na sua dimensão e possibilidade de articulação, evitando um desajuste que interfira, inclusive, no curso das relações sociais, políticas e históricas. É o que Inesita Araújo e Janine Cardoso reforçam:

> No entanto, por diversos caminhos e razões de ordem teórica e política, principalmente, nos nossos dias cada vez mais a "informação" vem sendo usada de forma substitutiva a "comunicação" um procedimento que pode prejudicar a compreensão dos processos sociais implícitos e implicados no conceito de comunicação, assim como das dimensões histórica, política e econômica das relações sociais, além de dificultar a percepção dos interesses em luta (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 31).

Décio Pignatari (2022, p. 22), no seu livro "Informação, Linguagens, Comunicação", com primeira edição em 1968, traz alguns conceitos

de informação e de como esta se configura no processo de comunicação. A informação, segundo o autor, "deve ter uma fonte e um destino distintos no tempo e no espaço onde se origina a cadeia que os une e que constitui o canal de comunicação". Para que a informação transite por essa cadeia, ela utiliza sinais de transmissão, denominados de codificação e que são operacionalizados pelo transmissor ou emissor que destina a codificação ao receptor que "reconverte a informação à sua forma original, decodificando-a com vistas ao seu destinatário". A divulgação, por sua vez, constitui uma relação intrínseca com a informação e comunicação, pois assume um lugar estratégico nessa relação por meio dos mecanismos que cria ou utiliza para circular, em vários níveis de articulação e propagação, aquilo que se pretende alcançar, expandir e, por que não dizer, viralizar. Curiosamente, a etimologia da palavra divulgação está relacionada ao antepositivo vulg, que no latim significa povo, plebe, mas que nos vocábulos de origem latina surge como vulgar, vulgo (CARIBÉ, 2015). Isso nos provoca a reflexão sobre a relação estigmatizante a qual a palavra está relacionada/codificada e de como isso se perpetua nas relações de poder, sobretudo, na produção/reprodução do conhecimento, onde o popular ocupa o lugar de vulgar, estigmatizado entre as classes dominantes.

> A circulação da informação é fundamental para a sobrevivência do movimento. Ela tem que alimentar o movimento popular, o movimento depende dela. E tem que existir mecanismos importantes para fazer essa ligação… E a circulação da informação implica a democratização da informação e a apropriação de determinados conhecimentos que são chave do ponto de vista da organização política do movimento popular, para a conquista daquelas questões da cidadania. Senão, a informação fica restrita a determinados grupos. (Ernani, agente da ONG "Movimento Maré Limpa", Nova Holanda, complexo de favelas da Maré, Rio de Janeiro, apud MARTELETO, 2009, p. 43).

Ocupando e demarcando um lugar contra-hegemônico no campo da comunicação, informação e divulgação as populações encontram força na Educação Popular, essa inund(ação) que propõe uma construção compartilhada do conhecimento, onde o conhecimento popular é basilar e onde se fortalecem os mecanismos de participação popular. "O reconhecimento, a escuta e o diálogo com o saber popular levariam os diversos grupos e atores sociais a gerarem informações para as políticas públicas e para a promoção da democratização do acesso às informações produzidas socialmente" (MARTELETO, 2009). Embasados por essa compreensão do fazer crítico, político e reflexivo embutido na comunicação popular e pautados pelo diálogo, problematização e protagonismos territoriais das populações, o estado do Rio Grande do Norte,

junto à Secretaria de Estado da Saúde Pública (SESAP) e à sua Subcoordenadoria de Informação, Educação e Comunicação (SIEC), mais tarde passando à Unidade de Políticas Transversais e Promoção da Saúde (UPTPS), conduziu importantes articulações com as populações específicas, representantes dos movimentos sociais presentes nos comitês técnicos de "equidade em saúde" e "saúde da população negra e quilombola", áreas técnicas, instituições de ensino e intersetorialidade, em resposta às emergências epidêmicas pautadas pelas populações. Entre as estratégias adotadas, destacam-se:

- elaboração de sete planos emergenciais de enfrentamento à covid-19, voltados às especificidades das populações indígena, negra, quilombola e de periferia, cigana, LGBTQIA+, povos de terreiros de matriz africana, população do campo e das águas e população em situação de rua, em 2020;
- contribuição e fortalecimento das experiências de vigilância popular junto à população em situação de rua e a população indígena, em 2020;
- elaboração do diagnóstico de saúde da população LGBTQIA+ e de saúde da população indígena, em 2022;
- coordenação do projeto "Cirandas da Equidade", voltado à participação popular na construção da Política Estadual de Atenção Integral à Saúde da Mulher, em 2022; e
- participação na comissão organizadora da primeira edição do VER-SUS Potiguar.

Esse panorama impulsionou a *nascença* do inédito Artesanário, partindo das conexões, diálogos e articulações entre a arte, a comunicação e a Educação Popular, permeadas pela polifonia impressa nos coletivos articulados nessa trajetória, sendo utilizado amplamente durante a covid-19, um *acontecimento* desde as linguagens do nordeste brasileiro. Um desagu(arte) que se propagou por muitos braços de rios ecorrentezas do SUS e dos encontros pautados no cuidado.

COMUNICAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: EMERGÊNCIA DE UMA TECNOLOGIA INOVADORA

Diante da necessidade de frentes emergenciais e respostas sanitárias de garantia da vida e manejo da morte, decorrente da covid-19, os meios tecnológicos tornaram-se o principal viés de comunicação entre todas as classes sociais. De um lado, a ciência, comprometida eticamente com a vida, numa desenfreada busca de alternativas à emergência posta, se utilizava de termos e expressões de ordem técnica e científica que não alcançavam a grande massa. Por outro lado, foi nesse cenário que a extrema direita, liderada por Bolsonaro e seus apoiadores, viu espaço para utilizar as notícias falsas, popularmente conhecidas por *fake news*, e desqualificar a ciência e a imprensa, alcançando vertiginosamente todas as camadas populacionais, fazendo da pandemia um objeto de *marketing* político. A pandemia de covid-19 trouxe desafios importantes no campo da comunicação e produção de conhecimento, onde era preciso responder às demandas impostas pela emergência sanitária garantindo o alcance das populações, sobretudo diante de uma onda de *fake news* que atingia diretamente às classes mais desprotegidas, mostrando que as medidas sanitárias precisavam dialogar com a realidade do povo brasileiro a partir das práticas e saberes populares, difundidos no processo de proteção produzido nos territórios. Articular esses saberes à ciência e tecnologia se fazia urgente.

No âmbito do SUS, não se tratava de um recurso novo o uso da tecnologia. Ela já se ajustava ao escopo de produto e processo de trabalho nos mais diversos equipamentos da saúde como elemento necessário nas práticas de cuidado. Merhy (1997) classifica a tecnologia em três categorias: tecnologias duras, leve-duras e leves, levando em conta os saberes presentes nas singularidades dos serviços e das relações humanas organizadas nesse processo. As tecnologias de trabalho em saúde são tipificadas em tecnologias duras (instrumentos, equipamentos, normas), tecnologias leve-duras (conhecimento técnico estruturado) e tecnologias leves (relações entre agentes que só têm materialidade em ato) (MERHY, 1997). Na educação, por sua vez, a tecnologia tem sido utilizada amplamente nas últimas décadas. Desde o aumento considerável das práticas de educação à distância (EAD) e seus ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), ao uso do computador, jogos interativos, e-books (livros virtuais), tablets e o próprio aparelho celular, temos um panorama de como o fazer tecnológico está presente nas redes de ensino. Durante

a covid-19, esse processo se aprofundou com as medidas de segurança que levaram as escolas e universidades a mudarem suas rotinas, substituindo as aulas presenciais por aulas remotas, precisando se adaptarem aos moldes tecnológicos de ensino e aprendizagem, cumprindo as orientações da Portaria n° 343, de 17 de março de 2020, do Ministério da Educação, que dispunha sobre a substituição das aulas presenciais por aulas remotas enquanto durasse a situação de pandemia do novo coronavírus.

Sobre o uso das tecnologias na educação, Freire nos aponta que "Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado" (FREIRE, 2018, p. 35). Reforça, ainda, que o pensar certo está atrelado "à disponibilidade ao risco, à aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, e à rejeição a qualquer forma de discriminação" (FREIRE, 2018, p. 36). A pandemia não só intensificou o uso das tecnologias, como as legitimou como ferramentas de acesso à informação e comunicação entre os mais diversos segmentos sociais e instituições, trazendo-as para a realidade do mundo do trabalho, reconfigurando-o, e exigindo novos moldes e adaptações da classe trabalhadora.

ARTESANÁRIO: ARTISTAR A INFORMAÇÃO PARA PROMOVER A COMUNICAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Com a inviabilidade de encontros presenciais, decorrentes da quarentena e do isolamento social, nasce o Artesanário, *fulorando* no meio dessa agudizada configuração pautada na solidão, sensação de desassistência, desamparo, invisibilidade, medo e necessidade de respostas imediatas que pudessem fazer as mais variadas vozes ecoarem na produção de cuidado e na resistência territorial, coletiva, solidária e popular. Era emergente a necessidade de alterar essa relação subalterna com a tecnologia posta naquele contexto, ressignificando a relação com a população, suas existencialidades e seus saberes. Uma proposta idealizada, inicialmente, da interlocução entre arte, artesanato, artesania, seminário (em contraste ao Webinário), maturado pela cultura, saúde mental, educação popular, promoção da saúde e políticas de equidade e decolonização. Um fazer ciência em arte popular e artesanato na encruzilhada entre comunicação e educação popular, rebuscado de *vivenciamento* nas terras potiguares, sobretudo nos polos culturais do Seridó, de Natal e de Mossoró. Uma metodologia de comunicação entre divulgação científica, divulgação artística e educação popular em saúde, introduzida em 2020, durante a pandemia de covid-19.

O processo de semeadura dessa *epistemologia* se alarga por entre outros (a)braços de águas que correm e se cruzam em linhas de travessia latino-americana e ítalo-brasileira. O Artesanário é usado em um evento do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) e em um evento do Laboratorio italo-brasiliano di formazione, ricerca e pratiche in salute collettiva, imprimindo-se, nesses contextos, um inovador e criativo instrumento de divulgação e difusão científica, divulgação artística, educação e comunicação popular em saúde, promovendo diálogos entre os mais variados saberes e impulsionando a produção artesanal de uma comunicação democrática, científica e popular de promoção da vida e dos direitos humanos, sanitários e sociais, envolvendo experiências humanas numa perspectiva das transformações societárias, sobretudo no período pandêmico, sua gênese. O Artesanário é parte de uma sucessão de encontros e saberes coletivos que, em ciranda, se misturaram ao longo desse passo de dança em mãos entrelaçadas até aqui. Bebe da fonte de Vera Dantas, médica e educadora popular cearense, com seu “Espaço Ekobé”, cirandas verianas com a medicina comunitária e com a Arte e Educação Popular; se encanta com a “Cenopoesia”, de Ray Lima, e o

movimento de “Teatro Popular Escambo”, de Ray Lima, Josi Dantas, Vera Dantas e Júnio Santos; faz morada na “Tenda do Conto”, inspiração de Jaqueline Abrantes, em Natal; se amostra com as “Mandalas Formativas” criadas por Lorrainy (Sol)ano e en(Sol)aradas nos territórios de Mossoró; enlou(cresce) nos movimentos antimanicomiais como o “Oficinando em Redes”, idealizados por Karla Demoly, usuários e familiares do CAPS Mossoró, e “Ins(piração) na Praça”, criado coletivamente com usuários e familiares do CAPS de Currais Novos; se lança nas ondas da “Rádio Literária Carrapato”, programa Minuto Saúde desenvolvido por Erika Formiga, do Crato/CE e revoa.

A arte popular, em todas as suas manifestações e particularidades, encontra força nesse fazer, levantando seu acampamento, sua lona, seu terreiro, sua ciranda, provocando um movimento inovador de ciência popular ou popularização da ciência, partindo da experiência e da voz dos territórios, dos saberes vivos e pulsantes desses ambientes, desses comunicadores e dos seus “territórios existenciais”, como bem denomina Guattari:

> Falaremos aqui, de preferência, de um paradigma proto-estético, querendo com isso assinalar que não estamos nos referindo a arte institucionalizada, as suas obras manifestadas no campo social, mas a uma dimensão de criação em estado nascente, perpetuamente acima de si mesma, potência de emergência subsumindo permanentemente a contingência e as vicissitudes de passagem a ser dos universos materiais. Horizonte remanescente do tempo discursivo – o tempo batido pelos relógios sociais – uma duração eternitária habita com espantosa intensidade o afeto da subjetividade territorializada, escapando da alternativa lembrança-esquecimento. O território existencial, aqui, se faz ao mesmo tempo terra natal, pertencimento do eu, amor do clã, efusão cósmica (GUATTARI, 1992, p. 130-31).

O Artesanário, em sua nascença, partiu da articulação coletiva entre gestão estadual da saúde do Rio Grande do Norte (onde estavam sendo conduzidas as Políticas de Promoção da Equidade em Saúde e Educação Popular em Saúde), os movimentos sociais e os coletivos que se formaram no período pandêmico. O saber popular e o saber científico, em interlocução, provocando reflexões e proposições que contribuíssem junto à crise sanitária em debate, fomentando o movimento realizado nos territórios a interagir com a arte popular, a cultura e a produção de cuidados e saberes tradicionais já realizada nas comunidades, terreiros, aldeias, calçadas, mobilizações protagonizadas pela juventude e outras tantas manifestações.

CONVERSAÇÃO METODOLÓGICA: INVENTÁRIO E NETNOGRAFIA

Importantes coletivos foram imprescindíveis para o fortalecimento do Artesanário, contribuindo para sua maturação como campo metodológico de educação e comunicação popular, como: Associação Científica Rede Unida (Rede Unida), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fundação Oswaldo Cruz – CE (Fiocruz-CE), Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Norte (ESP/RN), ONG Brasil Saúde e Ação (BRASA), Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), Rede HumanizaSUS, Laboratorio italo-brasiliano di formazione, ricerca e pratiche in salute collettiva, entre outros gerados ou articulados na covid-19, compostos por estudantes, usuários e usuárias, trabalhadoras e trabalhadores do SUS de várias regiões do Brasil, sobretudo, do Rio Grande do Norte. A necessidade de se criar um instrumento equânime, de caráter reflexivo e político de produção de vida que pudesse conectar os diversos saberes, fez do Artesanário uma tecnologia de integração entre ensino, serviço e comunidade verdadeiramente alinhado "às necessidades de saúde das pessoas e das populações, da gestão setorial e do controle social em saúde, redimensionando o desenvolvimento da autonomia das pessoas até a condição de influência na formulação de políticas do cuidado" (CECCIM; FEUERWERKER, 2004, p. 43).

O propósito desta pesquisa foi traçar a linha do tempo do Artesanário, a partir da produção do vivido, desde sua criação – como ideia – até a sua ampliação nos diversos espaços de produção de conhecimento, sobretudo durante o enfrentamento à covid-19, de modo a ampliar a nossa compreensão sobre como tem se dado sua maturação como campo metodológico da Comunicação Popular, tornando-o uma metodologia democrática e acessível, disponível à divulgação, disseminação e popularização do conhecimento, mas também à produção, apropriação e circulação do conhecimento. Como questão problema, nossa pesquisa se propôs a justificar o conceito e a prática do Artesanário, emergente no período da pandemia de covid-19, como tecnologia de comunicação popular. Para alcançarmos esse fim, nos detivemos às seguintes perguntas: O que é o Artesanário? Quais deslocamentos e transformações o Artesanário promoveu na educação e comunicação em saúde, considerando o

contexto da pandemia de covid-19? Como o Artesanário foi construído e se efetivou metodologicamente?

O caminho metodológico percorrido transitou entre o inventário e a netnografia. O primeiro, traz a prática de inventariar, *cascaviando* as tessituras produzidas pelos artesanários, suas memórias, imagens, sons, palavras, cores, revelando o que não foi visto, traduzindo o que os encontros provocaram, os inéditos viáveis. O segundo, a NETnografia, subsidiou esse percurso pelos mais variados caminhos utilizados para o acesso e contato com o que foi produzido científica e popularmente nessa teia, nessa rede de produção de saberes (sites, redes sociais, google meet, YouTube, Zoom, rádios-livros, produção audiovisual etc.).

OBJETIVOS, FINALIDADES, DESEJOS, JÁ QUE A ESPERANÇA É ÚLTIMA QUE MORRE

O objetivo geral da pesquisa foi aquele de oferecer à comunidade científica e da educação popular em saúde uma tecnologia de comunicação que articulasse ciência, comunicação e arte, em especial a arte popular, arte de rua/arte de estrada.

Os objetivos específicos declarados ao projeto de pesquisa foram:

- apresentar uma linha do tempo da emergência da metodologia Artesanário como instrumento da Educação e Comunicação Popular em Saúde;
- identificar os caminhos pragmáticos do Artesanário como uma inovadora e criativa metodologia de interlocução entre divulgação científica, divulgação artística e comunicação popular em saúde;
- promover uma compreensão do Artesanário como metodologia do encontro e da produção em ato da Comunicação Popular.

Nossa rota foi de aguaceiros, rituais de memórias, lendas e redes. Parte de correntezas entre rios e mares, pororocando[6] margens e nascentes. O produto foi um afluente na seca do semiárido potiguar, onde a vida se ressignifica de seca em verde, resguardando a vida em cada talo seco que verdeja a cada gota de água, que retém água-vida pronta para verdejar em segredos terranos. A chegada da chuva de toró arrebentando o céu em estrondoso rasgar de trovões sabe o que fazer. É no aprendizado do resguardo, em aridez, que a relação com a terra se purifica, feito um p(c)acto e se estreita pelo aceiro[7] da estrada quente e *amarelosa*. Mergulhamos em imagens e pequenas lembranças que se desenharam no campo afetivo, de crença e respeito aos saberes que aprendemos desde a infância, como umbigo de menino novo enterrado no quintal da gente, como primeiro dente caído, jogado em cima do telhado da casa, como fotografia desbotada dos avós, pendurada na parede. Um inventariado de registros partiu de uma terra oscilante entre a seca e a chuva, entre o verde e o cinza da vegetação, num ritmo que trouxe a

[6] Ato ou efeito da pororoca (metáfora), provocando encontro das águas, invadindo margens e carregando tudo.
[7] Faixas que se estendem ao longo das cercas e matas feitas para evitar incêndios na vegetação.

herança mineral, o algodão mocó, a arte e a cultura impregnado nas histórias e gerações. Para inventariar o artesanário foi preciso abrir caixas e gavetas, escavar o que havia em mim, sobre mim e para mim ao longo da minha trajetória, da minha relação familiar e ancestral, do amor à minha terra em todas as suas tessituras, da água que me batiza em poesia e canção, dos rios e açudes desembestados, sangrando tudo, a correr dentro de mim, do Seridó que pulsa em minha voz.

> O rio, estancado em açude, continua depois, em verde sinuoso de capinzais, copas de mangueiras, leques de coqueiros ou canaviais penteados pelo vento. Milhões de metros cúbicos de água-doce, fria e cheirosa – é que a água nos desertos também cheira – esbarrados pela muralha da parede, aninham peixes, criam vazantes, dão de beber à criação, fazem crescer raízes, caules, folhas, flores e frutos e se esclerosam em veias pela terra adentro, esverdeando em folhas os sedentos chãos cinzentos daqueles sertões (FARIA, 2012, p. 13).

É nessa devoção à terra e ao seu percurso no caminho das águas (seja pela convivência com a seca, pela espera de chuva ou por sua chegada), à minha ancestralidade e às histórias que trago no meu baú de memórias que esta pesquisa se desenhou metodologicamente, numa confluência[8] entre o inventário de prática e a netnografia, desembocando no Artesanário, que se constituiu, cartograficamente, pela memória do vivido e pelos registros propostos aqui na prática de inventariar, a partir de análises documentais/virtuais daqueles artesanários produzidos durante a covid-19, mas que atravessaram também as experiências e práticas as quais vivenciei, aprendi, apreendi e compartilhei até aqui.

Tratamos um percurso metodológico narrativo configurado a partir de análise documental conduzida por dois mapas, sendo um descritivo e quantitativo acerca dos artesanários produzidos durante a covid-19; e o outro, qualitativo e descritivo em que tentamos resgatar, catalogar e sistematizar os artesanários. Buscamos, nesse discurso narrativo, inventariar os artesanários num ritual de botija encantada[9], recuperando os encontros, temas, público, atmosfera, arte, saberes, falas e pessoas envolvidas, resgatando as interlocuções pautadas e provocadas, procurando decifrar e revelar detalhes do que foi produzido nos encontros virtuais com o recurso metodológico da netnografia que nos conduziu a uma

[8] Confluência: ponto de junção entre dois fluxos d'água para formar um novo rio.
[9] Lenda nordestina ligada a tesouros escondidos e assombrações, que segue um ritual que começa numa revelação em sonho e segue num percurso que deve ser realizado à noite, em segredo e com riscos de visões assombrosas com o intuito de desviar a atenção da pessoa escolhida até sua chegada no lugar revelado.

navegação cibernética, nos lançando à rede e todas as suas interfaces de conectividade.

Prado, Frauendorf e Chautz (2018), assim como Morais (2006), me provocaram a pensar a polifonia da palavra inventariar e suas (deriva)ações. No dicionário, a palavra inventário vem do verbo inventariar. INVENTARIO é o mesmo que: enumero, listo, alisto, arrolo, relaciono e catalogo. INVENTARIAR, por sua vez, nasce como termo jurídico que expressa: realizar o inventário de; a descrição pormenorizada do patrimônio de alguém que faleceu para que se dê a partilha de bens; estabelecer uma relação com; enumerar várias coisas; listar ou catalogar; fazer uma enumeração detalhada; descrever (alguma coisa) com riqueza de detalhes. Uma palavra que carrega antiquários na sua raiz e que, entre prefixos e sufixos, nos dá a dimensão criativa de um palavreado cheio de possibilidades. O inventário traz o que está guardado, o que por alguma razão se desbotou, adormeceu, submergiu, não foi revelado. Provoca a pesquisadora a seduzir quem lê e daí, in(venta)riar e inventari(artistar) o artesanário, ressignificando-o e reverberando-o por outros (m)ares. Eis o desafio de quem se aventura no exercício metodológico do inventário: produzir um novo conhecimento, teoria, prática, tessitura e trazer à superfície os segredos guardados no fundo. Metaforicamente, o inventário me lança à "Atlântida do Sertão", à São Rafael submersa, que guarda as origens e histórias nunca reveladas do meu pai. Mergulho, busco, acho e revelo. Invent(ANDO), Inventari(ANDO), pois Inventari(ANDEI)

Construí o inventário partindo das seguintes perguntas: o que são os inventários? Quais os seus objetivos? Por que, para que e para quem inventariar? Um feito pormenorizado ou robusto, a depender do ângulo ou do ponto de vista de quem apreciar a revelação. Como uma imagem fotográfica vista em sua revelação natural (oriunda da câmera fotográfica), de um monóculo de fotografia[10], ou de uma lupa. Cada detalhe revelado partirá dos olhos e do ângulo de quem vê, de onde vê, para onde vê, mas certamente possibilitará a curiosidade, o espanto, a leveza, a delicadeza, admiração e por vezes, uma saudade.

[10] Técnica bastante utilizada nos registros fotográficos familiares nos anos 1970 e 1980, hoje considerada uma relíquia da memória popular. Popularmente era utilizado numa peça em poliestireno injetado (plástico), em formato cônico, onde se continha uma fotografia numa extremidade, e na outra, uma lente de aumento para visualização da imagem.

INVENTARI(ARTE)

Invent(aria) a palavra in(ventar)
tirando tudo do lugar
e desajustando o tempo:
escafandrista à procura de tesouros guardados
mergulho, busco, acho e revelo
traduzindo desenhos
abertos em lembranças,
fotografias de um passado desconhecido
revelado em binóculo
e ponteiros aquecidos pelo sol

invent(ariei) o que está guardado
em meio século de poesia seca
(esquecida no fundo das águas)
memórias de lendas enxovalhadas
onde iaras e sereias se escondem

me faço (inven)tiva,
e repouso,
mergulhosa,
no inventá(rio)
que me atravessa
nesse
oceânico desejo de ser enchente
de açude sufocado

Inventari(ar)
requer portas abertas:
livros escancarados,
pulmões em expansão
para recri(ar) vidas.

Paula Érica

Muitas são as áreas do conhecimento que utilizam o inventário entre os seus procedimentos. Uma das mais comuns é a área jurídica que realiza o inventário *post mortem*, processo jurídico com a finalidade de catalogar os bens e patrimônios de uma pessoa falecida e reparti-los, em herança, aos herdeiros. Nas áreas de Administração e Contabilidade também é comum a prática de inventariar os bens patrimoniais de uma empresa. Embora o inventário seja uma prática utilizada historicamente no Brasil, comumente esteve relacionado à preservação do patrimônio cultural, definido pela Constituição Brasileira como "bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (BRASIL, 1988, art. 216). Foi mais recentemente, no ano 2000, que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) instituiu o Inventário Nacional de Referência Cultural (INRC) o qual, no site do IPHAN, é definido como:

> O Inventário Nacional de Referência Cultural (INRC) é uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo IPHAN para produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. [...] A delimitação da área do inventário ocorre em função das referências culturais presentes num determinado território. Essas áreas podem ser reconhecidas em diferentes escalas, ou seja, podem corresponder a uma vila, a um bairro, a uma zona ou mancha urbana, a uma região geográfica culturalmente diferenciada ou a um conjunto de segmentos territoriais (IPHAN, 2009).

Sobre o inventário como procedimento metodológico, Ferraz e Bello (2020) nos apontam, primeiramente, a importância do documento como fonte para toda pesquisa, destacando as pesquisas que realizam análise de documentos. Reforçam que é a partir desses documentos que o inventário se concretiza, se baseia e gera dados "para seguir desdobrando a pesquisa, para criar conceitualmente, para pensar as práticas constituidoras do ato de pesquisar e de suas reverberações" e discorrem sobre a possibilidade de "pensar documentos que possam constituir um inventário, uma ação de inventariar proposta na pesquisa" e nos apresentam três caminhos para se chegar a esse fim, a partir do uso de fontes primárias ou secundárias, sendo estes:

> 1º – documentos mapeados intencionalmente para compor a pesquisa, aqueles que fizeram parte de um planejamento prévio; 2º - documentos já existentes, encontrados no decorrer da pesquisa, aqueles que surgiram no acaso, fruto de encontros e que não estavam no planejamento; 3º - e documentos produzidos para a pesquisa e no decorrer desta, aqueles que foram disparados por alguma ação, por algo realizado no processo de

> pesquisar ou de vida dos pesquisadores, mas que reverbera na pesquisa (FERRAZ e BELLO, 2020, p. 303).

Lima dá ao inventário uma dimensão arqueológica, referindo que para inventariar, é:

> [...] necessário promover uma busca arqueológica, vasculhar baús, remexer os (guar)dados e recuperar sua história [...] Foi possível reencontrá-los pelo paciente gesto de recolher peças e remover-lhes o pó depositado com que o tempo; raspar de leve, camada por camada, e desvelar o que havia se acomodado embaixo delas; desfazer as nervuras do tempo que, propositalmente ou por acaso, se dobraram sobre o que precisava ser dito; organizá-las de modo a construir e reconstruir um sentido do todo a partir de cada fragmento, num jogo de contínuo cotejamento (LIMA, 2003, p. 31).

Realizar o inventário dos Artesanários foi um processo muito demorado e desafiador, se considerarmos as revelações que não puderam ser observadas nos encontros, que passaram despercebidas. Registros nos chats, imagens, áudios, compartilhamentos desse processo de produção, conversas entre participantes e tantos outros elementos que compuseram essa moldura artesanalmente virtual. Entre o que foi vasculhado, garimpado, lapidado, veio um balaio de sentidos, entrelaçados em conectividades, em histórias e experiências que se desdobraram nesse nordeste, de onde parte a rachadura desse chão de acontecimentos, mas, além do Inventário, a Netnografia. Navegar na rede do info-mar e da info-maré, pescando informações preciosas, comentários despretensiosos, figurinhas enviadas, palminhas e sorrisos, bombas e incômodos.

Pela Internet

Criar meu web site
Fazer minha homepage
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada e um barco que veleje

Que veleje nesse info-mar
Que aproveite a vazante da info-maré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse info-mar
Que aproveite a vazante da info-maré
Que leve meu e-mail lá até Calcutá
Depois de um hot-link

Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Pra manter o debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da Mac-milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão
Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um vídeo-pôquer para se jogar

Jogar
Jogar
Jogar

(Gilberto Gil, 1996)

Em 24 de dezembro de 1996, o cantor e compositor Gilberto Gil lançava, pela primeira vez na história da música brasileira, uma canção transmitida pela Internet. A música, intitulada “Pela Internet” nos apresentava a força da conectividade pela rede computadorizada, um feito surpreendente naquele período. Em janeiro de 2018, 21 anos depois, Gil lança uma nova versão, com expressões mais atualizadas, novas conceituações, configurações, citando novas ferramentas que ainda não estavam em uso nos anos 1990, desde a primeira versão. A nova letra nos

dá a dimensão de como a cultura digital se popularizou e se ampliou numa proporção que abarca toda esfera global. A nova versão, intitulada "Pela Internet 2" nos diz:

Pela Internet 2

Criei meu web site
Lancei minha homepage
Com 5 gigabytes
Já dava pra fazer
Um barco que veleje
Meu novo website
Minha nova fanpage
Agora é terabyte
Que não acaba mais
Por mais que se deseje

Que o desejo agora é garimpar
Nas terras das serras peladas virtuais
As criptomoedas, bitcoins e tais

Novas economias, novos capitais

Se é música o desejo a se considerar
É só clicar que a loja digital já tem
Anitta, Arnaldo Antunes, e não sei mais quem
Meu bem, o Itunes tem
De A a Z quem você possa imaginar

Estou preso na rede
Que nem peixe pescado
É zapzap, é like
É Instagram, é tudo muito bem bolado

O pensamento é nuvem
O movimento é drone
O monge no convento
Aguarda o advento de deus pelo iphone

Cada dia nova invenção
É tanto aplicativo que eu não sei mais não
What's App, what's down, what's new
Mil pratos sugestivos num novo menu

É Facebook, é Facetime, é google maps
Um zigue-zague diferente, um beco, um cep
Que não consta na lista do velho correio
De qualquer lugar
Waze é um nome feio, mas é o melhor meio
de você chegar

(Gilberto Gil, 2018)

Fazendo uso das duas canções de Gil e da relação com as tecnologias digitais, temos um panorama acerca da necessidade de se (re)inventar caminhos metodológicos que abarquem essas novas configurações e culturas que têm se reproduzido com a rapidez de um "cérebro eletrônico". Apresentamos a netnografia como o segundo elemento que, em sintonia com o inventário, compõe o escopo desse fazer metodológico a que nos propusemos nessa pesquisa. A netnografia tem ganhado força no meio acadêmico, no campo metodológico, sobretudo nas últimas décadas com o desenfreado crescimento inter(náutico), que promoveu o fortalecimento da cultura digital e do uso das redes sociais como subsídios na busca de informações e pesquisas do que vem sendo produzido na comunidade virtual. Alguns autores se referem à netnografia como a etnografia relacionada ao universo on-line, utilizando uma diversidade de nomes que partem do neologismo "netnografia" (netnografia = net + etnografia). Entre estes, os mais comuns são netnografia, etnografia virtual, webnografia, etnografia digital, etnografia em mídias sociais ou etnografia on-line. Optamos por fazer uso da netnografia, garimpando-a como a expressão que mais se aproxima ao que nos propomos pesquisar, investigando os artesanários no seu processo de experimentação no campo metodológico da Comunicação Popular.

Para o antropólogo Kozinets (2010, p. 9), um dos principais estudiosos da netnografia, a mesma é definida como "uma forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores". O autor nos convoca

a considerarmos três teorias importantes na pesquisa netnogáfica: a concepção de comunidade, de cultura e de cibercultura, contextualizando como cada um desses campos de conhecimento do universo digital se agrega na formação e reprodução de redes de relacionamentos e interação social. Para conceituar comunidade, Kozinets faz referência à Rheingold (1993, p. 5, apud KOZINETS, 2010, p. 15), o qual deu início aos estudos sobre comunidades virtuais, conceituando-as como "agregações sociais que emergem da rede quando um número de pessoas suficiente empreende [...] discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço". Para pensarmos cultura, nesse contexto, utilizaremos a definição de Brandão (1985, p. 88), que nos diz que "a cultura é um processo e, ao mesmo tempo, um substrato de situações de enfrentamento e luta por hegemonia, autonomia, domínio, resistência e, no limite, sobrevivência"; e de Chauí (2008, p. 56) que traz a cultura como a "capacidade humana de relacionar-se com o ausente e com o possível por meio da linguagem e do trabalho". Os dois autores trazem a força dos movimentos provocados durante a covid-19, a partir das ações dos territórios, suas linguagens e saberes populares, articulados com a ciência e a tecnologia por uma cultura embasada na solidariedade, na resistência e na coletividade diante do ausente e do possível, do invisível pandêmico e da invisibilidade posta conjunturalmente ao povo.

A cibercultura está relacionada às produções culturais que envolvem o universo cibernético, tecnológico e a reprodução ou reconfiguração oriunda da tecnologia da computação e suas linguagens, simbologias, saberes. Parte das "construções e reconstruções culturais singulares nas quais as novas tecnologias se baseiam e em que elas, inversamente, contribuem para moldar" (ESCOBAR, 1994, p. 211, apud KOZINETS, 2014, p. 18). Sobre a netnografia, Pavei Luciano, ao contextualizá-la, nos diz que:

> A netnografia vem sendo bastante utilizada ao entendermos que os diversos espaços cibernéticos vêm oferecendo um vasto campo de contato com a cultura, com os discursos e relatos de experiências. Espaços como sites e redes sociais produzem conteúdo, científico ou não, reportagens, discussões, comunidades, debates, informações, desinformações e tantos outros conteúdos que podem ser acessados com cada vez mais facilidade, ao alcance de um celular, produzindo, assim, uma grande rede de produção, de conhecimento, seja esse conhecimento qual for (PAVEI-LUCIANO, 2022, p. 52).

Amaral, Natal e Viana (2008) definem a netnografia como "um dos métodos qualitativos que amplia o leque epistemológico dos estudos

em comunicação e cibercultura" e consideram que a pesquisa netnográfica pode contribuir para uma observação detalhada das formas como uma tecnologia vem sendo experimentada. Reforçam, ainda, que além da disponibilidade de informações acerca do objeto a ser pesquisado, a metodologia netnográfica deve considerar a localização desse objeto no ciberespaço e identificar a Internet como o próprio objeto de estudo em sua intrínseca relação com diversas culturas. Conforme Amaral, Natal e Viana (2008, p. 36), "os traçados culturais demarcados pela interação nas comunidades, fóruns, blogs, plataformas são as pistas seguidas pelos pesquisadores em sua análise. Eles indicam uma gama variada de posicionamentos, mas principalmente norteiam de onde parte o olhar do pesquisador e sua identidade teórica. Para seguir esse processo metodológico, Soares e Stengel (2021, p. 2) nos apresentam cinco etapas que caracterizam a pesquisa netnográfica no campo empírico, sendo estas: "definição das questões da pesquisa; identificação e seleção da parcela da Internet a ser estudada; a entrada no campo, que é marcada pela observação participante ou não, além da coleta de dados; análise e interpretação dos dados produzidos e, por fim, a redação e o relato dos resultados de pesquisa, articulando-os à teoria.

É dessa concepção ou caminho metodológico que nos servimos, numa interlocução entre o inventário e a netnografia, traçando uma linha do tempo do Artesanário, desaguando no seu percurso através dos encontros promovidos e das interlocuções presentes nesse acontecimento, conectada com a divulgação científica, divulgação artística e comunicação popular em saúde, compreendendo a navegação na rede do info-mar e da info-maré como uma metodologia do encontro e da produção em ato da comunicação popular. Na primeira fase, mergulhamos no inventário de Artesanários nas redes sociais (considerando o período do afastamento social da covid-19), resgatando memórias guardadas, revelando o que não estava nítido, retirando das gavetas e ressignificando os símbolos, retomando os inéditos, inventar(i)ando o inventivo: "inventar, criar, fazer da pesquisa um processo de criação, pode até ter um caráter artístico, pode colocar a pesquisa a dançar e pode dar condições para observar as singularidades que podem saltar aos olhos" (FERRAZ; BELLO, 2020, p. 325).

A comunicação é essencial para que o antes, o durante e o pós imersão se encaixem, se conversem e se revelem. O mesmo se aplica à pesquisa do nosso Artesanário, a partir das ferramentas, termos e recursos que foram utilizados, abreviações, palavras derivadas das discussões,

saberes, linguagens, performances, poesias, canções, produtos gerados, links, desvelando, fio a fio, o novelo das novas tessituras, novos saberes, numa linguagem comum aos participantes da comunidade.

> Um inventário pode apontar para uma poética feita de recolhimento de materiais, de descrições, de desvios, de atravessamentos com outras disciplinas, autobiografias, memórias, encontros, coleções, criações, incidências, mapeamentos, imagens, intervenções... Um inventário pode ser pensado em condições performativas, onde essas possibilidades vão sendo atualizadas em ações. Mais do que a produção de uma poética de visualidades, é possível pensar na ação, na potência performativa (FERRAZ; BELLO, 2020, p. 318-319).

Seguimos a travessia para a coleta de dados e sua sistematização, garimpando, cuidadosa e atentamente, os pequenos detalhes, desvelando as linhas e entrelinhas dos encontros, o que estava guardado no fundo, realizando a catalogação, a filtragem do que se desejava. O ângulo foi determinante para definir os dados que foram coletados, quais informações davam conta do que se pretendia investigar, que horizontes queríamos alcançar. Alertam Matos, Nascimento, Santos e Fonseca (2019, p. 460) que um detalhe importante nesse processo de coleta de dados é que "as palavras utilizadas na definição dos campos devem ser o mais específicas possível a fim de evitar problemas de interpretação que possam causar uma coleta de dados equivocada". Contudo, desaguamos na Netnografia das interações nos chats de redes sociais dos Artesanários. Aqui ancoramos nossa embarcação e lançamos a rede nas águas, preparando a pescaria. É de onde partiu a busca pela palavra Artesanário para descobrirmos o que foi revelado de vivências/experiências e como seus chats se desenharam nas temáticas e discussões realizadas, o que se produziu a partir dessas discussões, que redes foram construídas, que saberes foram gerados.

Por fim, atravessamos as correntezas e chegamos ao destino que, certamente, não acaba nossa travessia, mas se estende por entre muitos rios e mares, muitas redes e comunidades onde se gere um produto conceitual e metodológico de uma tecnologia de comunicação popular. Os resultados DES(esperados) hão de ser correntezas conceituais entre ciência, comunicação e arte e uma ecologia de saberes populares e acadêmicos. Os resultados foram um des(aguar) nascente no olho d'água do Artesanário, que se seguiu em corredeira des(esperada) pelos braços de rio, em busca do mar, de encontros, mergulhos, nados, pescarias e travessias. Em estado de atenção e olhar vigil, a pesquisa flutuou no ritmo das águas querendo:

- conceituar o Artesanário com base na experiência pragmática de sua utilização;
- contribuir com a área de cognição, tecnologias e instituições oferecendo um método de construção coletiva e social do conhecimento, uma tecnologia de comunicação com provocação dos afetos e artistagem dos saberes;
- problematizar os saberes institucionais e lugares institucionais do saber;
- contribuir na recomposição da arte na descolonização dos saberes e práticas;
- ativar processos e práticas que favoreçam a popularização da ciência e uma ecologia dos saberes;
- evidenciar comunicação popular e manifestações artísticas;
- evidenciar difusão científica e popularização da ciência;
- evidenciar educação popular em saúde e comunicação do conhecimento.

O resultado inicial foram 55 páginas de dados agregados em informação descritiva como "quando, onde e quantos" e informação ilustrativa como "temas, problematização e comentários". Esse "estado da arte" inicial foi refinado para 32 páginas em forma de quadro resumo e, finalmente em 29 páginas de um quadro retrato. No total, foram dezoito encontros internacionais (sendo quatro voltados aos países latino-americanos), quatro encontros nacionais e um encontro estadual. Essa interseccionalidade de culturas, dialetos, diálogos e saberes conduzidos pelo mesmo desejo e mesmo fazer político em arte e em ato, contra o fascismo e a favor da vida, costurou um cenário de muita potência e um panorama diverso e mult(implicado) intercontinentalmente.

No âmbito da participação nacional, além do Nordeste (que teve sua representatividade garantida pelos seus nove estados, totalizando 100% de participação), somaram-se a esta profusão de cores e exuberâncias as regiões Norte (com quatro dos sete estados implicando-se com a proposta: Amazonas, Pará, Tocantins e Roraima, totalizando 57% de representatividade), Centro-Oeste (com dois dos seus quatro estados: Goiás e Distrito Federal, 50% de representatividade), Sudeste (também com 100% de representatividade, com o Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), e Sul, que, assim como o Nordeste e Sudeste, garantiu a participação de todos os seus estados (Paraná, Santa Catarina e Rio

Grande do Sul, com 100% de participação). Tivemos 81,5% de participação dos estados do Brasil, tendo três de suas cinco regiões, totalmente representadas.

Já no âmbito internacional, dos dezoito encontros promovidos, sete países foram registrados nos chats ou entre os convidados: Alemanha, Argentina, Bolívia, Brasil, Espanha, Itália e Nicarágua, destacando os países latino-americanos com maior participação (quatro dos vinte países, do continente correspondeu a 20% de participação latino-americana). Os quatro encontros latino-americanos não apresentaram registros nos chats, a programação completa, com os respectivos horários de exibição nos países, considerando seus fusos horários, foi amplamente compartilhada: Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Chile; Bolívia, Porto Rico, República Dominicana e Venezuela; Colômbia, Cuba, Equador, Haiti e Peru; Centroamérica e México, Europa. Como toda a programação foi exibida ao vivo pelos canais de TV CLACSO, Canal Abierto Argentina e Canal GT Salud Internacional CLACSO, não foi possível acessar os registros no chat pelo canal YouTube de forma fidedigna.

Das 10.528 visualizações, 6.783 destinaram-se aos encontros internacionais, 3.049 aos nacionais e 696 aos estaduais. A média foi de 456 visualizações por artesanário realizado entre agosto de 2020 e abril de 2022. Na modalidade remota, com 6.576 visualizações, foram quinze artesanários; e na modalidade híbrida, somaram-se oito artesanários, com 3.922 visualizações. Foram dez temas centrais, abordados e distribuídos entre os vinte e três encontros, e quarenta e oito intervenções artísticas, tendo o audiovisual, a poesia, a música, o cordel, a cenopoesia e o teatro como as artes com maior representatividade e participação nas programações, nos dando uma média de duas intervenções por Artesanário Popular. Os vinte e três artesanários foram propostos por treze encontros realizados em parceria (entre duas ou mais entidades) e dez encontros promovidos individualmente pela entidade proponente. Destacam-se como proponentes as seguintes entidades: Associação Científica Rede Unida; Brasil Saúde e Ação (BRASA); Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO); Laboratório Ítalo-Brasileiro de Pesquisa, Formação e Práticas em Saúde Coletiva; Rede de Pesquisa, Projetos, Ensino e Cooperação Internacional com o Semiárido (Rede Precisa), cooperação internacional entre Brasil e Itália; e Secretaria de Estado da Saúde Pública do Rio Grande do Norte (SESAP/RN), especialmente por meio da Subcoordenadoria de Informação, Educação e Comunicação (SIEC) e Escola de Saúde Pública (ESP/RN).

PARTE II

ESTROFE DE DADOS: INVENTÁRIO, NETNOGRAFIA E A PESQUISADORA ARTESÃ

INVENTÁRIO DO ARTESANÁRIO POPULAR NA INTERNET

Eu sou um pescador
que parte toda manhã
em busca do tesouro
perdido no fundo do mar
Desde o Oiapoque
Até Nova York se sabe
que o mundo é dos que sonham
que toda lenda é pura verdade…

Rita Lee (1982)

Para desencavar os Artesanários, foi preciso modelar um longo e cuidadoso ritual de mergulho, posto que muitos desdobramentos e descobertas seriam desvelados a cada profundeza. Da mais rasa – onde dá para apreciar a consistência das águas, a arenosidade do solo, a beleza das pedrinhas e conchas que vão surgindo em brincadeira, e d'onde ainda podemos alcançar – a mais profunda – onde dá para se embrenhar e descobrir uma variedade de elementos, muitas vezes escondidos entre escombros, rochas, sedimentos minerais, distribuídos nas *profundices* de planícies abissais, onde não há luz, e exigindo o uso de equipamentos escafandristas para dar conta de todos os detalhes, em especial, daqueles que durante os encontros não se revelavam, escapando aos nossos sentidos que estavam prenhes da febre das discussões e dos arroubos das intervenções artísticas, muito bem guardadas a sete chaves e que se desdobravam numa tessitura de rede de pesca, entrelaçada, aberta, ampla e disponível para o lançado das águas do mar/rio e suas ofertas.

Assim, tivemos um total de vinte e três encontros, durante a pandemia de covid-19, sendo dez promovidos em 2020; onze em 2021 e dois empreendidos em 2022. Encontros que pariram caminhos, filetes de luz, algas, seixos, lendas e uma sucessão de cores que só puderam ser

apreciadas em estado de submersão. Cada encontro trouxe sua porosidade e seu movimento, sua *fundura* e sua calmaria. Embarcações lançadas. Entre um encontro e outro, muitas revelações, aparições, assombrações, superstições e emoções, interconectadas pelo desejo de desaguamento. Desde sua primeira clareira de luz, no Seminário Internacional Atenção Básica e as (Re)Existências na Pandemia, em 2020, o Artesanário Popular propôs uma configuração à Comunicação Popular, num ambiente virtual, mantendo sua relação dialógica entre as "sabenças"[11], a ciência, a arte e a interprofissionalidade. A circularidade, simbolicamente, se fazia presente, porém, adaptada a um novo *locus* de informação, educação e comunicação com o qual não estávamos habituados. Para desafiar a covid-19, todas as suas agruras e riscos, precisávamos nos desnudar do preconceito ou resistência aos encontros quadrados nas telas dos computadores, ressignificando-os com a arte, as práticas populares, os ritos, as místicas, os benzimentos e as bem-querenças, provocando movimentos afetivos, inventivos, inovadores e inéditos para o campo frio, e ainda desconhecido, do universo tecnológico. Pautados pelos princípios, eixos e objetivos da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS), trazíamos ao centro da roda os nossos povos e suas práticas curandeiras, seus fazeres e saberes sagrados, sua arte, suas rimas, danças e rezas. Embora considerando as dificuldades de acesso tecnológico, postas pela conectividade inalcançável nas áreas de ruralidades, por exemplo, ou ainda o pouco ou nenhum contato com esses instrumentos, o movimento solidário de ensinar, praticar, esperar e fazer foi, sem dúvida, uma das mais bonitas mobilizações que testemunhamos e que geraram o nascimento e fortalecimento de uma grande rede de comunicação popular de enfrentamento à pandemia de covid-19, de produção e garantia de vida, mas, sobretudo, de uma nova linha de frente afetiva, diversa, dispersa que se espalhava por esses brasis, política e ideologicamente, não se deixando sucumbir e ampliando as estratégias de diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação e compromisso com a construção do projeto democrático e popular, posto como princípios da PNEPS-SUS (Brasil, 2013).

Para a "Tenda Paulo Freire", na Conferência Latino-Americana e Caribenha de Pensamento Crítico em Saúde (CLACSO, 2020), o Artesanário Popular ganhou uma definição: "Artesanário é uma palavra proposta com a metodologia da partilha, da semeadura de terra, é palavra

[11] "Sabenças podem ser de diversas naturezas: populares, eruditas e/ou uma mistura delas. [...] esse termo poderia ser entendido como uma palavra valise, que junta sabedoria + crença: sabença (BARONAS; NAZZARI, 2022).

cheia de sonhos de emancipação e autonomia, prenhe, cheia de desejos de transformação social, cultural, política e econômica". A ambiência desenhada naquela conjuntura da Tenda era amplamente nordestina: cores, vozes, sotaques, estampas, cantigas, batuques, tudo se traduzia em arte, troca, esperança, solidariedade, desejo, fala e festança. Não à toa, entre os vinte e dois estados brasileiros participantes dos artesanários, o nordeste brasileiro se destacou com a participação dos seus nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, um verdadeiro mosaico de saberes desejosos de produção de vida e ardentes de uma resistência política de sobreviver e de garantir a todos os povos o direito de estarem vivos. O Artesanário Popular, podemos assim dizer, nasce de um grito político a favor da vida, do SUS e contra a nebulosa cortina do fascismo que dominava o cenário politicamente fúnebre do país, com mortes anunciadas em tom de piada e desdém, legitimadas pela necropolítica e reproduzidas pela onda de notícias falsas e discurso de ódio que dominavam a nação. O primeiro artesanário popular se encerrou com a etiqueta de indexação (tag) "Fora Bolsonaro". Esse mesmo nordeste brasileiro que *amojava*[12] o artesanário popular e que era exposto a tons pejorativos e xenófobos de um presidente, sustentaria mais tarde a lona da democracia e do desejo de mudança, reagindo bravamente a este capítulo mortífero da nossa história.

Foi nesse pano de fundo que o Artesanário Popular nasceu e se lançou em manifesto, proposto por um seminário internacional em prol do controle da pandemia segundo o papel da Atenção Básica, imprimindo sua representatividade política nos territórios para o enfrentamento prudente e consequente à covid-19, descentralizando a cultura hospitalocêntrica e trazendo os movimentos territoriais pulsantes, a favor da vida e do cuidado coletivo e solidário, implicado política e ideologicamente com os princípios do SUS, numa ética de vivência, de vínculos e de proteção dos territórios e seus habitantes. Os vinte e três artesanários populares trouxeram temáticas diversas e proponentes e modalidades variados que se espalhavam ao longo de encontros e vínculos que se iam estabelecendo pelas rodas. A arte, artesania e artesanato se expandiam e espelhavam em contraste, arrematados pelo cuidado e prática embasados em evidências do afeto e da criatividade. Não havia diferença entre um e outro que não fosse igual em essência: desdobrar a arte como elemento transforma(dor), ajunta(dor) e arrebata(dor) de gente, saindo de seu fazer pura e simplesmente ritualístico de entretenimento ou animação – lugar onde em geral a arte é colocada nos eventos não artísticos –

[12] Amojar tem o sentido de intumescer de leite a glândula mamária, ingurgitar as mamas de leite. No Nordeste brasileiro, refere-se popularmente à mulher grávida, prenha.

dando-lhe o lugar de marcadora na produção de cuidado inventivo e de inédito viável na produção e circulação do conhecimento. O Artesanário Popular é um modo para criar espaços dialógicos, cheios de linguagens desobedientes. O Artesanário é um modo de "produzir-com", erudito com popular ou uma modelagem fluida, capaz de ativar na voz dos intelectuais eruditos a liberdade de ser artista, como também ecoar por meio do cordel, da poesia (escrita, declamada, cantada, musicalizada), da dança, do desenho, da tapeçaria, da xilogravura, da colagem, da costura, das rendas... teorias, movimentos, conceitos e práticas.

Ao longo de dois anos, de 2020 a 2022, o Artesanário Popular apresentou temáticas voltadas ao enfrentamento da covid-19, com estratégias de resistência, resposta e reinvenção, e com formatos que desembocaram em outros tantos formatos nacionais ou internacionais, com o mesmo propósito artístico e político de comunicar e de tecer uma rede desobediente, participativa e circular para se pensar, planejar, praticar e compartilhar as experiências de um grande "cuidatório"[13], se expandindo em espiral.

Tema / Proponente / Visualizações	Data	Público	Interações / Observações / Arte	Registro / Link
Artesanário Popular 1: VER-SUS Jurema - a força da ancestralidade do Seridó na formação em saúde Seminário Internacional "Sem Atenção Básica não tem controle da Pandemia" **Proponente:** Rede Precisa e Subcoordenadoria de Informação, Educação e Comunicação (SIEC), da SESAP/RN **Convidados:** Branda Carlos, Lucas Silva, Wanessa Fialho, Vinícius Urbano e Juliana Barbosa (coordenação e facilitadores do VER-SUS Jurema) **Problemática:** Ensino, gestão, comunidade no processo	31/08/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UFRN, UECE, UFRGS Estados participantes: Ceará (Croatá, Crato, Aracati, Fortaleza), Maranhão, Santa Catarina, Rio Grande do Norte (Natal, Mossoró), Tocantins (Guaraí), Bahia, João Pessoa, Minas Gerais (Alfenas), Goiás (Anápolis), Paraná (Foz do Iguaçu)	**Tipo de Arte:** Arte-intervenção: clipe "Sangrando", do Projeto "Sosto" #SemAtençãoBásicaNãoTemControleDaPandemia **Lançamento Oficial do Artesanário Popular** "Trata-se de uma roda de cuidadores de saberes populares científicos e territoriais que fortalecem o protagonismo da	(50) Artesanário Popular: VER-SUS Jurema - A Força da Ancestralidade do Seridó na Formação em Saúde - YouTube Descrição no YouTube: Evento ato em defesa da Atenção Básica no contexto da pandemia da covid-19. A imagem do seminário representa a centralidade da Atenção Básica na produção de cuidado voltado para todas as vidas. Um olho d'água de

[13] "Cuidatório" é palavra surgida no VI Fórum (Inter)Nacional de Diálogos e Práticas de Interprofissionalidade em Saúde (FONDIPIS, 2023). O "cuidatório", na experiência do VI FONDIPIS reunia: aromaterapia, auriculoterapia, benzenção, biblioterapia, reiki e ventosas. (https://redeunida.org.br/pt-br/evento/20/menu/programacao-fondipis/)

formativo **1.275 visualizações**			Atenção Básica, do processo dialógico do ensino em saúde em relação com nossas populações, respeitando suas especificidades". Esse artesanário popular trouxe as narrativas sobre a experiência do VER-SUS Jurema, realizado em Currais Novos/RN, voltado aos povos tradicionais: ciganos, quilombolas, terreiros de matriz africana e sua interlocução com o SUS, o território e a produção de cuidado. As práticas e saberes de cuidado popular vieram à tona durante a discussão: VER-SUS como disruptura de um conhecimento médico-centrado; a cultura local como detentora de um saber que precisa ser considerado na produção de cuidado. "FORA BOLSONARO"	cuidados que deve ser defendido para garantir à saúde de todos e todas.
Artesanário Popular 2: TeraPICS Seminário Internacional "Sem Atenção Básica não tem controle da Pandemia" **Proponente:** Rede Precisa e Subcoordenadoria SIEC/SESAP/RN **Convidadas:** Rosário Vieira, Renata Dantas, Iara Fernandes **Problemática:** a produção de cuidado nos territórios e entre mulheres **845 visualizações**	1º/09/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA	**Tipo de Arte:** Performance de abertura: Paula Érica, poesia Invernia Exibição do vídeo "O que seria do SUS sem a Atenção Básica" produção da Rede Unida Poesias do TCC de Paula Érica #SemAtençãoBásicaNãoTemControleDaPandemia	https://www.youtube.com/watch?v=3Ajbq3_Lr9Y

			A produção de cuidado coletivo entre mulheres em diálogo com a cultura, educação popular, saúde mental e práticas integrativas e complementares, experiência do município de Currais Novos. Evento ato em defesa da Atenção Básica no contexto da pandemia de covid-19. A imagem do seminário representa a centralidade da Atenção Básica na produção de cuidado voltado para todas as vidas. Um olho d'água de cuidados que deve ser defendido para garantir o direito a saúde de todos e todas	
Artesanário Popular 3: Saberes Populares e Protagonismos Territoriais Seminário Internacional "Sem Atenção Básica não tem controle da Pandemia" **Proponente:** Rede Precisa, SIEC/SESAP/RN **Mediação:** Ially Virgínia **Convidados:** Dimitri, Camila Mesquita e Carine **Problemática:** a relação dialógica entre movimento dos territórios com os saberes populares **655 visualizações**	02/09/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA	**Tipo de Arte:** Exibição do vídeo: "O que seria do SUS sem Atenção Básica" - parte 2. Produção Rede Unida. **Sem intervenção artística** Evento ato em defesa da Atenção Básica no contexto da pandemia da covid-19. A imagem do seminário representa a centralidade da Atenção Básica na produção de cuidado voltado para todas as vidas. Um olho d'água de cuidados que deve ser defendido para garantir o direito à saúde de todos e todas.	https://www.youtube.com/watch?v=7afHSIfeuHY&t=342s

Artesanário Popular 4: Gestão, Saúde e Educação - Estratégias de Enfrentamento à Pandemia Seminário Internacional "Sem Atenção Básica não tem controle da Pandemia" **Proponente:** Rede Precisa, SIEC/SESAP **Mediação:** Elizabete (NESC) **Convidados:** Diviane (Vigilância Sanitária): apresentou as ações voltadas às ILPI do RN durante a covid; Daniella Costa (CEREST Estadual): como foi o trabalho do CEREST durante a covid (sala de situação, distribuição de EPI); Larissa (Subcoordenadoria de Capacitação) e George **Problematização:** estratégias de produção de vida durante a covid **629 visualizações**	03/09/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, ANEPS	Exibição do vídeo: "O que seria do SUS sem Atenção Básica" **Sem intervenção artística** #SemAtençãoBásicaNãoTemControleDaPandemia	https://www.youtube.com/watch?v=11zq5bn300A&t=11s
Artesanário Popular 5: A Ciranda como Instrumento de Protagonismo na Atenção Básica e no Processo Dialógico do Ensino em Saúde Seminário Internacional "Sem Atenção Básica não tem controle da Pandemia" **Proponente:** Rede Precisa, SIEC/SESAP/RN **Mediadora:** Lorrainy Solano **Convidadas:** Jéssica Farias, Vera Dantas e Clarissa de Leon **Problemática:** Roda intergeracional inéditos viáveis **576 visualizações**	04/09/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA	**Tipo de Arte:** Poesia, com Paula Érica Batida de Tambor, com Clarissa "Eu vim do corpo da minha mãe, ela me deu semente boa, nutri meu corpo, se espalha em benção, sou plantadeira de semente boa. Vídeo e desenhos no audiovisual, com Raíssa Tamires Mística, com Vera Dantas (música "Vida que é vida não pode parar" e poesia cantada de Cora Coralina "Vive dentro de mim uma cabocla velha" Exibição de vídeo "O que seria do	https://www.youtube.com/watch?v=gV0uj4moyik

			SUS sem Atenção Básica” #SemAtençãoBásicaNãoTemControleDaPandemia	
Artesanário Popular 6: Semana de Práticas Integrativas e Complementares de Cuidados - Ciranda de Saberes **Proponente:** Rede Precisa, SIEC/SESAP/RN Encontro Nacional **Convidados:** Leda Hansen, Erika Formiga, Olivandro Duarte e Schirley França **Problematização:** como a arte e os saberes têm atravessado as PICS **218 visualizações**	16/10/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UFAL, Rede HumanizaSUS, UFMA	**Tipo de Arte:** Cordel em homenagem aos convidados: intervenção de Paula Érica e Erika Formiga (Flor do Mamulengo), Arte da Política (Leda), Mandalas #SemAtençãoBásicaNãoTemControleDaPandemia	https://www.youtube.com/watch?v=MfJc4Yn8VPs
Artesanário Popular 7: Artesanário Popular na Tienda Paulo Freire - 01 CLACSO - Conferência Latino-Americana e Caribenha sobre Pensamento Crítico em Saúde **Mediadoras:** Luanda Lima e Grasiele Nespoli **238 visualizações**	09/12/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais da saúde latino-americana, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, Universidades dos países latino-americanos	**Tipo de Arte:** Movimiento de personas en situación de calles - Reggae music (Brasil), con Luanda Luz “O Artesanário é uma palavra proposta com a metodologia da partilha, da semeadura de terra, é a palavra cheia de sonhos, de emancipação e autonomia. Prenhe, cheia de desejos de transformação social, cultural, política e econômica.	TIENDA PAULO FREIRE | PENSAMIENTO CRÍTICO EN SALUD (pensamientocriticoensalud.org) https://www.youtube.com/watch?v=aeqSSgb62-0
Artesanário 8: Artesanário Popular na Tienda Paulo Freire - 02 CLACSO - Conferência Latino-Americana e Caribenha sobre Pensamento Crítico em Saúde	10/12/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais da saúde latino-americana, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, Universidades dos países latino-americanos	**Tipo de Arte:** Performance poética decolonial – Guus Performance Poema Indígena (Brasil)	https://pensamientocriticoensalud.org/tienda-paulo-freire/ https://www.youtube.com/watch?v=Dgr9yZu6GgQ

Mediadora: Luanda Lima **132 visualizações**				
Artesanário 9: Artesanário Popular na Tienda Paulo Freire - 03 CLACSO - Conferência Latino-Americana e Caribenha sobre Pensamento Crítico em Saúde **Mediador:** Luan Gomes **156 visualizações**	11/12/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais da saúde latino-americana, residentes em saúde, artistas da Vila de Ponta Negra/RN, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, Universidades dos países latino-americanos	**Tipo de Arte:** Espaço Ponta Negra e as Mulheres da Maricultura (Brasil), Espaço popular de trabalho feminino, artesanato, renda, aquarelas, poesia e cordel de Ponta Negra e Pitangui, Osvaldo Oliveira, artista plástico e aquarelista baiano, residente na Vila de Ponta Negra, Natal/RN, professora Wini (UFRN). Apresentação do livro Saberes Dialógicos: produção de conhecimento da Vila de Ponta Negra Enfermeira Meine: crônica das vivências da saúde da família na Vila de Ponta Negra Associação Maricultoras Pitangui, Natal/RN: a produção tradicional de maricultura por Denise e Maria Isabel. Economia solidária popular e sustentável das algas (@pitanguiambap) Rosa Rege: cordelista/repentista Ponta Negra/RN	https://pensamientocriticoensalud.org/tienda-paulo-freire/ https://www.youtube.com/watch?v=Fkr4_P4rh8A

Artesanário Popular 10: Artesanário Popular na Tienda Paulo Freire - 04 CLACSO - Conferência Latino-Americana e Caribenha sobre Pensamento Crítico em Saúde **Mediação:** Luanda Lima, Tainá Figueroa, Carla Albuquerque **337 visualizações**	12/12/2020	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais da saúde latino-americana, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UFRJ, Universidades dos países latino-americanos	**Tipo de Arte:** **Banda Disrhythmia in Blues** Celso Sànchez, Janderson Sanchez, Bruno Batera (UFRJ) - pesquisadores ambientais	https://pensamientocriticoensalud.org/tienda-paulo-freire/ https://www.youtube.com/watch?v=qSov0UV6CJM
Artesanário Popular 11: Centenário Paulo Freire e VER-SUS I Simpósio Potiguar de Educação Permanente em Saúde (Nacional) **Proponente:** ESP/SESAP/RN **Convidados:** Ricardo Ceccim, Cipriano Maia e Elenimar **Problematização:** O movimento de produção de cuidados nos territórios pode provocar revolução, ensino-serviço-comunidade pautado pelo quadrilátero da saúde **2.377 visualizações**	28/09/2021	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, residentes em saúde, gestores, artistas, UFRN, ESP/MA, Núcleo Gestor de Educação Permanente de Porto Velho/RO, SEMUSA, URSAPs, UERN (Caicó, Mossoró e Pau dos Ferros), Saúde Coletiva UFU, Coordenadora de Educação Permanente do município de Parnamirim/SESAD, Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica e Saúde da Família do Município de Jaboatão dos Guararapes/PE, Secretaria Municipal de Saúde de Santo André/SP.	**Tipo de Arte:** Cordel artesanário: intervenção Paula Érica e Lucas Silva Exibição do vídeo “Cordel da Rede Potiguar de Educação Permanente em Saúde, autoria de Paula Érica. Formato Híbrido (Presencial e Remoto). Transmitido ao vivo. Local: Natal/RN	https://www.youtube.com/watch?v=cRAf27Q7Hng&list=PLORl4BzQDfWUr-j6IGxazpypOcvALIPU7&index=1
Artesanário Popular 12: Acolhimento: a construção do cuidado coletivo Encontro Nacional **Proponente:** BRASA **Mediadores:** Ricardo Ceccim e Patrícia **Convidado:** Faustino Pinto (MORHAN), Ray Lima, Patrícia, Itamar Lages, Liane Righi, Ricardo Teixeira (idealizador do HumanizaSUS)	15/10/2021	SESAP/RN, SMS Mossoró, Maternidade Almeida Castro, UFERSA, UERN, MORHAN, Rede HumanizaSUS, BRASA, UPE, UECE, pesquisadores	**Tipo de arte:** Cenopoesia: Ray Lima Itamar recita uma canção de Gonzaguinha: “Enquanto eu acreditar que a pessoa é a coisa mais maior de grande…” Vídeo: “não esqueça da	https://www.youtube.com/watch?v=7bLBbu5WoKA

Problematização: o acolhimento como instrumento de humanização nos territórios, hanseníase como elemento provocativo nos espaços de cuidado. Intervenção de Itamar: "Ação estética, ética e política de cuidado das pessoas". "O cuidado das pessoas é um dispositivo que nos ajuda a cuidar da vida, sair da exclusão para a inclusão, dos maus tratos para o carinho, do silêncio para a conversação, da morte para a vida". **283 visualizações**			hanseníase" (música da campanha) Artesanário da Associação Brasil Saúde e Ação (Brasa) para a Hanseníase no Brasil: "um encontro com a história de nossas vidas". Site da "Rede HumanizaSUS - o SUS que dá certo!" Artesanário: Terminologia que nasceu no RN, conta com a participação da arte.	
Artesanário 13: Atenção Básica como Ordenadora do Cuidado Encontro Nacional **Proponente:** BRASA **Mediadores:** Ricardo e Lorrainy **Convidados:** Ray Lima, Kelly Lima, Cinira Fortuna, Bren Souza, Rocineide **Problematização:** estabelecer práticas colaborativas de enfrentamento à Hanseníase **171 visualizações**	29/10/2021	SESAP/RN, SMS Mossoró, Maternidade Almeida Castro, UFERSA, UERN, MORHAN, Rede HumanizaSUS, BRASA, pesquisadores	**Tipo de arte:** Cenopoesia, com Ray Lima - articulação de linguagens, arte como dimensão do cuidado. Linguagens para construir o encontro cuidador. Audiovisual, com Bren Souza - O corpo decodificado estranho Vídeo sobre o movimento mãos solidárias, com Alexandra Rodrigues/Leca, movimento MST Este é o segundo encontro virtual entre profissionais da rede de saúde e artistas que atuam na defesa pelo cuidado da vida de todos! Um encontro que faz parte do projeto "Hanseníase em redes de interfaces: saúde, educação e	https://www.youtube.com/watch?v=figxAOoLpe0

			sociedade", um projeto que tem como objetivo promover o debate sobre o estigma e discriminação em hanseníase de forma a contribuir para a detecção precoce de casos e assim quebrar a cadeia de transmissão da doença, bem como estabelecer práticas colaborativas de enfrentamento da doença no município de Mossoró/RN	
Artesanário 14: Encontro Estadual "O papel dos ACS e ACE no fortalecimento do SUS" Encontro Estadual em alusão ao dia do ACS **Proponente:** Núcleo Estadual de Saúde da Família (NESF), da SESAP/RN **Mediação:** Tatiane e Cinthia (SAPS e CVS – SESAP/RN) **Convidados:** Ivanilda e Carlos Augusto (SE) **Problematização:** o papel ético e político dos ACS e ACE **696 visualizações**	05/11/2021	ACE, ACS, outras categorias do SUS, profissionais da SESAP/RN, Sergipe, Maranhão, Bahia.	**Tipo de Arte:** Cordelista Daíres Carvalho de Oliveira, ACS há 18 anos. O papel dos ACS e ACE no fortalecimento do SUS: resgate da sua história desafios atuais e possibilidades futuras.	https://www.youtube.com/watch?v=COXS-yCd8So&t=131s
Artesanário 15: Um longo percurso militante, com muitas sintonias: da psiquiatria à saúde mental na Itália e no Brasil Evento Internacional do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação, Pesquisa e Práticas em Saúde Coletiva – 11ª Edição **Tema:** "Vidas: co(m)vivências na e com a pandemia" **Proponente:** Rede Unida **Abertura:** Artesanários, entrelace cenopoético e o design da horta mandala **Autoridades:** Túlio Batista Franco – Rede	22/11/2021	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, gestores, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFRGS, UFERSA, Itália, Blumenau/SC, Maranhão, Rio Grande do Sul. **Coordenação Anfitriã:** Ricardo Burg Ceccim; Lorrainy da Cruz Solano	**Tipo de Arte:** Entrelace Cenopoético - Saúde e Semiárido: 1. Ray Lima 2. Paula Érica 3. Tony Silva 4. Antônio Francisco 5. Brenn Souza Exibição do vídeo "Nau da Liberdade", um misto de gente/ músicos "Hospício Mata", "Eu	https://www.redeunida.org.br/pt-br/comunicacao/news/laboratorio-italo-brasileiro-artesanarios-entrelac/ https://www.redeunida.org.br/pt-br/evento/16/menu/artesanarios-italo-/ https://www.youtube.com/watch?v=IhIw3yvz7J8

Unida, Maria Augusta Nicoli – Rede Unida, Kyriakoula Petropulacos – DG/RER, Cipriano Maia de Vasconcelos – Sesap/RN, Francesco Frieri – DG/RER, Rayane Larissa Santos de Araújo Monteiro – ESP/RN, Larizza Souza Queiroz Lopes – HMAC, Cicilia Raquel Maia Leite – Reitora UERN, Vincenza Pellegrino – UniPR, Rodrigo Silva da Costa – UFERSA, Ivo Quaranta – UniBO **Coordenação:** Alcindo Antônio Ferla; Maria Augusta Nicoli **Problematização: S**aúde mental e a luta antimanicomial **361 visualizações**			não me encaixo” Exibição de vídeo italiano: Estrato da Pier Francesco Galli, I settant’ani di un maestro (2001) O eixo central da 11ª edição do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação, Pesquisa e Práticas em Saúde Coletiva foi conduzido por “Artesanários”, uma metodologia de interlocução criada no Rio Grande Norte, pela poeta, cantora e assistente social da área de saúde mental, Paula Érica Batista de Oliveira. Um artesanário não é como um seminário ou um webinário, é um “amostramento” das nossas artes de expressão, incluindo nosso trabalho profissional ou científico como uma composição do pensar-agir-querer. Cada artesanário, então foi armado com “relatores” e “entrelaces cenopoéticos”. Formato Híbrido (Presencial e Remoto). Transmitido ao vivo. Local: Mossoró/RN	
Artesanário 16: Centenário Paulo Freire: o legado ao pensamento e à ação social **Evento Internacional do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação, Pesquisa e Práticas em Saúde Coletiva - 11ª Edição** **Tema:** “Vidas: co(m)vivências na e com a	23/11/2021	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, residentes, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UFRGS, Bolonha (Itália)	**Tipo de Arte:** Entrelace cenopoético: Paula Érica Vera Dantas Formato Híbrido (Presencial e	https://www.youtube.com/live/74tEhK2Alyk?si=7cDxTS6q_k4maj6T

pandemia” **Proponente:** Rede Unida **Mediador:** Ricardo Ceccim e Giulia Rodeschini **Apresentadores:** Amico Dolci, Massimo Ruggiano, Roberto Guglielmi, Antônio Joelmir Pinho (Crato/CE) **Problematização:** Teologia da libertação, terapia comunitária, Pedagogia pautada pelo cuidado, palavra como elemento de convivência igualitária (uso da palavra como resultado de processos sociais), comunicação (“educação não pode prescindir da comunicação”). Educação como interação do universo. Morte objetiva conduzida pelo colonizador (palavra oprimido ganhou força): inéditos viáveis entre Brasil e Itália Ricardo: “a palavra do movimento neopentecostal no Brasil, como subordinação a certos modos de ser, estar, sentir. Refere a fala de Pe. Antônio Vieira (1600): “cuidado, eles querem nossos bens”. A palavra que vale é a que nasce dentro de nós”. **218 visualizações**			Remoto). Transmitido ao vivo. Local: Mossoró/RN	

Artesanário 17: Centenário Paulo Freire - pragmática da ação Evento Internacional do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação, Pesquisa e Práticas em Saúde Coletiva – 11ª edição **Proponente:** Rede Unida, **Coordenação:** Maria Rocineide Ferreira da Silva; Alessia Benizzi **Apresentadores:** Faustino Pinto (CE), José Ivo dos Santos Pedrosa (UFPI), Vivi Camacho (Bolívia, movimento mundial pelos direitos humanos dos povos), Patrícia Silva (Blumenau/SC) **Problematização:** Rocineide - "A leitura do mundo precede a leitura da palavra", citando Freire. José Ivo - questão pragmática, o Movimento SUS nas ruas. Pragmática do discurso científico e o modo de andar na vida. Vivian - saúde é um direito social, não é mercadoria. Alegremia: alegria no sangue, Rede Emancipa **218 visualizações**	23/11/2021	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, gestores, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UECE, Itália, Bolívia, Espanha, Blumenau/SC, Maranhão, UFBA	**Tipo de arte:** Exibição do vídeo "Escuta, o outro a outra já vem" **Sem intervenção artística** Formato Híbrido (Presencial e Remoto). Transmitido ao vivo. Local: Mossoró/RN	https://www.youtube.com/live/74tEhK2Alvk?si=7cDxTS6q_k4maj6T
Artesanário 18: A pandemia e os efeitos de fragilidade e luta/ Intervenções na pandemia Evento Internacional do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação, Pesquisa e Práticas em Saúde Coletiva – 11ª edição **Proponente:** Rede Unida **Coordenação:** Alessio Saponaro, Mirian Ribeiro	24/11/2021	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, gestores, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UECE, Itália, Bolívia, Espanha, Blumenau/SC, Maranhão, UFBA	**Tipo de Arte:** Entrelace cenopoético: Nau da Liberdade (audiovisual "Nau da liberdade e a parada do orgulho louco", Bren Souza. Formato Híbrido (Presencial e Remoto). Transmitido ao vivo.	https://www.youtube.com/live/gXAhwMH_ZaA?si=psupLJ-WoGHBHdpr

Convidada: Fátima Fischer, diretora do Grupo Teatral Nau da Liberdade **Apresentadores:** Fabrizio Starace, Fabrizia Paltrinieri, Károl Veiga Cabral **Problematização:** as resistências no campo das políticas públicas, mobilizações, arte frente às fragilidades diante da covid (dados inexistentes, saúde mental, desassistência, desinvestimento) **132 visualizações**			Local: Mossoró/RN	
Artesanário 19: Intervenções na pandemia - diversas vozes Evento Internacional do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação, Pesquisa e Práticas em Saúde Coletiva – 11ª edição **Proponente:** Rede Unida **Coordenação:** Túlio Franco; Pórpora Marcasciano **Apresentadores:** Aline Blaya (UFRGS), Francesca Guzzetta (saúde mental, Bolonha), Adalberto Barreto (Terapia Comunitária e Integrativa), Cinzia Migani, Fabia Franchi, Andrea Taborda **Problematização:** as vozes e suas respostas inventivas diante da covid na produção do cuidado e existência, a força das comunidades. **132 visualizações**	24/11/2021	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, gestores, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UECE, Itália, Bolívia, Espanha, Blumenau/SC, Maranhão, UFBA	**Tipo de Arte:** Entrelace Cenopoético: Barbara Luci Carvalho (Antagon Theater AKTion - Alemanha), Corpus Mundi – dança Formato Híbrido (Presencial e Remoto). Transmitido ao vivo. Local: Mossoró/RN	https://www.youtube.com/live/gXAhwMH_ZaA?si=psupLJ-WoGHBHdpr
Artesanário 20: Convergências por um Conceito Ampliado de Saúde Evento Internacional do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação, Pesquisa e Práticas em Saúde Coletiva – 11ª edição **Proponente:** Rede Unida **Coordenação:** Giuseppe Ricotta; Júlio Schweickardt	25/11/2021	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, gestores, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UECE, Itália, Bolívia, Espanha, Blumenau/SC, Maranhão, UFBA	**Tipo de Arte:** Entrelace Cenopoético: Antônio Francisco (cordelista), Rodrigo Bico (literatura de Cordel) Formato Híbrido (Presencial e Remoto). Transmitido ao vivo. Local: Mossoró/RN	(50) Artesanário 6 e 7 - Convergências por um Conceito Ampliado de Saúde / Autonomia e Autopoiese nos MS - YouTube

Apresentadores: Caterina Brancaleoni (One health/l'esperienza delle strategie aree interne nella Regione Emilia-Romagna), Paulo Tukano (Saúde Global/Saúde dos Povos), Itamar Lages (Residências/Interprofissionalidade), Ardigò Martino (Libro Azzurro), Senhorinha (comunidade de Peixinhos/PE, Vigilância Popular em Saúde), Vincenza Pellegrino (UniPR, Manifesto Saúde Coletiva) **Problematização:** Ceccim: "geografia, economia, organização humana como rede de interface particular nos efeitos que contornam a saúde", "saúde é dos povos do mundo, muitos humanos, muitas naturas, muitas poiesis e autopoiesis, interfaces e imanências, desafios políticos e invenção do mundo. "Interprfissionalidade como olho d'água (Lorrainy), "Conceitos ordenam práticas" (Alcindo). **242 visualizações**				
Artesanário 21: Autonomia e Autopoiese nos Movimentos Sociais Evento Internacional do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação, Pesquisa e Práticas em Saúde Coletiva – 11ª edição **Proponente:** Rede Unida **Coordenação:** Sérgio Aragaki; Anna (Nanà) Ciannameo **Apresentadores:** Rede Unida Internacional, Intervenções Urbanas – Mãos Solidárias (PE), Rádio-Livro – Alcindo Ferla, Rádio Literária – Érika Formiga (CE), Loucura Live – Eduarda Ximendes (RS), Arte-Saúde – Coletivo Camaradas (CE) **Problematização:** "No mundo real as práticas	25/11/2021	Estudantes, pesquisadores, educadores, profissionais do SUS, gestores, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UECE, Itália, Bolívia, Blumenau/SC, Maranhão, UFBA	**Tipo de Arte:** Audiovisual: "Olha, imagina, escuta, sente" - MAC Niterói, 2017 Michel Schettert: laboratórios de futuros, configurando institucioanalidades Recital música: "Disparada", Erika Formiga Vídeoclipe: Loucura Live: residentes da UFRGS (residência em saúde mental) "A Loucura	(50) Artesanário 6 e 7 - Convergências por um Conceito Ampliado de Saúde / Autonomia e Autopoiese nos MS - YouTube

também nascem por força dos encontros, emergem alternativas que não estavam previstas, como uma imposição da realidade, imanência do vivo que faz com que produzissem novos territórios". Ceccim. Rádios-Livros como instrumento materializado sobre as conferências nacionais. Autonomia e autopoiese: produção de vida e de subjetividade (Ceccim). Incômodo como intervenção e ação. **242 visualizações**			Live não é um evento, ela tem um plano compartilhado, uma ação, uma avaliação e um entrelace com o projeto terapêutico" Ricardo Ceccim Formato Híbrido (Presencial e Remoto). Transmitido ao vivo. Local: Mossoró/RN	
Artesanário Popular 22: Práticas Populares de Cuidados nos Territórios 15° Congresso Internacional da Rede Unida **Mediadora:** Vera Dantas **Convidada:** Ana Valcácio (Donana), Olga Alencar (Ceará), Dulce (CE), Mariano (terreiros de matriz africana/MA) **Problematização:** Sabência, parteiras, afrodescendência, cuidado legado pelos povos originários, medicinas tradicionais (Elaine Dutra). Saberes e fazeres passados de geração para geração, a oralidade africana se perpetuando, obrigada Pai Mariano!" **225 visualizações**	19/04/2022	Estudantes, educadores, profissionais do SUS, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UFRGS, filhos e filhas de santo (do Pai Mariano), pesquisadores, Escola de Saúde Pública do MA, UECE, Ekobé/CE), filhos e filhas de mãe Donana	**Tipo de arte:** Intervenções: Vera Dantas, Raimundo Clarindo (cantiga). "Nossa história é tão antiga" (Ray Lima), citado por Vera Dantas	https://www.youtube.com/watch?v=4K3oR7AgEzk&t=134s
Artesanário 23: Guardiões dos territórios, biodiversidade e agroecologia 15° Congresso Internacional da Rede Unida **Mediadora:** Rocineide Ferreira, Fernando Carneiro (Participatório Fiocruz/CE) **Participantes:** Suluene Santana da Silva (assistente social, trabalha na saúde indígena polo base de Amarante, DSEI/MA); Lucia Helena Alves (Coordenação da Aneps/RN, presidenta Consea/RN, vice-presidenta	17/05/2022	Estudantes, educadores, movimentos sociais e populares, profissionais do SUS, residentes em saúde, militantes do SUS, URCA, UERN, UFERSA, UECE, filhos e filhas da Ekede Lúcia, assentados e assentadas, agricultores, juremeiros	**Tipo de Arte:** Fernando Carneiro ("poema do ão", de Aguinaldo Rocha) Canto de Rojane Santos sobre a participação da mulher na agroecologia no Brasil	https://www.youtube.com/watch?v=VCFJPH3kR5w

Consepir/RN, representa os PCTS/RN, dentro dos matriz africana e ameríndios, artesã dos povos de matriz africana e ameríndios); Rojane Santos (jovem negra, agricultora, formada em administração, integrante do grupo cultural balanço do coqueiro, membro do GT de juventudes da rede de agricultores do território Vales do Curu e Aracatiaçu); Kalil Siqueira da Luz (doutorando em agroecologia e desenvolvimento territorial pela UNIVASF, possui mestrado em Agroecologia e Agricultura Sustentável - Universidad Agraria de la Habana) **Problematização:** agroecologia, africanidades e culturas tradicionais, ancestralidade como guardiões dos territórios. agroecologia é produção de vida. A saúde produzida pelos povos no enfrentamento a pandemia **140 visualizações**				

TEMAS: 23 artesanários / 10 temas

1) Acolhimento e o cuidado coletivo
2) Ancestralidade/Saberes Populares/Territórios, biodiversidade e agroecologia
3) Atenção Básica/Protagonismos de Territoriais/Papel dos ACS e ACE no fortalecimento do SUS
4) Autonomia e Autopoiese nos Movimentos Sociais
5) Conceito ampliado de saúde/Práticas Populares de Cuidados nos Territórios
6) Gestão e Educação Permanente em Saúde
7) Pandemia e os efeitos de fragilidade e luta
8) Paulo Freire e Educação Popular
9) Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, Experiência do Espaço TeraPICS
10) VER-SUS

MODALIDADES

15 artesanários em formato remoto
8 artesanários em formato híbrido

Total: 23 artesanários

PROPONENTES

1) Associação Científica Rede Unida - 2 Artesanários
2) Brasil Saúde e Ação (BRASA) - 2 Artesanários
3) Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais - 4 Artesanários
4) Laboratório Ítalo-Brasileiro de Pesquisa, Formação e Práticas em Saúde Coletiva - 7 Artesanários
5) Rede Precisa: 6 Artesanários
6) Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Norte (SESAP/RN) - 8 Artesanários (6 SIEC, 1 ESP/RN, 1 NESF)

Total: 13 Artesanários feitos em parceria de proponentes (Rede Unida, SESAP/RN, Rede Precisa, Laboratório Ítalo-Brasileiro) e 13 Artesanários feitos por um proponente individual

PÚBLICO

1) Artistas (Cantores, Poetas, Videomakers, Cordelistas, Produtores Culturais, Cenopoetas, Atores/Atrizes, Instrumentistas)
2) Comunicadores e Educadores Populares
3) Conselheiros de Saúde, Movimentos Sociais e Militantes do SUS
4) Docentes e Pesquisadores em Saúde e Ciências Sociais
5) Estudantes e Residentes em Saúde
6) Gestores do SUS
7) Povos e Comunidades Tradicionais, Juremeiros, Povos de terreiro, Benzedeiras, Rezadeiras, Comunidades Indígenas
8) Profissionais de Saúde, Parteiras e Doulas

PARTICIPANTES

Movimentos e Redes (7 participantes Movimentos e Redes)

1) ANEPS – Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde
2) MORHAN – Movimento de Reintegraçao das Pessoas Acometidas pela Hanseníase
3) MIT – Movimento Italiano de Pessoas Trans
4) MST/PE – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
5) Rede HumanizaSUS – Rede social de pessoas interessadas em processos de humanização da gestão e do cuidado no SUS
6) Rede de Pesquisa, Projetos, Ensino e Cooperação Internacional com o Semiárido Rede Precisa
7) Associação Científica Rede Unida

Secretarias de Saúde (7 participantes Secretarias de Saúde)

1) Secretaria de Estado da Saúde Pública/RN
2) Secretaria de Estado da Saúde/MA
3) Secretaria Municipal de Saúde de Currais Novos/RN
4) Secretaria Municipal de Saúde de Jaboatão dos Guararapes/PE
5) Secretaria Municipal de Saúde de Parnamirim/RN
6) Secretaria Municipal de Saúde de Porto Velho/RO
7) Secretaria Municipal de Saúde de Santo André/SP

Universidades e Fundações de Ciência e Tecnologia (20 universidades e fundações participantes)

1) FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz – Amazonas
2) FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz – Ceará
3) UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
4) UECE – Universidade Estadual do Ceará
5) UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
6) UFAL – Universidade Federal de Alagoas
7) UFBA – Universidade Federal da Bahia
8) UFERSA – Universidade Federal Rural do Semiárido
9) UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul
10) UFMA – Universidade Federal do Maranhao

11) UFPA – Universidade Federal do Pará
12) UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
13) UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
14) UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
15) UFU – Universidade Federal de Uberlândia
16) UNIBO – Università di Bologna
17) UNIPR – Università di Parma
18) UPE – Universidade de Pernambuco
19) URCA – Universidade Regional do Cariri
20) USP – Universidade de São Paulo

Outros (4 participantes na condição de "outros")
1) Centro de Medicina Indígena – Manaus/AM
2) Distrito Sanitário Especial Indígena – MA
3) Hospital Maternidade Almeida Castro – Mossoró/RN
4) Rádio Literária Carrapato – Crato/CE

Total: 38 representações de entidades

EVENTO ESTADUAL/NACIONAL/INTERNACIONAL
1) Internacional: 18 (4 Latino-Americanos)
2) Nacional: 4
3) Estadual: 1

Total: 23

ESTADOS
Norte: AM, PA, TO, RO
Nordeste: AL, BA, CE, MA, PB, PE, PI, RN, SE
Centro-Oeste: DF, GO

Sudeste: ES, MG, RJ, SP
Sul: PR, RS, SC

PAÍSES
1) Alemanha
2) Argentina
3) Bolívia
4) Brasil
5) Espanha
6) Itália
7) Nicarágua

PERÍODOS
1) 2020: 10
2) 2021: 11
3) 2022: 2

Total: 23

TIPOS DE ARTE
1) Audiovisual: 12
2) Artes visuais: 2
3) Artes Cênicas/Teatro: 4
4) Artesanato: 1
5) Cenopoesia: 5
6) Cordel: 6
7) Dança: 1
8) Literatura/Crônica: 1
9) Música: 7

10) Poesia: 9

Total: 48 intervenções – média de 2 intervenções/Artesanário Popular

Lista de Atividades Artísticas

1) Arte Cênica/Teatro: O Corpo decodificado – Bren Souza
2) Arte Cênica/Teatro: Tony Silva e Bren Souza
3) Artes visuais – mandalas: Leda Hansen, Osvaldo Oliveira
4) Artesanato: Ponta Negra
5) Audiovisual: A arte que habita em mim (produção EMCM/UFRN)
6) Cenopoesia: Ray Lima (4 cenopoesias)
7) Cordel Artesanário - Paula Érica
8) Cordel Cirandeiras: Paula Érica e Erika Formiga
9) Cordel: ACS Daires Carvalho, Antônio Francisco e Rodrigo Bico
10) Dança-Teatro: AKTion – Antagon Theater, Alemanha
11) Entrelace Cenopoético
12) Literatura/Crônica: Wayne e Maine
13) Música: Banda Disrhythmia in Blues, Clarissa, Luanda Luz, Lucas e Paula, Paula Érica e Tony, Raimundo Clarindo (cantiga), Vera Dantas, Rojane Santos
14) Poesia anticolonial
15) Poesia: Fernando Carneiro, intervenções: Vera Dantas, Paula e Vera
16) Vídeo: MORHAN, Nau da liberdade, Grupo Sosto/Seridó/RN, Mãos Solidárias – MST, Estrato da Pier Francesco Galli, O que seria do SUS sem a Atenção Básica

RESULTADOS: ANÁLISE DESCRITIVA

Análise descritiva dos dados gerais: 1) Descrevemos as variáveis visualizações com objetivo de representar a distribuição dos dados. Para isso, foram utilizadas medidas de tendência central (Média e mediana) e medidas de dispersão, como o desvio padrão, os quartis (Primeiro e Terceiro), o mínimo e o máximo. O número de *outliers* (discrepâncias) foi computado verificando observações 1,5 vezes o intervalo interquartil acima ou abaixo dos quartis, além de ser verificado o número de *missings* (perda de informações). Ressaltamos que segundo Mishra (2019), em casos de presença de outliers, assimetria ou não normalidade da distribuição, as medidas baseadas em posição (mediana, quartis, mínimo e máximo) são mais adequadas, enquanto para distribuições próximas da Gaussiana (curva normal), medidas como a média e o desvio padrão representam melhor a distribuição dos dados e podem ser utilizadas em testes estatísticos. 2) Descrevemos as variáveis Tipo, Abrangência, Formato, Com ou sem intervenção, Ano, Quantidade de intervenções, Quantidade de apresentações artísticas, Quantidade de Proponentes e Proponentes por meio do cálculo das frequências absoluta e relativa de cada categoria. 3) Descrevemos as variáveis Rede Precisa, SIEC-SESAP/RN, Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, ESP/RN, BRASA, NESF-SESAP/RN, Associação Científica Rede Unida, Laboratório Ítalo-Brasileiro de Pesquisa, Formação e Práticas em Saúde Coletiva, Audiovisual, Poesia, Música, Cordel, Artesanato, Banda, Cenopoesia, Dança, Canção, Canção, Poesia, Batida de Tambor, Desenho, Cordel, Artesanato, Música e Cenopoesia por meio do cálculo das frequências absoluta e relativa de cada categoria, seguido do intervalo de 95% de confiança para a estimativa percentual, segundo recomendado em Vollset (1993).

Os eventos foram classificados em várias categorias quanto ao tipo: **Evento Internacional** (30,4%), **Seminário Internacional** (21,7%), **Conferência Latino-Americana e Caribenha** (17,4%), **Encontro Nacional** (13%), **Congresso Internacional** (8,7%), **Encontro Estadual** (4,3%) e **Simpósio Nacional** (4,3%). Em termos de abrangência, os eventos foram predominantemente **internacionais** (78,3%), seguidos por

nacionais (17,4%) e **estaduais** (4,3%). As **visualizações** variaram entre 132 e 2.377, com uma **média de 457,74**, um desvio padrão de 506,43, **mediana de 242** e um intervalo interquartil de 408 (Q1=194,5 e Q3=602,5). Não houve perda de dados, mas foram identificadas duas discrepâncias daquilo que se mostrava o "normal" (outliers).

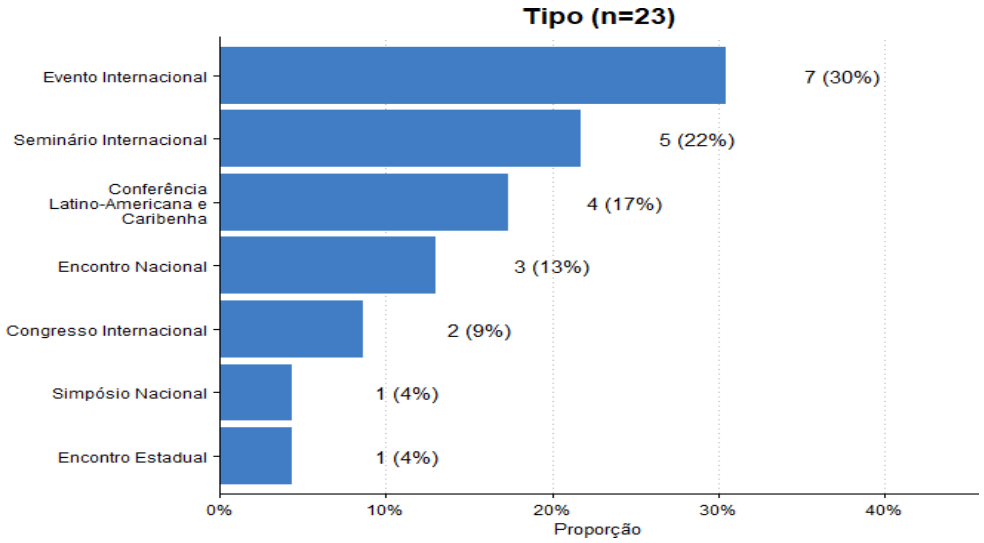
Quanto ao formato, a maioria dos eventos foi realizada de forma **virtual** (65,2%), enquanto os demais ocorreram em formato **híbrido** (34,8%). Nenhum foi totalmente presencial, mas naqueles híbridos, a performance artística foi ao vivo, com plateia física. Como os espaços eram amplos e a plateia reduzida, ao artista era possível apresentar-se sem máscara, na maioria das vezes ou quando relevante. No que se refere à presença de **intervenções**, 82,6% dos eventos contaram com algum tipo de intervenção, enquanto 17,4% não tiveram intervenções. Os eventos foram distribuídos ao longo dos anos de **2020** (43,5%), **2021** (47,8%) e **2022** (8,7%). No que diz respeito à quantidade de **intervenções**, 17,4% dos eventos não apresentaram intervenções, 56,5% tiveram **uma intervenção**, 21,7% contaram com **duas intervenções** e 4,3% tiveram **quatro intervenções**.

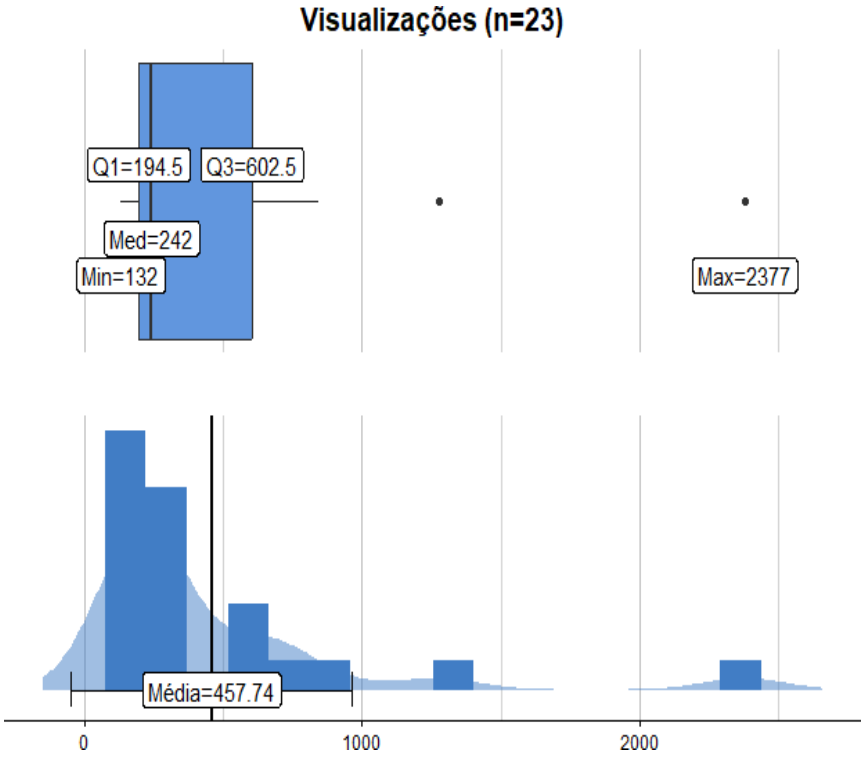
Quanto às **apresentações artísticas**, 43,5% dos eventos contaram com **uma apresentação**, 52,2% tiveram **duas apresentações** e 4,3% contaram com **três apresentações**. No que se refere à quantidade de **proponentes**, 56,5% dos eventos foram propostos por **um proponente individual** (quase sempre redes ou associações) e 43,5% **por parcerias**. Os **proponentes** foram divididos entre os seguintes grupos: Associação Científica Rede Unida e Laboratório Ítalo-Brasileiro de Pesquisa, Formação e Práticas em Saúde Coletiva (30,4%), Rede Precisa e SIEC – SESAP/RN (26,1%), Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (17,4%), Associação Científica Rede Unida (8,7%), BRASA (8,7%), ESP/RN (4,3%) e NESF (4,3%). Podemos ver esses resultados na tabela a seguir:

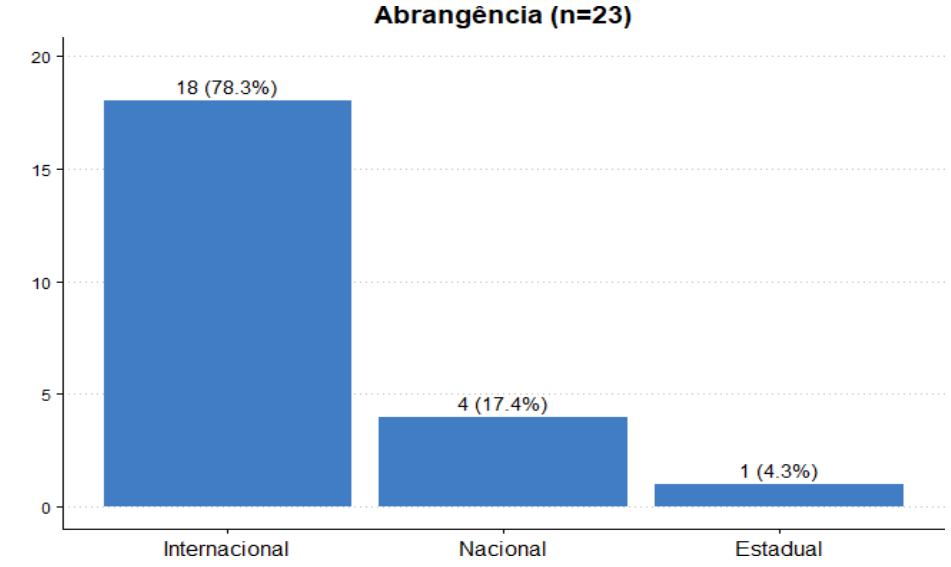
Variável	Estatística
Tipo (n=23)	
Evento Internacional	7 (30.43%)
Seminário Internacional	5 (21.74%)
Conferência Latino-Americana e Caribenha	4 (17.39%)
Encontro Nacional	3 (13.04%)
Congresso Internacional	2 (8.7%)
Encontro Estadual	1 (4.35%)
Simpósio Nacional	1 (4.35%)
Abrangência (n=23)	
Internacional	18 (78.26%)
Nacional	4 (17.39%)
Estadual	1 (4.35%)
Visualizações (n=23)	
Min-Máx	132-2377
Q1-Q3	194.5-602.5
Mediana	242
Média (DP)	457.74 (506.43)
Formato (n=23)	
Virtual	15 (65.22%)
Híbrido	8 (34.78%)
Com ou sem intervenção (n=23)	
Sim	19 (82.61%)
Não	4 (17.39%)
Ano (n=23)	
2020	10 (43.48%)
2021	11 (47.83%)

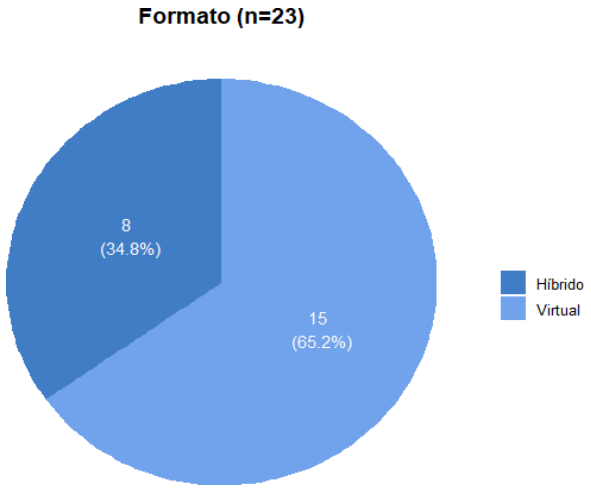
2022	2 (8.7%)
Quantidade de intervenções (n=23)	
0	4 (17.39%)
1	13 (56.52%)
2	5 (21.74%)
4	1 (4.35%)
Quantidade de apresentações artísticas (n=23)	
1	10 (43.48%)
2	12 (52.17%)
3	1 (4.35%)
Quantidade de Proponentes (n=23)	
Proponente individual	13 (56.52%)
Parceria	10 (43.48%)
Proponentes (n=23)	
Associação Científica Rede Unida; Laboratório Ítalo-Brasileiro de Pesquisa, Formação e Práticas em Saúde Coletiva	7 (30.43%)
Rede Precisa; SIEC	6 (26.09%)
Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais	4 (17.39%)
Associação Científica Rede Unida	2 (8.7%)
BRASA	2 (8.7%)
ESP/RN	1 (4.35%)
NESF-SESAP/RN	1 (4.35%)

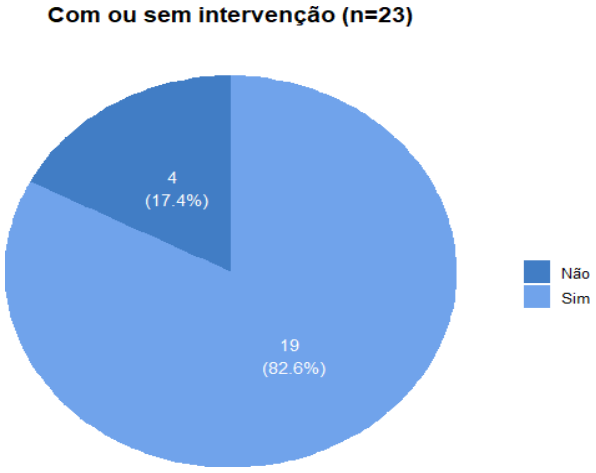
Análise descritiva dos dados gerais; Q1-Q3 = Primeiro e terceiro quartis; DP=desvio padrão.

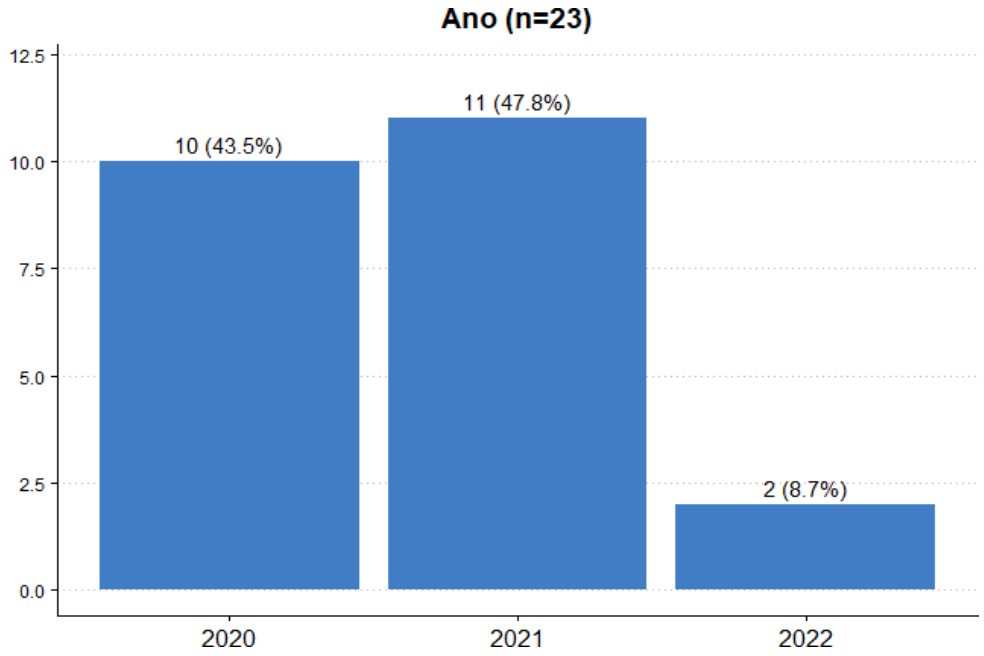

Tipo (n=23)
Evento Internacional
Seminário Internacional
Conferência Latino-Americana e Caribenha
Encontro Nacional
Congresso Internacional
Simpósio Nacional
Encontro Estadual
7 (30%)
5 (22%)
4 (17%)
3 (13%)
2 (9%)
1 (4%)
1 (4%)
0%
10%
20%
30%
40%
Proporção

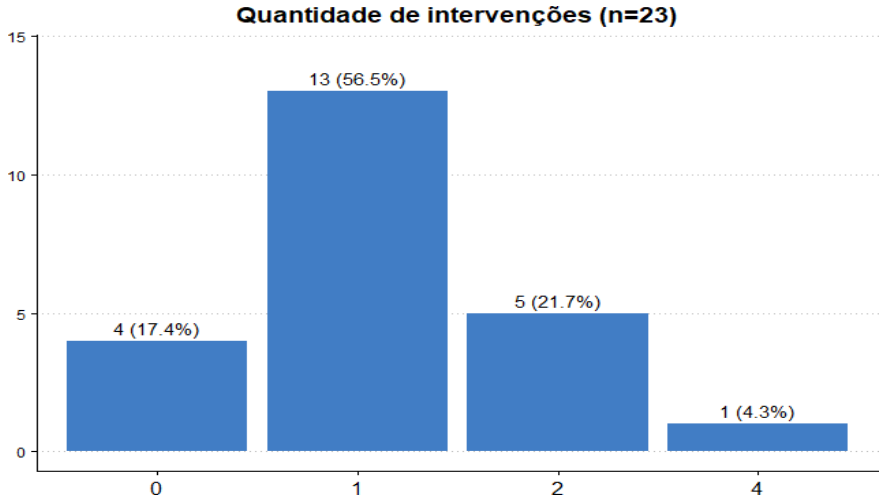

Visualizações (n=23)
Q1=194.5
Q3=602.5
Med=242
Min=132
Max=2377
Média=457.74
0
1000
2000

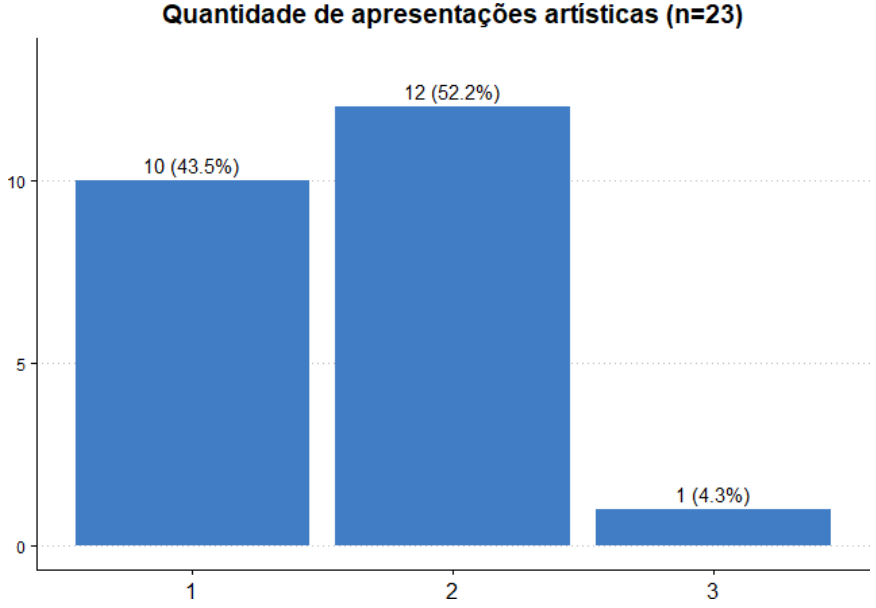

Abrangência (n=23)
20
15
10
5
0
18 (78.3%)
4 (17.4%)
1 (4.3%)
Internacional
Nacional
Estadual


Formato (n=23)
8
(34.8%)
15
(65.2%)
Híbrido
Virtual

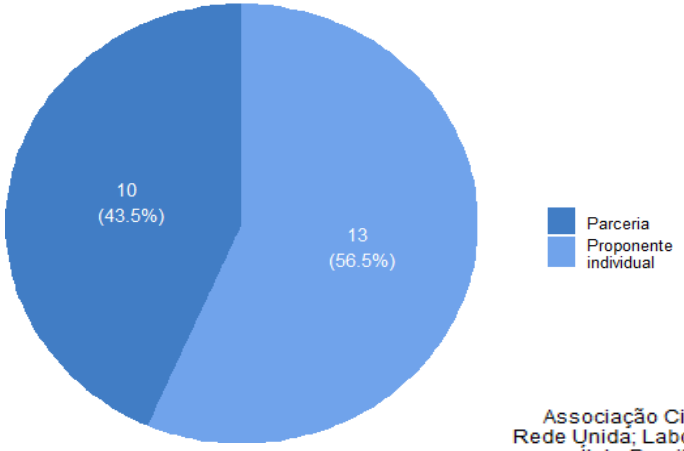

Com ou sem intervenção (n=23)
4
(17.4%)
19
(82.6%)
Não
Sim

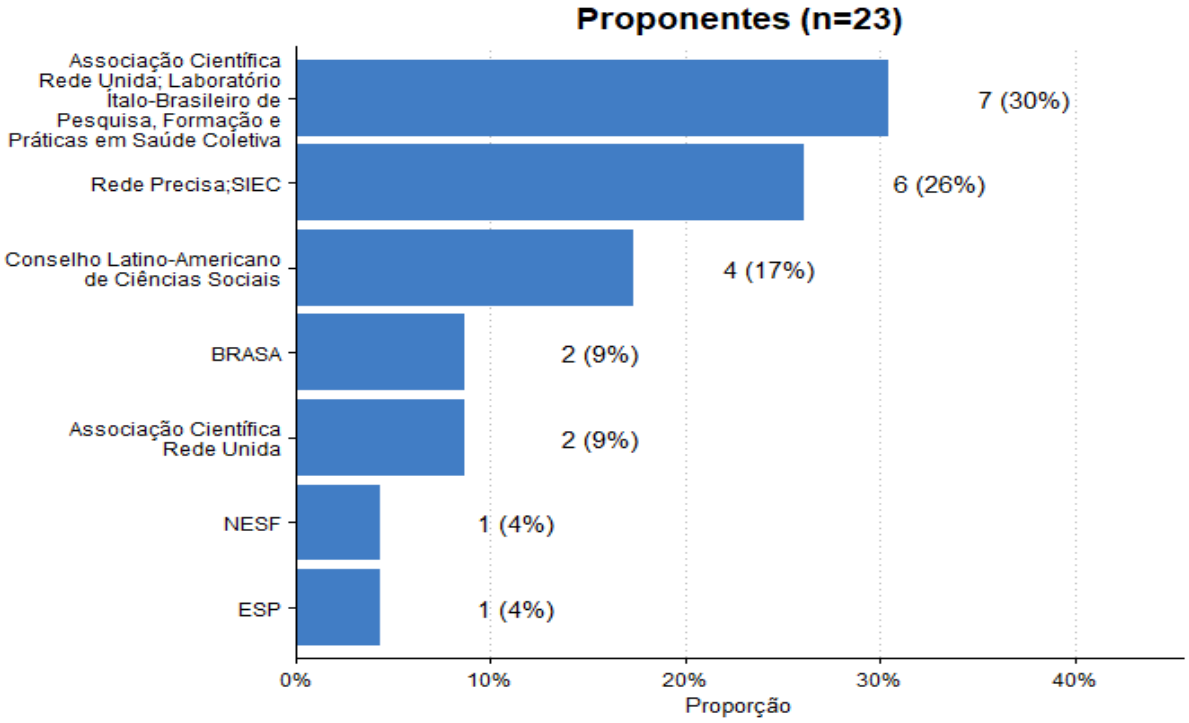

Ano (n=23)
12.5
10.0
7.5
5.0
2.5
0.0
10 (43.5%)
11 (47.8%)
2 (8.7%)
2020
2021
2022


Quantidade de intervenções (n=23)
15
10
5
0
13 (56.5%)
5 (21.7%)
4 (17.4%)
1 (4.3%)
0
1
2
4


Quantidade de apresentações artísticas (n=23)
12 (52.2%)
10 (43.5%)
1 (4.3%)
10
5
0
1
2
3

Quantidade de Proponentes (n=23)



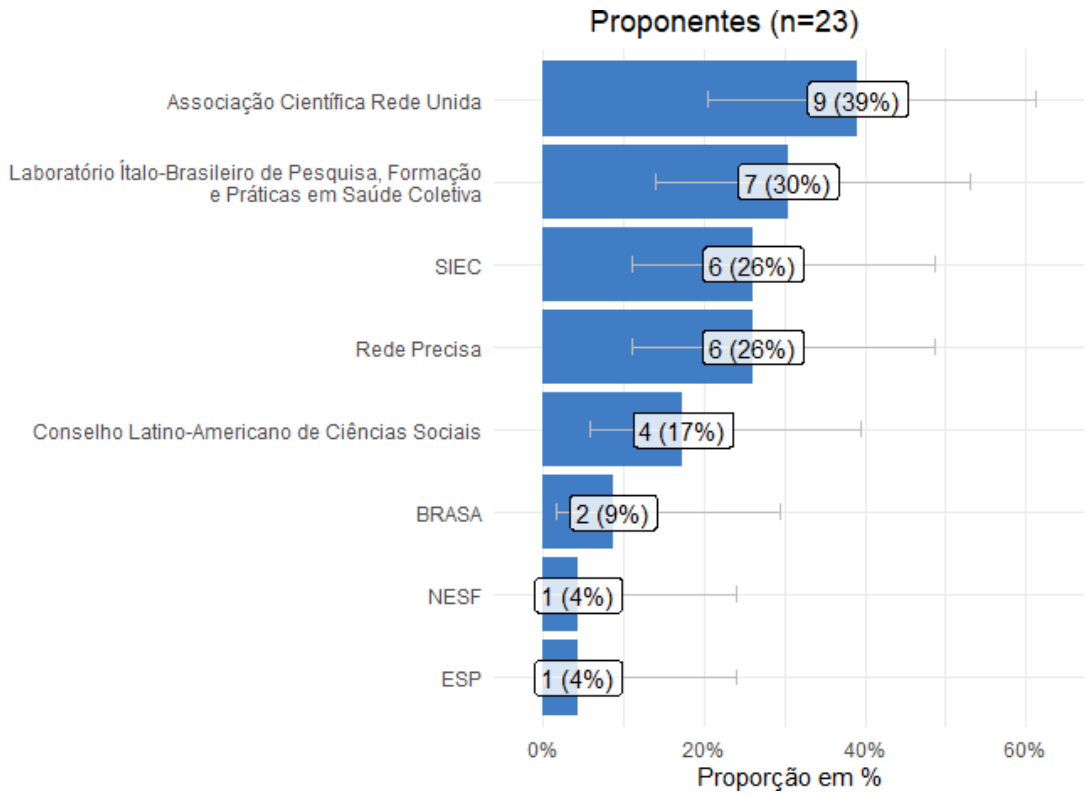


Com relação a **Proponentes**, tivemos maior frequência de Associação Científica Rede Unida (39.13%), seguido(a) de ‘Laboratório Ítalo-Brasileiro de Pesquisa, Formação e Práticas em Saúde Coletiva (30.43%)’, ‘Rede Precisa (26.09%)’, ‘SIEC-SESAP/RN (26.09%)’, ‘Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (17.39%)’, ‘BRASA (8.7%)’, ‘ESP/RN (4.35%)’ e ‘NESF-SESP/RN (4.35%)’. Podemos ver mais detalhes na tabela a seguir:

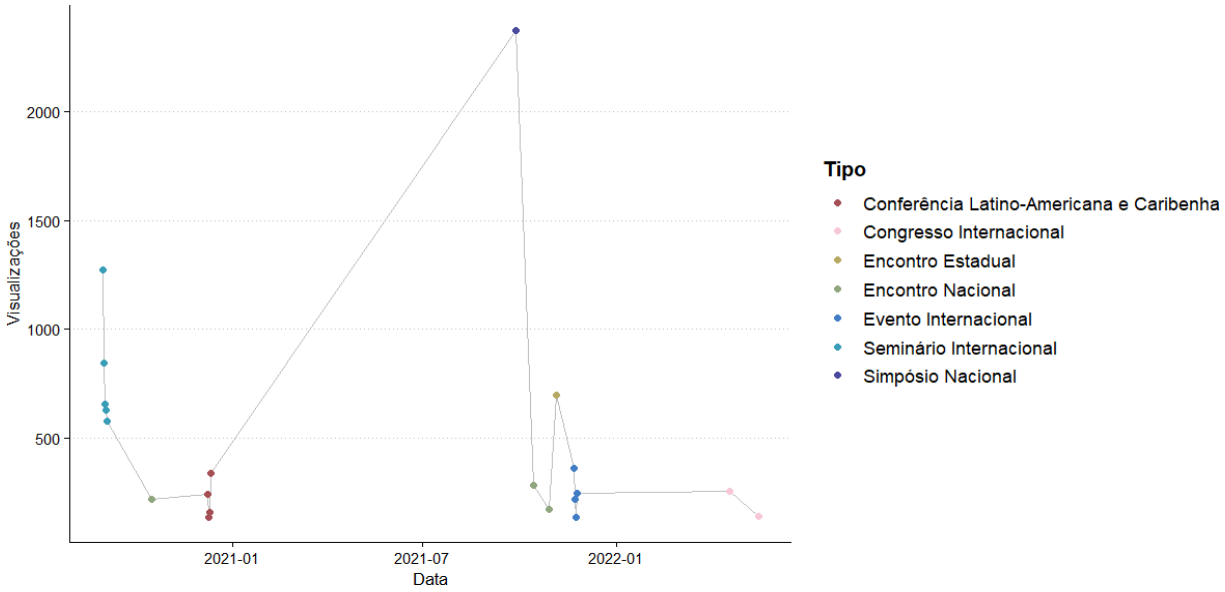
Variável	Frequência	Freq. Relativa	IC 95% para Freq.
Associação Científica Rede Unida	9	39.13%	(20.47%, 61.22%)
Laboratório Ítalo-Brasileiro de Pesquisa, Formação e Práticas em Saúde Coletiva	7	30.43%	(14.06%, 53.01%)
Rede Precisa	6	26.09%	(11.08%, 48.69%)
SIEC-SESAP/RN	6	26.09%	(11.08%, 48.69%)
Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais	4	17.39%	(5.72%, 39.55%)
BRASA	2	8.7%	(1.52%, 29.51%)
ESP/RN	1	4.35%	(0.23%, 23.97%)
NESF-SESAP/RN	1	4.35%	(0.23%, 23.97%)

Proponentes: IC95% = Intervalo de 95% de confiança para proporção

É possível visualizar esses resultados no gráfico a seguir:

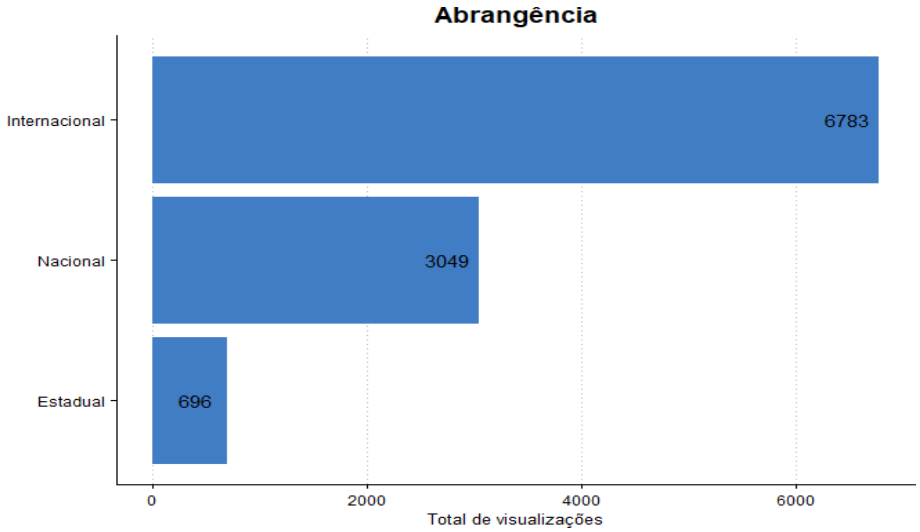


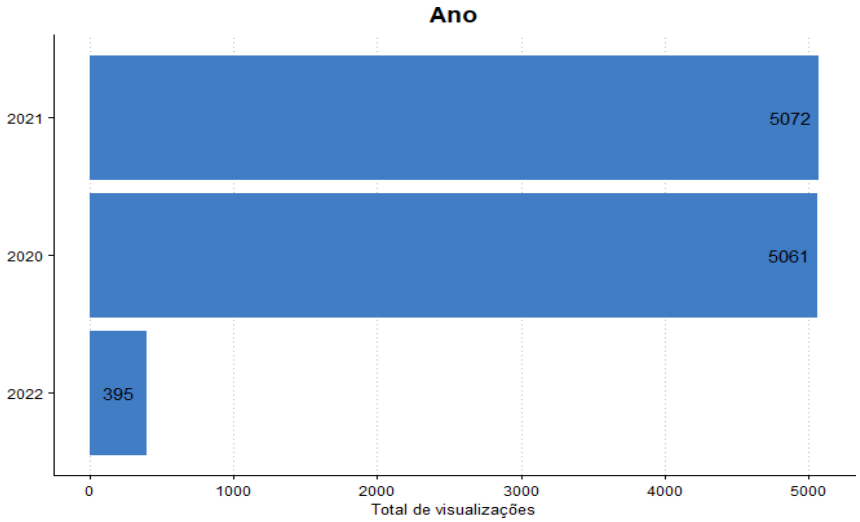
Tendência de visualização

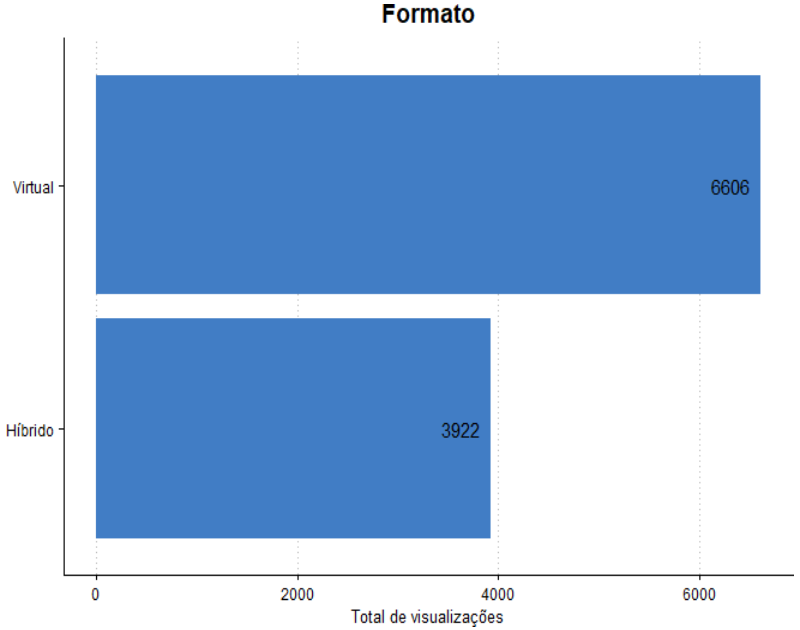


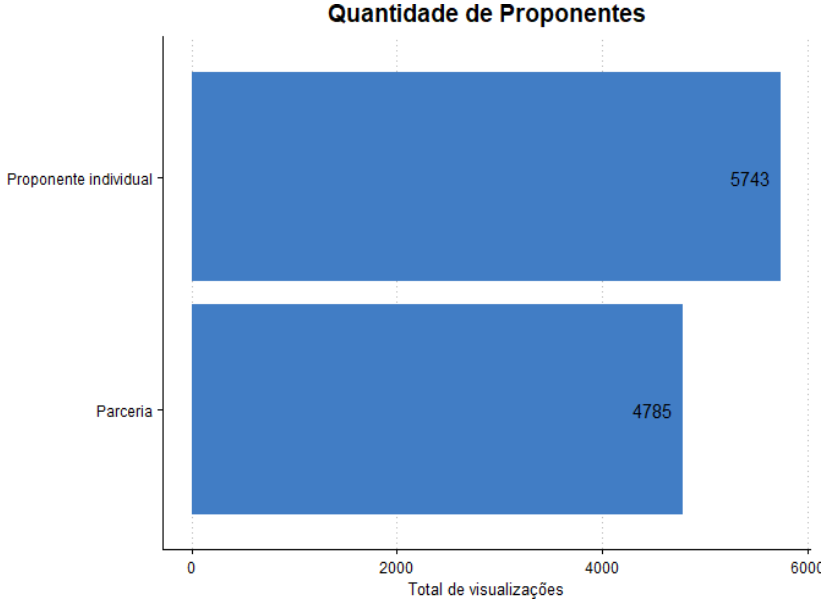
Ao todo, ocorreu o total de 10.528 visualizações, distribuídas da seguinte forma:

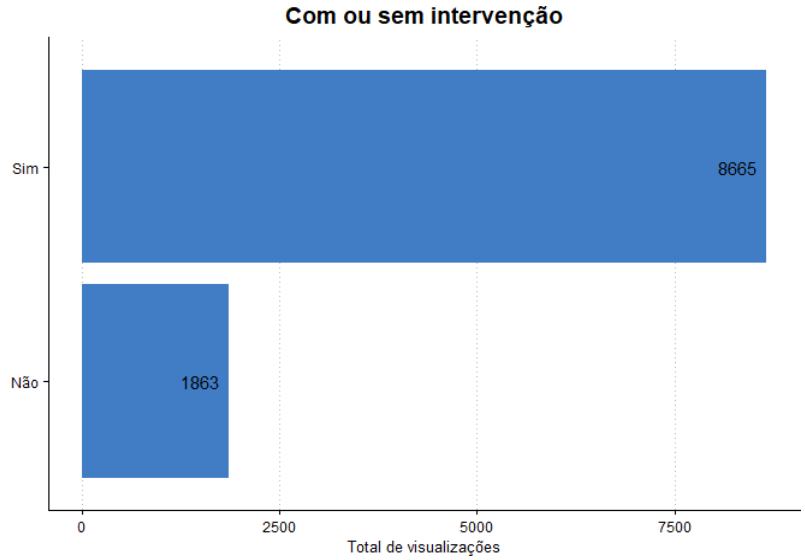
Variável	Tipo	Total de visualizações	Percentual
Tipo	Seminário Internacional	3980	37.8%
	Simpósio Nacional	2377	22.6%
	Evento Internacional	1545	14.7%
	Conferência Latino-Americana e Caribenha	863	8.2%
	Encontro Estadual	696	6.6%
	Encontro Nacional	672	6.4%
	Congresso Internacional	395	3.8%
Abrangência	Internacional	6783	64.4%
	Nacional	3049	29%
	Estadual	696	6.6%
Ano	2021	5072	48.2%
	2020	5061	48.1%
	2022	395	3.8%
Formato	Virtual	6606	62.7%
	Híbrido	3922	37.3%
Quantidade de Proponentes	Proponente individual	5743	54.5%
	Parceria	4785	45.5%
Com ou sem intervenção	Sim	8665	82.3%
	Não	1863	17.7%


Abrangência
Internacional
Nacional
Estadual
6783
3049
696
0
2000
4000
6000
Total de visualizações


Ano
2021
2020
2022
5072
5061
395
0
1000
2000
3000
4000
5000
Total de visualizações


Formato
Virtual
Híbrido
6606
3922
0
2000
4000
6000
Total de visualizações

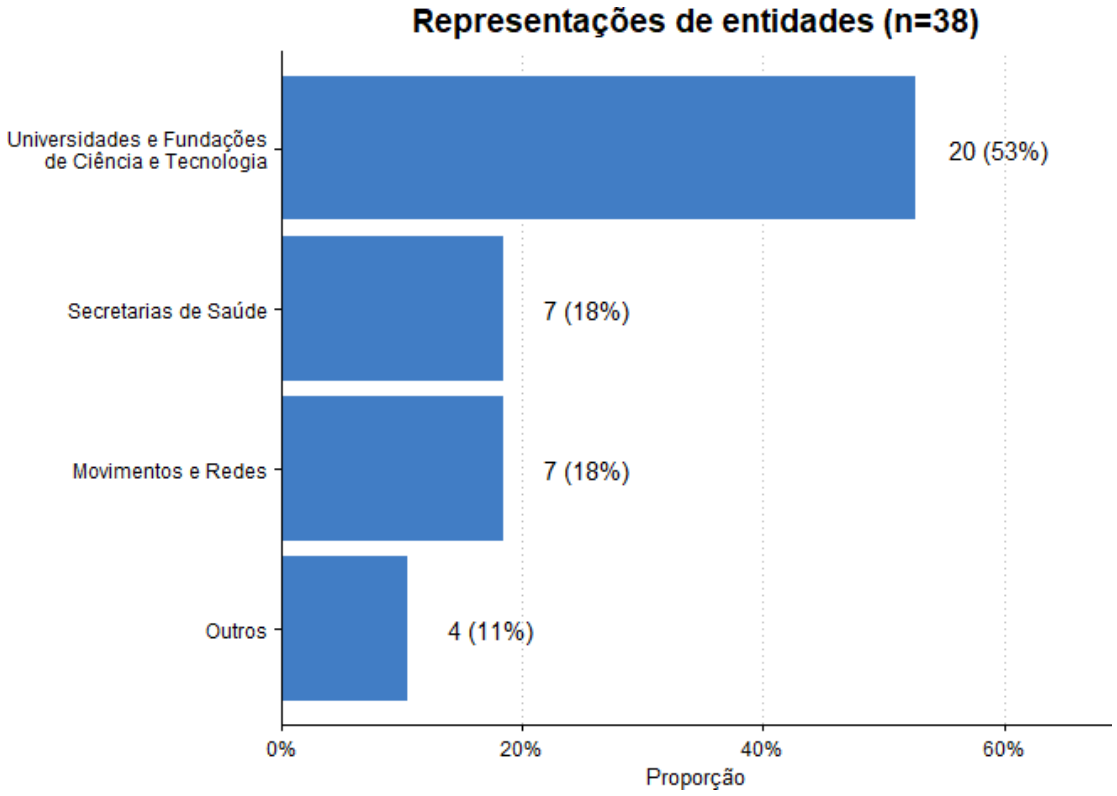

Quantidade de Proponentes
Proponente individual
Parceria
5743
4785
0
2000
4000
6000
Total de visualizações



Participantes

Característica	Frequência	Freq. Relativa	Freq. Acumulada
Universidades e Fundações de Ciência e Tecnologia	20	52.63%	20 (52.63%)
Movimentos e Redes	7	18.42%	27 (71.05%)
Secretarias de Saúde	7	18.42%	34 (89.47%)
Outros	4	10.53%	38 100%)

Houve 38 entidades representadas, sendo **Universidades e Fundações de Ciência e Tecnologia** (52.6%), **Movimentos e Redes** (18.4%), **Secretarias de Saúde** (18.4%) e **Outros** (10.5%).



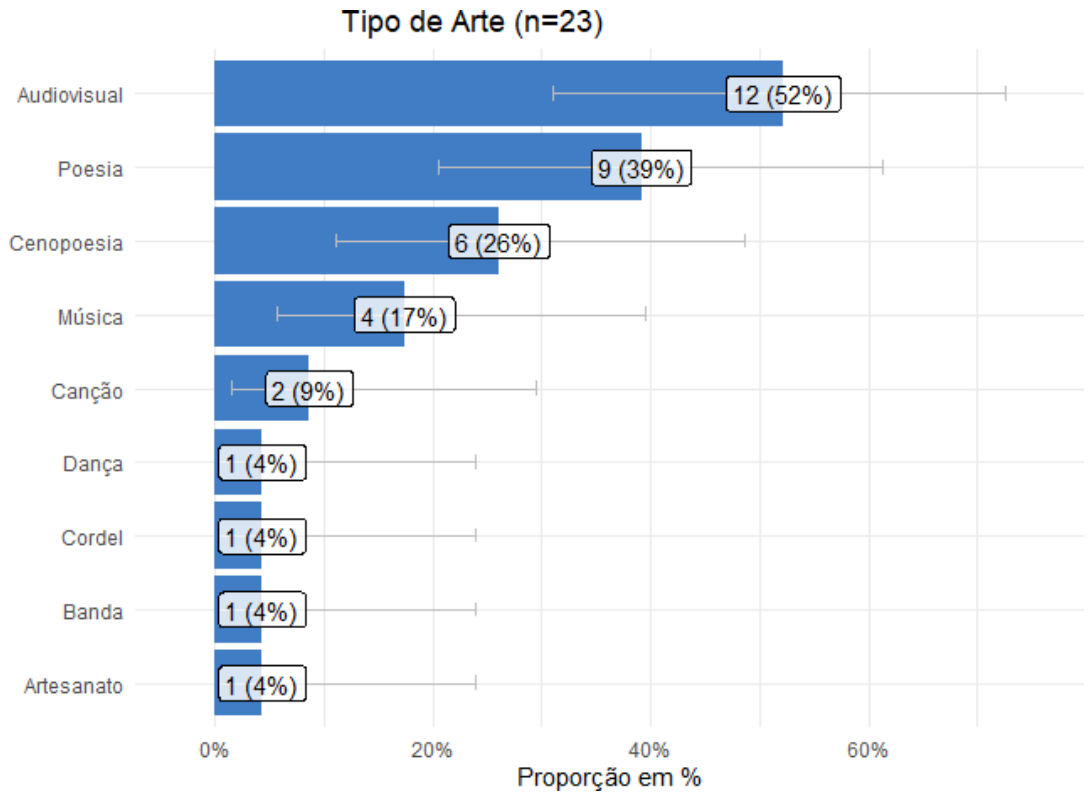
Tipos de arte

Com relação a Tipo de Arte, tivemos maior frequência de **Audiovisual** (52,17% dos 23 artesanários), seguido(a) de '**Poesia** (39.13%)', '**Cenopoesia** (26.09%)', '**Música** (17.39%)', '**Canção** (8.7%)', '**Cordel** (4.35%)', '**Artesanato** (4.35%)', '**Banda** (4.35%)' e '**Dança** (4.35%)'. Podemos ver mais detalhes na tabela a seguir:

Variável	Frequência	Freq. Relativa	IC 95% para Freq.
Audiovisual	12	52.17%	(31.08%, 72.58%)
Poesia	9	39.13%	(20.47%, 61.22%)
Cenopoesia	6	26.09%	(11.08%, 48.69%)
Música	4	17.39%	(5.72%, 39.55%)
Canção	2	8.7%	(1.52%, 29.51%)
Cordel	1	4.35%	(0.23%, 23.97%)
Artesanato	1	4.35%	(0.23%, 23.97%)
Banda	1	4.35%	(0.23%, 23.97%)
Dança	1	4.35%	(0.23%, 23.97%)

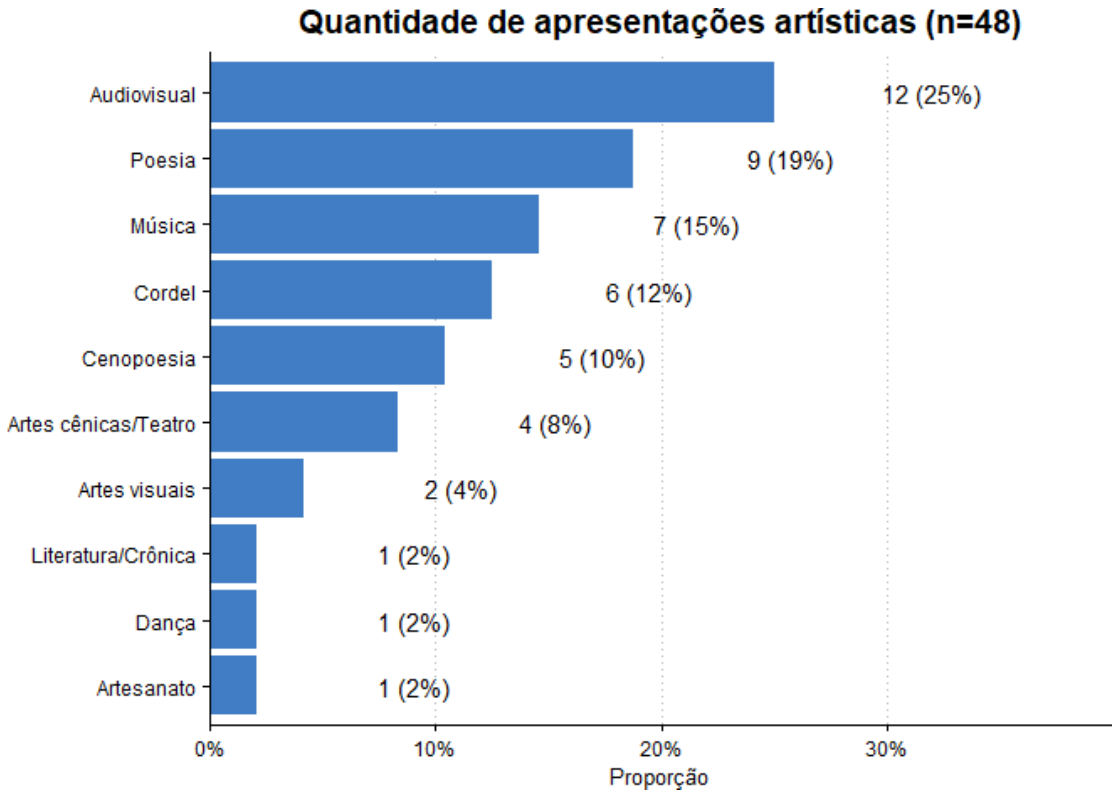
Tipo de Arte, IC95% = Intervalo de 95% de confiança para proporção

É possível visualizar esses resultados no gráfico a seguir:



Contabilizando as 48 apresentações ocorridas nos artesanários, ocorreu a seguinte distribuição: **Audiovisual** (25%), **Poesia** (18.8%), **Música** (14.6%), **Cordel** (12.5%), **Cenopoesia** (10.4%), **Artes Cênicas/Teatro** (8.3%), **Artes visuais** (4.2%), **Artesanato** (2.1%), **Dança** (2.1%) e **Literatura/Crônica** (2.1%), como podemos ver na tabela abaixo:

Característica	Frequência	Freq. Relativa	Freq. Acumulada
Audiovisual	12	25%	12 (25%)
Poesia	9	18.75%	21 (43.75%)
Música	7	14.58%	28 (58.33%)
Cordel	6	12.5%	34 (70.83%)
Cenopoesia	5	10.42%	39 (81.25%)
Artes cênicas/Teatro	4	8.33%	43 (89.58%)
Artes visuais	2	4.17%	45 (93.75%)
Artesanato	1	2.08%	46 (95.83%)
Dança	1	2.08%	47 (97.92%)
Literatura/Crônica	1	2.08%	48 (100%)

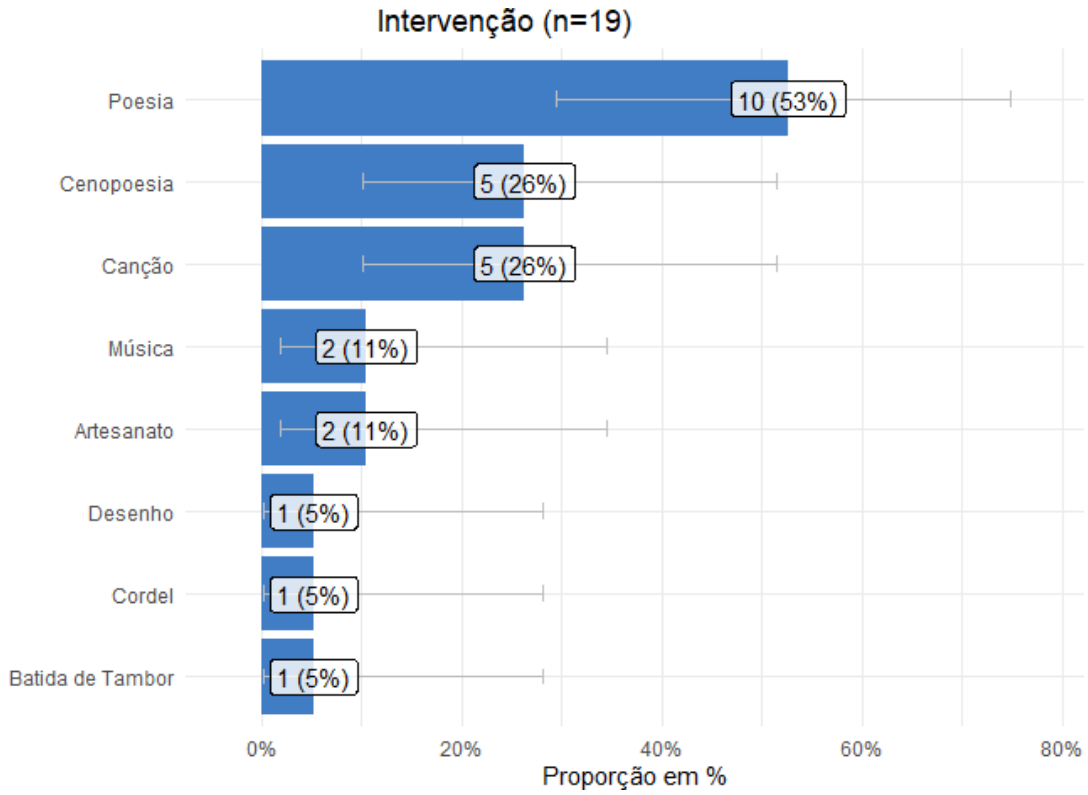


Com relação a **Intervenção**, tivemos maior frequência de **Poesia** (52.63%), seguido(a) de '**Canção** (26.32%)', '**Cenopoesia** (26.32%)', '**Artesanato** (10.53%)', '**Música** (10.53%)', '**Batida de Tambor** (5.26%)', '**Desenho** (5.26%)' e '**Cordel** (5.26%)'. Podemos ver mais detalhes na tabela a seguir:

Variável	n	Frequência	Freq. Relativa	IC 95% para Freq.
Poesia	19	10	52.63%	(29.5%, 74.79%)
Canção	19	5	26.32%	(10.12%, 51.42%)
Cenopoesia	19	5	26.32%	(10.12%, 51.42%)
Artesanato	19	2	10.53%	(1.84%, 34.54%)
Música	19	2	10.53%	(1.84%, 34.54%)
Batida de Tambor	19	1	5.26%	(0.28%, 28.11%)
Desenho	19	1	5.26%	(0.28%, 28.11%)
Cordel	19	1	5.26%	(0.28%, 28.11%)

Intervenção, IC95% = Intervalo de 95% de confiança para proporção.

É possível visualizar esses resultados no gráfico a seguir:



Temáticas mais recorrentes

As 10 **temáticas mais recorrentes** nos artesanários, em ordem de frequência, foram as seguintes: "**Vidas**" (a vidas de todas as pessoas, pleno direito à vida e saúde em face da diversidade humana) foi a mais presente, seguida por "**VER-SUS**" (as Vivências e Estágios na Realidade do SUS para estudantes de graduação) e "**Práticas e Populações Tradicionais**". Logo após, surgiram **"Vigilância"** (vigilância em saúde e a vigilância popular em saúde, que reporta aos Agentes Populares de Saúde e à mobilização das populações em face da pandemia), **"Trabalho Feminino"** e **"Transformação Social"**. "**Transmissão**" e "**Vigilância Sanitária**" também foram temas frequentes, seguidos de "**Vivências**" e, por fim, **"Vozes**".

A palavra sempre foi o mote da pesquisadora. Isso já foi dito linhas atrás. Entre suas experiências e intervenções poéticas ou profissionais, sempre foi a palavra, traduzida em poesia-canção, ou em circularidade, que a impulsionava, que a mobilizava a seguir. E esse toró de palavras, nascido no interior da pesquisa, aquilo quem mais foi dito e ben(dito) entre as pessoas participantes remete ao mesmo toró de sua poesia, que não teme a chuva, "pronta para despencar". Coincidência ou não, o resultado desse deslumbramento de água caindo em cima da gente, traz mote e traz rima. Basta olhar com cuidado, apreciar novamente, acariciar cada palavra e sentiremos a superfície de cada uma enroscar na gente.

Não à toa que a letra "V" – em verdade vos digo – veio com força, representando um viés de verdadeiras vontades de quem sabe seu valor. **Vidas**, **Vigilância**, V**ivências**, **Vozes** e **VER-SUS** abriram uma vertente feito um vespeiro arrodeando os viventes. As palavras nos dão muitos sinais do que estava posto naquela ocasião de semeadura do Artesanário Popular. Vidas e vozes com vontade própria, com desejo e avoação. Era um universo, revestido de gente, insistindo em viver e em ter voz diante do cenário pandêmico e ameaçador que enfrentávamos. Contrapondo-se ao mito de Pandora, que ao abrir a caixa, descarrega sobre o mundo uma infinidade de mal'agouros, nessa caixa de afecções composta por palavras ditas, sentidas e escritas pelas pessoas participantes dos artesanários, esparramava-se sobre nós a Esperança, aquela que ficara presa na caixa do mito grego. Essa esperança, que vem do esperançar, nos arrebatou e nos deixou em estado de esperançamento.

Pandemia, **Atenção Básica**, **Cuidado** e **Saúde** se achegaram também, criando poças, espalhadas e espelhadas pelo chão – batido, calçado ou pisado – refletindo não só o reconhecimento do SUS e do que se produz com e por meio dele, mas também o reconhecimento do povo do lugar e das práticas de cuidado já tão presentes entre os coletivos. A Atenção Básica entra nesse protagonismo, configurando a resistência no enfrentamento à covid-19, sendo reconhecida pela população com a legitimidade e a representatividade que lhe são caras, conquistadas historicamente pelos vínculos de solidariedade, respeito e confiança.

Saberes Autopoiese e **Mulheres** compõem o tecido de palavras resultante dos três torós iniciais, que expresso em último apanhado. Esse roteiro se estremece no encontro com os **Saberes**, a **Autopoiese** e as **Mulheres**, embasando esse bastidor de bordado fino. Três elementos

ritualísticos, místicos e infinitamente poderosos, numa relação sagrada e humana de produzir vida.

Nas ondas da **Cultura** e do **Entrelace** cabe ressaltar que “apresentação” e “intervenção” ocupam lugares distintos no cenário artístico dos artesanários, por isso a marcação no “inventário netnográfico” do “sem intervenção” (3 artesanários). Apresentação e intervenção aparecem, contudo, dançando na mesma chuva e trazendo o mesmo desejo molhado de despencar, em verbo. Nos artesanários a pequena distinção entre um e outro está no fato de que a intervenção, do mesmo modo que um comentador nos eventos científicos, comenta em outra linguagem e sob outra co(e)moção. Ambas se complementam e convergem, provocando um movimento que objetiva a mesma intenção: tocar, vibrar, provocar e desobedecer ao instituído em um evento científico.

Por fim, **Educação**, **Formação**, **Rede Unida**, **Pesquisa** e **Rede Precisa** foram temas reiterados, pois se observa um movimento, uma conversa, uma trama, uma tecedura. Como se em mesmo desenho conversassem frente a frente. A Rede Unida e a Rede Precisa assumem um lugar importante, se considerarmos que estão entre as duas mais significativas proponentes dos artesanários, nos dando a dimensão da inovação e inventividade de tecnologias de comunicação e informação em saúde. A Rede Unida é uma entidade internacional articulada sob os designíos da educação e do trabalho na saúde. A Rede Precisa é uma rede de educação e pesquisa do semiárido. As duas Redes deram visibilidade aos artesanários, trazendo aos mesmos os fazeres da educação, formação e pesquisa. Redes que ampliaram a proposta do semiárido às terras de além-mar. Ainda cabe destacar que os encontros remoto e híbrido formaram uma dimensão fabulosa de entrelace. No total, foram quinze encontros de modalidade remota e oito encontros de modalidade híbrida que possibilitaram arranjos e manejos nos dando repertório para a promoção e mediação entre os temas propostos, os convidados e o público, numa relação multidimensional inovadora que o contexto nos fazia experienciar.

PRODUÇÃO INTELECTUAL DA PESQUISADORA ARTESÃ

O processo de produção da pesquisadora na artista não fugiu aos moldes da artesania, sendo necessária um arsenal de aviamentos: linhas, babados, retalhos, agulhas, tesoura, fuxicos, bicos, sianinhas, botões, postos numa caixa de afecções com a finalidade da prática, do exercício diário de uma escrita encorpada e com um bom e reconhecido acabamento. Esse exercício se fez modelado, passo a passo, em tarefa apre(e)ndida na atividade de ensino "Laboratório de Si", com as professoras Nise Maria Campos Pellanda e Ieda Maria Cassuli que nos deram as ferramentas para a prática, por meio dos caminhos da autopoiese. Do mesmo modo, a produção do artigo "A arte como instrumento de pesquisa no campo interdisciplinar", resultante da atividade de ensino "Epistemologia e metodologias na pesquisa interdisciplinar", ministrada pelos professores Remerson Russel Martins e Maria Kyara de Almeida Vieira. A atividade de ensino possibilitou à pesquisadora que desse os primeiros passos no desenvolvimento de uma escrita científica, mais tarde remodelada, aprimorada e elaborada pela atividade de ensino "Cognição, Tecnologias e Instituições: abordagens interdisciplinares", ministrada pelos professores Karla Rosane Demoly e João Mário Pessoa Júnior, com ensaios embasados em Humberto Maturana. Por fim, não menos importante, a atividade de ensino com meu orientador, professor Ricardo Burg Ceccim, chamada "Ensaios de Escrita", que permitiu ao processo da escrita o tom liberto e crítico, com o discernimento de até onde se pode chegar se não houver medo.

O projeto de dissertação foi aprovado em 16.08.2023 e, ao longo deste último ano, foi colocada em andamento a produção da pesquisa: o inventário dos artesanários na Internet, com sua respectiva sistematização, e a netnografia dos artesanários, com a categorização que lhe é própria, e a elaboração de um artigo "produto conceitual", que pudesse configurar-se como capítulo dos dados. Nesse ínterim, foi produzida a vivência "Corpoesia", com produção poética coletiva durante o V Seminário Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições, durante a programação da Tenda Nise da Silveira (PPGCTI/UFERSA), proposta pela pesquisadora; ocorreu a participação no Fórum (Inter)Nacional de Diálogos e Práticas Interprofissionais em Saúde (FONDIPIS), no Grupo da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular

(ANEPS) para a Chamada nº 221/2023 – Estudos Transdisciplinares em Saúde Coletiva (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq), como mestranda UFERSA; no 6º Fórum de Direitos Humanos e Saúde Mental, da Associação Brasileira de Saúde Mental (Abrasme), Rio de Janeiro, 7 a 9 de setembro de 2023, com a produção da pesquisa de mestrado.

Foi possível ainda a participação em atividades de extensão, como no projeto "Vigilância popular em saúde nas Unidades Regionais de Saúde Pública (URSAP/SESAP)", conduzido pela Faculdade Integrada do Trairi, UFRN; no Seminário Estadual de Saúde Mental do RN, no projeto VER-SUS Redes de Atenção à Saúde, na 17ª Conferência Nacional de Saúde – Tenda Simone Leite e Wanderley Gomes, no I Encontro Macrorregional do Programa Saúde na Escola, no Fórum de Saúde Mental da V Região de Saúde do Rio Grande do Norte e na 5ª Conferência Nacional de Saúde Mental, de 10 a 14 de dezembro de 2023 (relatoria). Ainda na Saúde Mental, como pesquisadora artesã, a presença nas Cirandas Regionais da Política Estadual de Saúde Mental, em todas as regiões do Estado, ouvindo educadores, estudantes, residentes, usuários, profissionais, lideranças, militantes, conselheiros e gestores, que puderam contribuir na escrita da Política Estadual, ainda em processo de elaboração.

Como Produção artística, foi possível a autoria e criação do Projeto Caule – Cuidado em Arte, Urgências e Liberdades de Existir, autoria do Cordel de produção poética de acessibilidade às pessoas com deficiência visual (como atividade de ensino no PPGCTI), em maio de 2023, da produção do vídeo-cordel de acolhimento ao representante da CAPES, Área Interdisciplinar, Câmara II - Sociais e Humanidades, no PPGCTI, em setembro 2023, da apresentação da performance "Doidices e aperreios de uma dona doida (performance que compôs a programação da Tenda Simone Leite e Wanderley Gomes, na 17ª Conferência Nacional de Saúde), a tenda foi capa da Revista Radis, editada pela Fundação Oswaldo Cruz (https://radis.ensp.fiocruz.br/reportagem/saberes-populares/benca-chica/).

Figura 6: Oficina de produção poética coletiva, PPGCTI, 2023.

Figura 7: Capa da Revista RADIS, 2023.

Como Produção artística, foi possível a autoria e criação do Projeto Caule – Cuidado em Arte, Urgências e Liberdades de Existir, autoria do Cordel de produção poética de acessibilidade às pessoas com deficiência visual (como atividade de ensino no PPGCTI), em maio de 2023, da produção do vídeo-cordel de acolhimento ao representante da CAPES, Área Interdisciplinar, Câmara II - Sociais e Humanidades, no PPGCTI, em setembro 2023, da apresentação da performance “Doidices e aperreios de uma dona doida (performance que compôs a programação da Tenda Simone Leite e Wanderley Gomes, na 17ª Conferência Nacional de Saúde), a tenda foi capa da Revista Radis, editada pela Fundação Oswaldo Cruz (https://radis.ensp.fiocruz.br/reportagem/saberes-populares/benca-chica/).

Foram oportunidades que demarcaram o fazer pesquisa e os rumos da pesquisadora no universo acadêmico. Inspiradores encontros, conversas, acolhimentos e doações que a conduziram ao fortalecimento de sua identidade como sujeita artista, agora performando noutro campo que antes lhe parecia inviável, e o nascedouro e desabrochamento da pesquisadora, solidária e comprometida com o Programa que a acolheu. O PPGCTI cumpre seu lugar e sua função de formar pesquisadores eticamente comprometidos com a ciência e com o fazer político e democrático do saber, rompe as barreiras, oportunizando a horizontalidade na formação, abarcando não só a interprofissionalidade, como também as histórias de vida, os territórios impressos nas bagagens, os desejos e memórias ressoando tantas vozes dessas terras e terrenos potiguares.

PARTE III

RIMA: TUDO CRUZADO, INTERPOLADO OU ESDRÚXULO, MAS ARRANJADO

INVENTARIANDO RITUAIS, VASCULHANDO ENCONTROS E GARIMPANDO O ARTESANÁRIO POPULAR

Em tempos difíceis à defesa da vida de todas as vidas, onde uma prática neofascista (MENDES; CARNUT; MELO, 2023) ou necropolítica (NAVARRO *et al.* 2020) se impunha como política pública ou como regime de governo, sobressaíam no país números alarmantes de adoecimento e morte pela pandemia de um novo coronavírus. O Brasil, com 3% da população mundial, teve 11% do total de mortes por covid-19 entre os anos de 2020 e 2022 (SANTOS *et al.*, 2023). No mesmo período, se fortaleceu no Brasil o genocídio de povos originários e populações em situação de fragilidade (MATOS *et al.*, 2022), sendo emblemática a fala do ministro do meio ambiente em uma reunião ministerial do ano de 2020 ao pronunciar que, aproveitando o foco da mídia e das organizações sociais na pandemia, dever-se-ia "passar a boiada" da pauta de interesses ao agronegócio, sequestro de terras das populações indígena e quilombola, facilitação do comércio de agrotóxicos e extinção de órgãos públicos de defesa do meio ambiente (SORDI; SEGATA; LEWGOY, 2022). Não era possível que profissionais da saúde coletiva promovessem apenas entre si as conversas de análise, interpretação e recomendação de diretrizes à ação de controle da pandemia, remissão da doença e redução do número de mortes, era preciso "produzir-com" a própria população novos saberes à saúde coletiva e proporcionar um modo de pensar e agir menos formal e mais afetivo, capaz de ativar interações mais sensíveis e mais inclusivas.

Era preciso conversar com a sociedade, era preciso politizar a situação de sofrimento psíquico de trabalhadores e da população, retirando do componente individualmente vivido uma compreensão social e coletiva (este é o sentido da palavra "politizar" no presente texto), era preciso armar uma outra rede de conversas, era preciso inserir outras linguagens de comunicação, era preciso fornecer alegria e alívio a trabalhadores da saúde e a analistas sociais preocupados com a intensa vulnerabilização dos inúmeros grupos sociais. Maria Waldenez Oliveira (2015, p. 142) assevera que "movimentar-se em direção à cultura popular não é reduzi-la a estratégia pedagógica, no seu sentido mais estreito, mas tomá-la como estratégia política". Era sabido que – em territórios de vida – pessoas idosas, pessoas com transtornos mentais, crianças ou jovens com transtornos globais do desenvolvimento e bebês recém-nascidos amargavam a clausura domiciliar e a privação justamente do que lhes promove

saúde e bem-viver, que são as interações, os estímulos psicoafetivos, as trocas simbólicas e a comunicação interpessoal. Nesses territórios, estavam cuidadores populares como as benzedeiras com seus rituais de fé e esperança pelo bem estar do outro, as rendeiras e costureiras com sua arte de entrecruzar pessoas e fios de linha na tessitura de panos e cuidados em saúde, costurando máscaras, porta-frascos, sacolinhas para isolar produtos higienizados e paninhos para higienização com álcool gel, e o pessoal da Atenção Básica, com a invenção de visitas domiciliares afetivas e seguras, redes de WhatsApp para tirar dúvidas e indicar cuidados e realização de atendimentos remotos, entre tantas "instaurações" de práticas de proteção da vida.

Durante a pandemia de covid-19, vivemos a necessidade do distanciamento social e a necessidade de acesso à informação em saúde. A informação foi tomada por outra pandemia, a infodemia (FREIRE *et al.*, 2021), quando todo tipo de informação era difundida sob as mais diversas plataformas digitais ou de mídias radiotelevisivas com predomínio de informações falsas, campanhas antivacina, estímulo à invasão de hospitais para flagrar leitos que estivessem desocupados para "provar" que não havia excesso de pessoas doentes e mortos, acusação de que profissionais da Educação Básica ou da Atenção Básica queriam ficar em casa apenas para não trabalhar e que a restrição à permanência em lugares de aglomeração nas ruas era abusiva. O novo desafio, na contraparte da infodemia, foi alterar a configuração do distanciamento social aos limites do afastamento físico, não o afastamento afetivo e nem a ausência de interação favorável ao bem-estar afetivo e ao acesso à informação de qualidade. Tornou-se urgente localizar ferramentas informacionais e comunicacionais que não representassem distância, mas laços de proximidade, aproximação de realidades, tessitura de conversas e compromissos coletivos (LATGÉ; ARAÚJO; SILVA, 2020, p. 124).

A BemTV, por exemplo, uma organização da sociedade civil da área de mídia, comunicação e educação, atuante desde os anos 1990 junto aos adolescentes e jovens de territórios populares nas cidades de Niterói e São Gonçalo, reconhecida como Ponto de Cultura pela Lei da Cultura Viva, desenvolveu um trabalho designado por "Jovens Comunicadores em Saúde", tendo em vista fazer frente aos impactos da pandemia nas periferias urbanas dessas cidades de grande densidade populacional. A experiência, segundo relatam Paula Kwamme Latgé e Daniela Nunes Araujo, da BemTV, junto com o professor de saúde coletiva Aluísio Gomes da Silva Júnior, da Universidade Federal Fluminense (LATGÉ;

ARAÚJO; SILVA, 2020), foi “marcada por quatro eixos fundamentais: Comunicação Comunitária, Educação, Vigilância Popular em Saúde e Transferência de Renda”. Ficar em casa seria um grande desafio “diante da ausência de saneamento e condições de manutenção da renda”, amplificada pela “falta de acesso a informações claras e de linguagem acessível”. De forma geral, conforme relatam, desenvolveram uma “aposta na comunicação que transforma, que amplia espaços, que disputa discursos” (p. 123). Seu projeto teve como premissa “ferramentas informacionais para gerar proximidades, não uma educação à distância, uma conexão educativa, um processo de co-elaboração de vários, que acreditam que o cuidado só se faz viável em redes que atuam em territórios existenciais” (p. 126). Explicam que um território existencial não reporta um ponto no mapa, mas uma localização espaço-temporal, uma localização espacial que é configurada no tempo, que está em processo e constante feitura.

No semiárido potiguar, numa articulação entre universidade, sistema de saúde, redes científicas e artistas populares surge o Artesanário Popular. O primeiro movimento foi aquele de estranhar a linguagem e discurso usado entre profissionais, docentes, estudantes e pesquisadores. Estranhar que esse grupo falasse apenas entre si e no interior de sua particular e própria rede discursiva. Estranhar que a rede mundial de computadores, no caso da informação em saúde, estivesse apinhada de seminários científicos, mas a comunicação popular apenas entre também iguais. Estranhar que a defesa da ciência se fazia em sua superioridade nos saberes relevantes, anulando-se as sabedorias populares do cuidado, prevenção de contágio, promoção da saúde e terapêutica das doenças prevalentes ou incidentes. Em meio aos estranhamentos, a pergunta: e por que não um Artesanário? Um seminário sob outro plano de comunicação, aquele da comunicação popular em saúde, e que fosse “costurado” com a arte popular, mobilizando os afetos e a sensibilidade. A palavra Artesanário, um neologismo, foi criada para nominar um desafio à ação, nasceu da combinação da palavra arte com o sufixo ário, que traz a noção de local ou espaço. Nesse caso, significando território de acondicionamento à arte popular e à informação em saúde, configurando a agregação da comunicação popular em saúde com a arte. Por inspirar-se na cultura do semiárido brasileiro e na tradição da educação popular em saúde junto à Atenção Básica, inicialmente o método foi designado Artesanário Popular. Os artesanários se difundiram em iniciativas de seu grupo proponente, tornando-se um método de comunicação popular em saúde, sem que fosse encontrada essa palavra ou qualquer proposta metodológica associando informação e comunicação em saúde com intervenção artística.

Três vezes essa palavra foi encontrada em um exercício de busca nas redes sociais, nos portais de periódicos e nas bases de dados em teses e dissertações acadêmicas até o ano de 2020: uma em um trabalho de disciplina em um centro universitário, outra uma proposta de encadernação gráfica artesanal e uma última a designação de um grupo musical de interior.

Então, buscando por "Artesanário", na rede mundial de computadores em 2023, exceto a palavra usada pelo grupo proponente e suas redes de interlocução, foi encontrada uma atividade de ensino de graduação de 2014 na área de administração e marketing em que estudantes inventaram (didaticamente) uma loja chamada "O Artesanário" para desenvolver um estudo de análise de mercado na cidade de Curitiba, capital do Paraná. A loja venderia móveis com design criativo. Uma outra incidência foi um projeto para encadernações artesanais no campo da papelaria e design gráfico, apresentado em 2015, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. No ano de 2020, uma banda musical se intitula "Artesanário – hippie rock", em Lima Duarte, interior de Minas Gerais. Em 2023, surge uma loja virtual de materiais para artesanato com o nome de "Artesanário". A palavra, então, exceto fora da comunidade de prática contemplada pelo presente artigo, constou especificamente na ordem do artesanato, do design e de uma banda de interior. Assim, foi se tornando uma exigência definir quando uma proposta seria Artesanário Popular, Artesanário na Comunicação Popular em Saúde ou, simplesmente, Artesanário, quando se tem em vista a popularização e politização do conhecimento. Parecia mais fácil dizer quando e porque a inserção da arte em eventos e seminários não configurava um artesanário do que conceituar e disciplinar o Artesanário como metodologia. Isso porque, na saúde, também se disputa a arte como promoção da saúde e até como promoção do cuidado em saúde mental (não necessariamente a arte cuida dos adoecimentos, mas cuida dos sofrimentos e aflições decorrentes ou não de adoecimentos).

O desafio de uma dissertação de mestrado em Cognição, Tecnologias e Instituições, junto à Universidade Federal Rural do Semiárido, com sede na cidade de Mossoró, estado do Rio Grande do Norte, se manteve interessante. Conforme inventariado, a arte trazida aos Artesanários era fundamentalmente a arte popular, não a arte espetáculo; a arte das culturas orais, não as artes das culturas letradas, embora essas definições sejam móveis e incertas. Na criação do Artesanário Popular, estavam inseridas as artes da cultura popular do semiárido brasileiro e aquelas

absorvidas na tradição da educação popular em saúde junto à Atenção Básica, principalmente no nordeste do Brasil. Porém, as artes de grandes poetas e músicos, as artes em telas e esculturas, assim como as artes circenses também passaram ao uso ou referência. O Artesanário não é parte de um evento ou o componente de mostra artística em um evento, é introdução, costura e desfecho em projetos de comunicação popular em saúde ou o componente de popularização e politização do conhecimento no campo da informação em saúde. A inserção de mostras artísticas ou culturais convidadas a "abrilhantar" (realmente o fazem) eventos científicos em seus momentos de abertura, intervalo ou encerramento não configura um território artístico. Um artesanário é um território artístico, está no evento todo, não em momentos de um evento. O evento precisa ser tecido entre cientistas e artistas, entre letrados eruditos e letrados da cultura popular. Considerados os interessantes e inteligentes deslizamentos de arte erudita e arte popular também se pode dizer que essa distinção é provisória, seja no tocante ao público ou aos artistas.

AMBIÊNCIA DO ARTESANÁRIO POPULAR

Metodologias de geração de ideias, de sistematização de projetos, de apoio à educação social de suporte à ação comunitária e de promoção da participação em eventos têm se disseminado, especialmente em práticas de ensino e de aprendizagem coletiva ou organizacional, muitas estão documentadas sob a forma de artigos ou livros, tendo em vista assegurar diretrizes e princípios de uso, isto é, configuram efetivamente propostas metodológicas com estrutura, finalidades, estratégias de feedback, atores envolvidos ou a envolver. É nesse sentido que a invenção dos Artesanários Populares precisa ser documentada, narrada e organizada para fins de replicabilidade. Uma metodologia clássica de geração de ideias é o Brainstorming, traduzido ao português como Chuva de Ideias, cuja metodologia foi originalmente proposta em 1939 nos Estados Unidos por Alex Faickney Osborn, mas só publicada em 1953 para que se tornasse um modo replicável, atendendo procedimentos e princípios fundamentais correspondentes a sua intencionalidade (OSBORN, 1953).

Nas organizações da sociedade civil e especialmente nas entidades de ação comunitária, a metodologia TOWS ou SWOT (Threats, Opportunities, Weaknesses e Strengths), que, em português, é a chamada metodologia FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), se popularizou como modo elaboração de projetos nas organizações comunitárias. A metodologia foi sistematizada por Heinz Weihrich, dos Estados Unidos, em 1982 (WEIHRICH, 1982), que a resumiu em uma matriz para combinar as ameaças e oportunidades com os pontos fracos e, mais especialmente, com os pontos fortes. A novidade foi uma metodologia para identificar sistematizadamente as relações entre estes fatores e fundamentar estratégias com base neles. Serve ao planejamento, mas serve à leitura de realidade, interpretação de processos e reconhecimento de trajetórias. Já a metodologia participativa World Café, hoje absolutamente disseminada, foi criada para promover a participação, facilitar o diálogo e a aprendizagem mútua, assim como contribuir à produção de informação qualitativa. A metodologia define princípios para a troca de saberes e a escuta ativa, foi criada em 1995, nos Estados Unidos, por Juanita Brown e David Isaacs (BROWN; ISAACS, 2005), tendo inspiração nas “conversas à mesa nos cafés pelo mundo”. Sem tradução firmada para o português, no Brasil, seria o “Café com Ideias”, a qual o Ministério

da Saúde chegou a normalizar, em 2005, como “Café com Ideias: as ideias do café” (BRASIL, 2006).

O Artesanário Popular, inicialmente proposto para o “Seminário Internacional Atenção Básica e as (Re)Existências na Pandemia”, realizado no ano de 2020, foi apresentado como método de entremeio ou costura, de modo a contrastar saberes formais e saberes populares. Um seminário, mas com o uso do artesanário, não um artesanário, mas seu uso como uma metodologia de confronto ou ao contraste dos modos de dizer, de ouvir e de sentir. As metodologias ativas em aprendizagem comunitária ou organizacional têm sido cada vez mais frequentes, tendo em vista aumentar a participação, a consulta ou a geração de ideias. Atividade coordenada pela “Rede de Pesquisas e Projetos de Educação e Cooperação Internacional com o Semiárido na Área da Saúde” (Rede Precisa), o seminário foi composto com o entrelaçamento do Artesanário Popular. Devido à pandemia, o seminário foi totalmente remoto (webinário), mas sua coordenação foi na cidade de Mossoró/RN e todas as propostas do artesanário foram articuladas com as artes do oeste potiguar, a perspectiva de atenção básica do nordeste brasileiro e a politização dialógica do confronto de saberes na conjuntura nacional de enfrentamento à pandemia de covid-19.

No contexto da pandemia, a modalidade dos webinários se multiplicou, nunca se fez tanto seminário quanto nesse período, pois sem os custos de deslocamento, hospedagem e locação de espaços também ficou mais barato promover cursos e eventos. De outra parte, esse período de expansão da comunicação eletrônica serviu aos grupos bolsonaristas (BACHINI *et al.*, 2022) como uma maneira nova de disseminar notícias falsas e gerar comunidades de pensamento capturado. Esses grupos passaram a investir numa onda viral de notícias falsas (*fake news*) em desfavor da ciência no enfrentamento da covid-19, guerra declarada contra os serviços públicos de saúde, meio-ambiente, cultura e educação, ataque à Atenção Básica e ao programa de imunizações, gerando um descontrole das contaminações e mortes, mesmo com a farta experiência mundial de sucesso com o uso da máscara e a adoção do lockdown. Um fenômeno negacionista disseminado durante a pandemia contribuiu para o descrédito na ciência e nas reconhecidas instituições de saúde pública, interferindo profundamente na adesão da população às medidas sanitárias necessárias à prevenção da pandemia (GALHARDI et. al., 2020).

Galhardi *et al.* (2020, p. 4208), declaram que, ao analisarem o fenômeno das *fake news* em saúde, durante a pandemia, foi possível

afirmar “que a disseminação de notícias falsas contribui[u] para o descrédito da ciência e das instituições globais de saúde pública, bem como enfraquece[u] a adesão da população aos cuidados necessários de prevenção”. Na linha de construção do descrédito institucional, o WhatsApp foi o principal canal de compartilhamento de *fake news*, seguido do Facebook e do Instagram. A pesquisa dos autores conclui com a indicação de que a solução para esse problema passa por qualificar e expandir a informação em saúde para a sociedade brasileira, assim como localizar as melhores estratégias de comunicação em saúde.

O estudo de Cláudia Galhardi, Neyson Freire; Cecília Minayo e Maria Clara Fagundes mostrou que as mensagens falsas que circularam pelo WhatsApp citavam “a Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz] como fonte de textos com orientações de medidas de proteção caseiras para eliminar o vírus” e que as *fake news* publicadas no Facebook apontavam “a Fiocruz como orientadora de receitas caseiras para proteção contra o novo coronavírus” (GALHARDI *et al.*, 2020, p. 4208), ou seja, o nome da instituição tanto era usado para legitimar a desinformação em saúde, como para torná-la desacreditada. Essa ação intencional tanto levaria à tomada de decisões equivocadas como promoveria a descrença na informação científica e promoveria a confusão entre orientações oficiais e orientações falsas. Fazia-se necessário criar estratégias de comunicação e produção de conhecimento de base popular e comunitária que pudessem atender às demandas decorrentes da emergência sanitária que se alastrava e, sobretudo, pudessem alcançar as populações mais reféns da informação falsa e mais postergada na comunicação erudita (segregadora e exclusora das classes populares). De outra parte, era preciso mobilizar entre os profissionais de saúde, comunicadores oficiais e cientistas da saúde coletiva também uma produção de conhecimento que não desarticulasse as práticas e saberes populares produzidos nos territórios das práticas e nem saberes científicos e oficiais.

Esse processo desembocou primeiro numa comunicação popular coletiva, crítica, solidária e legitimamente territorial que alcançava a população mais vulnerabilizada a partir de respostas a questões reais, como a falta de máscara descartável e de álcool gel, a ausência de informações palpáveis sobre o contexto pandêmico, a impossibilidade de ficar em casa e abandonar as fontes de renda, sobretudo, na população em situação de rua, e os mais expostos aos subempregos ou trabalhos mais precarizados. Essa iniciativa ficou conhecida como Vigilância Popular

em Saúde (Meneses *et al.*, 2023). Entre profissionais, a pauta era única: disseminar a informação científica, combater fontes de informação não oficial, promover um imaginário de confiança na ciência e de desconfiança dos informantes não cientistas. Uma comunicação de resistência em rede, de proteção da vida nas comunidades, terreiros, favelas, acampamentos, ranchos e ruas, pautada no protagonismo territorial e comunitário, no lema "nada sobre nós sem nós", numa linguagem legítima e identitária, começou a se fortalecer em contraponto aos moldes mortíferos do neofascismo. Uma comunicação popular e solidária com um compromisso coletivo, pautado por uma linguagem acessível e democrática, entendendo-se que, "uma política ou teoria não são prescrições, mas (re)leituras, cujo relato daquilo que dizem está na linguagem daqueles que a transportam em fazeres cotidianos e de comunicação entre interessados" (CECCIM; CYRINO, 2017, p. 5). É nesse *germinar* que o Artesanário Popular vai ganhando corpo, um trancelim de conhecimento científico e saber popular, informação em saúde e comunicação popular. Saúde, educação e arte, especialmente de cultura popular.

Colocar o conhecimento como elemento político e impulsionador de transformações, o conhecimento não dissociador, o conhecimento inclusivo, foi um desafio novo para aqueles com os pés no território, como os profissionais e pessoal da Atenção Básica. Lia Calabre, pesquisadora da área de cultura e territorialidade, argumenta que no contexto de chegada da pandemia, "em meio à proibição das aglomerações, com a imposição do isolamento social, a música, o teatro, a literatura e a arte em geral foram saldadas como canais de escape fundamentais da solidão, como alimento da alma, como alento e esperança de tempos e vidas sãs". Lembra que um volume muito maior de arte foi consumido durante a pandemia. Além dos suportes tradicionais (livros e mídias eletrônicas) e da Internet, ainda as "janelas e varandas das casas, por todo o mundo". Foi ampliado o consumo de produtos culturais, valorizada a cultura e alargado "o uso do tempo diário com atividades de arte e cultura" (CALABRE, 2020, p. 11).

Identificada com a Atenção Básica, a educação popular em saúde busca soluções para a intervenção em território e para a comunicação popular. Para Ray Lima e Raimundo Lima, artistas e educadores populares em saúde, se a arte não resolve "por si só problemas individuais e coletivos, os problematiza e discute, ajudando a despertar reflexões que reorientem nossas relações conosco mesmos e com o outro, apontando

caminhos de superação das próprias limitações" (LIMA; LIMA, 2009, p. 54, citação editada). O Artesanário Popular ensaiou esse pensamento na prática da comunicação popular em saúde, se configurou como instrumento para entretecer informação e comunicação, saúde coletiva e arte. O impulso desse entrelace são os afetos em um caminhar da resistência e da invenção de caminhos. Nas palavras de Schweickardt *et al.* (2019, p. 16), "estamos dizendo que o que está em jogo não é só pensamento cognitivo, mas também o corpo, as palavras, os atos e os diferentes modos de agir nos lugares e com os lugares".

O ABRE-ALAS OU O MOMENTO PRECURSOR

Do artesanato à artesania, a ciência e os saberes populares sentaram-se
no alpendre desse enorme casarão SUS
para um balançado de rede.
(Cordel de Avaliação)

O Seminário Internacional Atenção Básica e as (Re)Existências na Pandemia surge a partir de diálogos entre Brasil e países como Espanha, Itália e Bolívia, mas foi organizado por um coletivo composto por trabalhadores, professores, pesquisadores, residentes, estudantes de graduação e pós-graduação, representantes de movimentos sociais e populares inseridos no semiárido potiguar, característica que determinou a produção da ambiência do Artesanário Popular. Foram convidadas pessoas que ativavam processos na interface arte e saúde nos contextos da Atenção Básica e do semiárido nordestino, predominando os territórios potiguares, o trabalho com a saúde mental e a presença dos programas de residência em saúde da família. A Subcoordenadoria de Informação, Educação e Comunicação (SIEC), da Secretaria de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Norte (SESAP/RN) teve papel ativo no apoio às iniciativas, dedicando seus servidores e também contatos nas redes de saúde regionais e municipais.

O Artesanário Popular, foi tecido nas atividades e entre as atividades dos cinco dias de Seminário, usando-se de intervenções artísticas em música, performance, cordel e poesia. Artistas foram convidados a trazer informação e esclarecimento solidário sobre a pandemia, artistas foram convidados à plena atenção durante as falas e exposições, comentando-as na linguagem que preferissem durante as apresentações e artistas foram convidados à avaliação de cada bloco organizativo. Contudo, quatro blocos foram organizados por inteiro como Artesanário, além daquele alusivo ao último dia. Sobre eles, segue a presente seção.

O primeiro Artesanário trouxe a memória de uma experiência do ano de 2018, envolvente de estudantes de graduação da área da saúde no Projeto Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS) na região do Seridó Potiguar, município de Currais Novos, o VER-SUS Jurema. O VER-SUS é um projeto estratégico de integração ensino-serviço-comunidade, tendo como principal objetivo a experiência interprofissional e comunitária em saúde. A experiência se compreende pelo viés da responsabilidade social e da territorialização, onde gestão em saúde, instituições de ensino, movimentos sociais, usuários e serviços se fundem na produção de conhecimento com a perspectiva local: necessidades sociais em saúde, linguagens populares, atuação em equipe, capacidade de reflexão e crítica, capacidade de proposição disruptora dos instituídos. O nome Jurema se justificou pelo viés da ancestralidade quilombola e indígena e da relação dos povos originários e do próprio povo nordestino com a árvore da Jurema, integrante do bioma da caatinga, árvore de raiz forte e muito resistente à seca, considerada sagrada em rituais de cuidado e detentora de propriedades medicinais. (1,2 mil participações on-line)

O segundo Artesanário abriu caminhos através do diálogo entre arte e saúde mental; práticas integrativas e complementares em saúde; e educação popular em saúde. A experiência também foi frutificada no município de Currais Novos, a partir da implantação do Espaço TeraPICS, em 2017, onde a produção de cuidados coletivos entre grupos de mulheres protagonizou o serviço através de círculos de cultura, da poesia e a partir de uma construção política, cidadã e solidária de cuidado coletivo. Um encontro de mulheres pautado no cuidado coletivo impulsionara transformações, críticas e práticas libertadoras no cotidiano, fechando ciclos de desigualdades e violências. Nas palavras de Pulga *et al.* (2020, p. 37): “as mulheres [ativistas] reconstroem e ressignificam a cultura e os valores, assim como mutuamente constroem conhecimento e autonomia”. O Espaço TeraPICS trouxe as possibilidades de repensar a clínica e de produzir práticas de cuidado em saúde com capacidade de crítica à medicalização, sobretudo, quanto ao uso dos psicotrópicos. A introdução de práticas como Yoga, dança circular, escalda-pés, auriculoterapia e ervas rompeu um silenciamento histórico e cultural das mulheres. Conforme Oliveira (2020, p. 31), “transversalizando seus cuidados numa relação potente e inquebrável, consciente e certa de sua direção”. (843 participações on-line)

O terceiro Artesanário, Saberes Populares e Protagonismos Territoriais, foi sobre um projeto de Farmácia Viva de uma Unidade Básica de

Saúde localizada na região do Trairi Potiguar, município de Santa Cruz. Tratava-se da pesquisa acadêmica “Boas Práticas em covid-19", do doutorado em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, trazendo um diálogo com as lideranças de comunidades e saberes tradicionais. Foram apresentados os caminhos do cuidado a partir dos saberes populares, do protagonismo territorial e da saúde com o povo. (652 participações on-line)

O quarto Artesanário, “Gestão, Saúde e Educação: estratégias de enfrentamento à pandemia” trouxe experiências conduzidas pela Secretaria de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Norte. A primeira foi apresentada pela Vigilância Sanitária sobre o Monitoramento das Instituições de Longa Permanência para Idosos no contexto da pandemia, a segunda foi apresentada pelo Centro de Referência Estadual em Saúde do Trabalhador sobre a Sala de Situação em Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, construída em parceria com os municípios durante a covid-19; a terceira partiu da Subcoordenadoria de Capacitações, que apresentou a Educação em Saúde como Estratégia para o Enfrentamento da Covid-19. (652 participações on-line)

No último dia, o último Artesanário: “A ciranda como instrumento de protagonismo na Atenção Básica e no processo dialógico de ensino em saúde”. A médica e educadora popular Vera Dantas apresentou as intervenções de cenopoesia (DANTAS; SILVA; CASTRO, 2020) alinhadas à sua experiência das “cirandas da vida” (DANTAS *et al.*, 2012), conduzidas no estado do Ceará. A médica Jéssica Farias, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó, apresentou sua experiência de ensino da saúde em tempos da pandemia com estudantes do curso de medicina por meio da Educação Popular; a enfermeira obstetra, parteira urbana e terapeuta integrativa Clarissa de Leon trouxe o Círculo de Cuidado conduzido no projeto de pré-natal coletivo, parto humanizado e cultura do nascer potiguar. (570 participações on-line)

Esse momento precursor inaugura, metaforicamente, a chegada da chuva no sertão, esverdeando tudo em poucos dias e mostrando o poder de quem se quer florido, mesmo que seco. Como nos dizem Vanderléia Pulga e colegas (Pulga *et al.*, 2020, p. 37), “essas atitudes são, sobretudo, ecos de cuidado fundamental à humanidade e à vida”. Os autores falam em “vozes diferentes que se contrapõem à lógica neoliberal e mercadológica”. Referem “modos de ser e de viver que humanizam e auto constroem as pessoas como sujeitos, com o respeito à Mãe Terra, às

culturas, aos valores, aos sonhos e à sustentabilidade, com o reconhecimento de cada ser na sua relação com a biodiversidade no planeta". Os cenários, vocabulários, performances e discussões apresentados nos cinco Artesanários ofertaram aos espectadores e convidados a criatividade, inventividade e diversidade cultural presentes no nordeste brasileiro, como uma xilogravura imprimindo a capa de um cordel, de(talhando) as imagens dos territórios de proveniência da informação.

Figura 8: Xilogravura.

Trabalho em xilogravura de Ciro Fernandes, intitulado "Forró", datada de 1978. Gravada sobre papel kraft, sem moldura. Medidas: 48 x 33cm. Blogger "Arte Popular do Brasil". Fonte: https://artepopularbrasil.blogspot.com/2014/09/ciro-fernandes.html. Conforme sua página na Internet, Ciro Fernandes nasceu no sertão da Paraíba (1942) e, com 16 anos, devido à seca, mudou-se para Natal, RN, mais tarde mudou para São Paulo e, finalmente, para o Rio de Janeiro. É xilogravador, artista plástico, escritor, ilustrador e luthier. (@cirofernandesxilo e www.cirofernandes.com.br**).**

PROBLEMATIZAÇÕES DO ARTESANÁRIO

O Artesanário abriu fendas e frestas no desenho de eventos/seminários, deixou registro afetivo nas pessoas envolvidas, seja na organização, nos bastidores ou nas falas e discussões apresentadas pelos convidados, mas também na plateia, segundo se acompanhou nos chats on-line (de 570 participações o menos frequentado a 1.200 participações o mais frequentado). Para Paulo Freire (1981, p. 17), quando aqueles implicados vão "organizando uma forma cada vez mais justa de pensar, através da problematização de seu mundo e da análise crítica de sua prática, [vão] podendo atuar cada vez mais seguramente no mundo". O Artesanário possibilitou o encontro com novas paragens e o nascedouro de outros formatos e temas, dando cria no campo do conhecimento e do cuidado.

A avaliação dos Artesanários foi realizada nos bastidores pela comissão organizadora do Seminário, produzindo reflexão conceitual e recomendações à replicação de uso. A principal chave de interpretação foi a conexão arte e saúde à politização do conhecimento, a principal recomendação foi a adoção da modalidade em forma de eventos próprios ou no entretecimento de eventos que pretendem processos inclusivos da diversidade da população e o encontro com os territórios existenciais, como na comunicação popular e na Atenção Básica. Na colcha de retalhos proporcionada pela avaliação, com seu colorido diverso e singular, as aprendizagens recolhidas promoveram o cerzir das peças artesanais, trazendo:

- a possibilidade de criar encontros virtuais amorosos e colaborativos, pautados na educação popular em saúde que ensinem sobre a importância das aprendizagens na convivência com o semiárido (ciclos de estiagem e de chuvas; o valor dos saberes ancestrais, como se reservas de água; o valor das diversidades locais da população, que de secas e invisibilizadas podem passar a verdejantes com simples gotas d'água);
- a condição coadjuvante da população na produção dos serviços de saúde na atenção básica pode modificar se o cuidado em saúde for pautado

nos saberes e fazeres populares, no poder da ancestralidade e na potência dos territórios vivos, das plantas medicinais, das cirandas e das artes, não a utilização instrumental dessas referências, mas seu lugar de protagonismo e força local;

- o valor da produção de respostas locais com atores e atrizes locais precisa de uma rede viva que garanta a continuidade das experiências vivenciadas e socializadas nos artesanários;
- a força do cordel e da poesia atravessa a distância imposta pela modalidade remota dos encontros e penetra nossos corpos produzindo emoções indescritíveis;
- as cantigas preenchem os vazios criados pelo medo e a desesperança da pandemia, mobilizando sonhos e afetos mobilizadores de cantigas;
- vídeos produzidos nos territórios podem ser como guardiães da memória ancestral dos lugares;
- reencontros, mesmo que remotos, entre pessoas que estavam há bastante tempo sem sonhar juntas, produz uma sensação capaz de reacender as esperanças de manter a luta em defesa de todos os sonhos de luta que passam pelo espaço do artesanário;
- o poder de reverberação da força e potencialidade desse encontro entre estudantes envolvidos, seja na organização seja como público espectador de cada cena, impulsiona e impulsionou transformações nos processos de aprendizagem e formação;
- o nascimento de um novo coletivo, aquele composto pelos participantes dos bastidores, se tornou grupo de discussão, divulgação e interação.

Como no bordado ou na contracena de um espetáculo, o grupo Bastidores produziu saberes e experiências. O grupo foi criado em 09 de agosto de 2020 para a retaguarda aos Artesanários e não se desfez, passados 4 anos de sua criação. Seus participantes pertencem a outras redes, como a Rede Unida, a Rede HumanizaSUS, a Rede Precisa e a Rede de Educação Popular em Saúde. O testemunho do nascimento do Artesanário, uma metodologia de comunicação popular que atrela saúde, arte e cultura, ciência e saberes populares se concretizou, abrindo caminhos no campo da produção e politização do conhecimento.

A pandemia inicialmente reforçou o paradigma biomédico centrando toda a visibilidade e alocação de recursos financeiros no âmbito hospitalar, na terapêutica pautada no uso de medicamentos e na organização de serviços de saúde para os casos suspeitos ou confirmados de

covid-19. Num segundo momento, os serviços da Atenção Básica, com todas as suas estratégias de ação de base territorial, alteraram as frentes de atendimento e acompanhamento de comunidades, famílias e indivíduos em todos os territórios de vida. Nesse ínterim, a emergência da vigilância popular em saúde.

Ficaram exacerbadas as desigualdades sociais existentes na organização e produção dos serviços de saúde e um nítido desmonte da rede da atenção básica como ordenadora do cuidado foi verificado. Essa realidade operou um apagamento da Atenção Básica e das equipes da Estratégia Saúde da Família que foram desconsideradas como importantes no enfrentamento da pandemia pelo governo federal, só muito lentamente reensejadas pelos governos estaduais e a maioria dos municípios. A linha de frente no trabalho da pandemia aos poucos deixou de ser aquela dos trabalhadores e trabalhadoras de Unidades de Pronto Atendimento e Unidades Hospitalares para destacar as equipes de testagem, de vacinas e de orientação preventiva percorrendo todo tipo de território.

A secura produzida pela conjuntura inicial e pela esfera nacional quis rachar nossos reservatórios de esperanças, quis espalhar a miséria humana do racismo, sexismo e capitalismo, mas, como no nordeste brasileiro, resistimos à secura em ciclos de vida que reservam água e retornam ao viço. O seco e árido se veste de verde e *fulora* quando chega a chuva. A chuva faz sangrar as reservas de água e de fé, faz transbordar as existências e as resistências. Manter vivas as afecções do Artesanário é manter vivas as aprendizagens sobre resistir e criar, é a necessidade de manter verde e *fulorada* a capacidade de resistir à seca, aprender a conviver com os períodos de estiagem e proteger todas as vidas. Seguir alimentando a diversidade dos encontros entre aqueles e aquelas que produzem resistências em seus territórios, como na agroecologia, que valoriza as características locais dos biomas dos povos do campo, povos dos terreiros e quilombos, povos das águas, povos das florestas, povos ciganos, povos circenses, população em situação de rua e vidas LGBTQIA+. Tecer redes locais solidárias respeitando os lugares e as histórias de todos, todas e todes. Aumentar a força de arte, cultura, saberes e fazeres populares nos encontros, mesmo que remotos, não como um enfeite da atividade, mas como essência e sentido de estarmos juntos.

Reportado o Artesanário como uma construção metodológica no escopo da comunicação popular em saúde, o ensejamos como

desenvolvimento metodológico e inovação. Inovação, conforme Gian Filli, consultor nacional e internacional na área empresarial, organizacional e financeira sobre desenvolvimento e inovação, “é fazer algo melhor ou fazer algo de maneira melhor”, ou seja, a inovação não se refere apenas a um produto, são múltiplas as formas de inovação: de produto, de processo, de características de um mesmo produto ou processo, de um modelo de práticas ou de uma tecnologia (FILLI, 2018). A criação do Artesanário Popular foi inovação metodológica à comunicação popular em saúde.

O Artesanário nasce em produção da vida através do resistir que não se encerra com o fim da pandemia, mas que segue uma tessitura rítmica e pulsante que não se deixa abater, mesmo que cansada. Apresentá-lo e torná-lo possível, foi como untá-lo no cordão umbilical do saber em todos os seus meandros, trazendo desafios importantes como o da sua conceituação, seu fazer e sua modelagem no campo metodológico do conhecimento em comunicação popular, arte, cultura e artesania da vida. Deságua o artesanário entre a sertania e o sertanejar de um semiárido brasileiro que tem poesia na sua visagem, que tem aboio no seu pisado e traz uma esperança cinza, que no sertão é cor de renascimento esperando o verde chegar, imprimindo seu caminho no encontro das águas e desaguando. Conforme Schweickardt *et al.* (2020, p. 16): “as trajetórias são como rios da vida, que nascem num determinado lugar, mas vai se somando a outras águas para dar sentido aos seus movimentos e afetos no encontro com os outros e com os lugares”.

Assim foi a proposta do Artesanário Popular e assim constatamos sua passagem de Artesanário Popular a simplesmente Artesanário, podendo servir de modo ampliado à comunicação popular, mas também à educomunicação como um todo e às diversas áreas do conhecimento que podem ter na interação com as artes, especialmente as artes e cultura popular, um laço de interlocução, de produção de conhecimento comprometido com a democracia viva e com a criação de vida. Pensamos o Artesanário como metodologia, não entre pares, mas entre diversos, não disciplinar, mas interdisciplinar, não apenas geração de ideias, organização de planos e geração de novos consensos, embora tudo isso também, mas confronto e contraste de ideias, planos e novos consensos em entrelaçamento de culturas, vertentes epistêmicas e modos de ser, fazer e sentir.

Thiffany Odara, uma intelectual popular (ialorixá e travesti negra), também em 2020, na Bahia, propôs, em seu trabalho de conclusão de

curso sobre a formação de educadores, uma “pedagogia da desobediência” para fazer oposição à necropolítica e ao “epistemicídio de vozes subalternizadas historicamente” (ODARA, 2020, p. 16). Ao falar de Educação Básica, mas poderíamos transpor para a Atenção Básica, sugere uma “prática educativa” (poderíamos dizer uma “comunicação popular em saúde”) que possibilite o diálogo e a integração social, envolvendo todas as pessoas, a diversidade, a recriação. A “prática desobediente” seria portadora de uma ruptura com as diversas opressões discursivas, linguísticas e comunicacionais que acarretam uma prática da invisibilidade. A desobediência subverteria uma lógica do silenciamento. O Artesanário Popular é um modo para criar espaços dialógicos, cheios de linguagens criadoras, não reféns dos modelos científico ou discursivo de eventos acadêmicos. O Artesanário é um modo de “produzir-com”, ousado na condição de mesclar, de modo inventivo ou inovador, o erudito com o popular, desobediente, se tomamos sua condição de modelagem fluida, capaz de ativar na voz dos intelectuais eruditos a liberdade de ser artista, como também ecoar por meio do cordel, da poesia, da dança, do desenho, da tapeçaria, da xilogravura, da colagem, da costura e das rendas, tanto teorias, como movimentos, tanto conceitos, como práticas.

PARTE IV

ARTESANARIAR TUDO: PALAVRAS E IDEIAS, AFETOS E DISPARADORES, UMA DISSERTAÇÃO

CORDEL ARTESANÁRIO

Um ajuntêro de gente
SUStentada de afeto
Decidiu unir as forças
Conduzindo um manifesto
Em garantia da vida
Em um ato de protesto

Uma teia de encontros
Logo se consolidou
E essa grande ciranda
Foi se abrindo e aflorou
No passo da (re)existência
Nosso SUS se consagrou

Esses círculos em rede
São produções de querenças
São a força da Jurema
De saberes, ritos, crenças
Da resistência da terra
Negando tanta sofrença

Os territórios são vivos
Em movimento constante
Com seus saberes locais
E conexões pulsantes
Histórias de persistência
E proteção incessante

Por isso a Atenção Básica
Se configura em vida
Compondo esse lugar
E por ele traduzida
Numa troca de cuidados
De relação afetiva

Esse encontro simboliza
O poder do artesanário
A arte da bordadeira
O trançado do rosário
A educação popular
Estão nesse seminário

É manifesto de arte
De educação e cultura
Informação em saúde
Formando essa tessitura
Num encangado de gente
Fortalecendo a mistura

E nesse rebuliçado
De maracatu rural
De côco, de caranguejo
Forró e maneiro-pau
Do fandango, da milonga
Há um elo ancestral

A ciranda não se fecha
É giro e é formigueiro
É transcriação retirada
Do nosso chão brasileiro
Na força do semiárido
Criada nesse celeiro

É botija encantada
De lugar reinventado
Cacimba de água fresca
Mandacaru aflorado
Maracujá, Inharé
Juremal no seu sagrado

Por isso essa pandemia
Nos trouxe perseverança
Reunindo toda gente
Num ato de esperança
Solidarizando a dor
Construindo uma aliança

Sacramentemos o encontro
Com a continuidade
Dessa dança cirandeira
Trazendo amorosidade
Fortalecendo esse elo
De força e prosperidade.

Paula Érica, 2022.

Eis que o Artesanário Popular emprenhou muitas reentrâncias, dobraduras e vontades, inspirando ou sendo inspirado por outras formas e movimentos, e reproduzindo inéditos viáveis, tran(bordando) o intransponível, imergindo o imergulhável. Os dados mostram o quanto ele ultrapassou suas pretensões e desejos, furou, escorreu, como se carregasse água na peneira, tal qual nos diz o poeta Manoel de Barros sobre o menino "ligado em despropósitos, que quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos" (BARROS, 1999). O exercício descritivo do artesanário para uma poeta e(buliçosa) como a que vos escreve, não é tarefa fácil. Sobretudo no campo da pesquisa. Esse revestrés[14] de formulações colocou a pesquisadora numa dificultosa, sofrível, mas necessária modelagem, com o suporte e a(colher)mento do PPGCTI, compartilhando as ferramentas para dar conta do rigor exigido para esse repertório, sustentando a inventividade e criatividade da pesquisa(dor)artista. Abrimos a ciranda, em circularidade, para apresentar o "jogo da bruxa, em noite de lua cheia"[15], lançando a oferenda na encruzilhada, o ritual em roda, e eis que surgiu um arsenal de possibilidades e de arrumações que podem ser o que quiserem ser, desde que **cuidem**, **informem**, **comuniquem** e se **dissipem** em ato e em arte; que **afundem** e **submerjam**; que **promovam** e **protejam**. O artesanário, assim como o duelo da vida posto na canção ritualística "kukukaya", da cantora e compositora paraibana Cátia de França nos remete ao simbólico, ao sagrado, a "uma rica tapeçaria de metáforas e simbolismos que exploram a complexidade da vida e do amor". Ainda citando a canção, Resende nos inspira dizendo-nos de "uma canção que não se restringiu a combinações de notas musicais, arranjos e acordes, mas de um artefato cultural instaurador de sensibilidades, propiciando elaboração de experiências subjetivas na invenção de suportes materiais e simbólicos de práticas socioculturais como expressão política e estética, consubstanciando articulações entre experiências artísticas e concepções de mundo (RESENDE, 2009, p. 1).

Assim é o artesanário (popular, intelectual, cuidador), como um caledoscópio se abrindo em cores e hipnotizando a gente, ocupando espaços vazios, os mesmos que observara a mãe do "menino que carregava água na peneira" (sobre ele e seus despropósitos): "a mãe reparou que o menino gostava mais do vazio, do que do cheio. Falava que vazios são maiores e até infinitos (BARROS, 1999).

[14] Expressão popular, comumente utilizada no Nordeste brasileiro para se referir à reviravolta.
[15] Trecho da música "Kukukaya" da cantora e compositora paraibana, Cátia de França. A Canção é "inspirada num conto cigano, cujo mote gira em torno da criação, do nascimento, da vida, como suas dores e alegrias" (RESENDE, 2009, p. 1).

ROSA DOS CATAVENTOS: PRINCÍPIOS ORGANIZACIONAIS DO ARTESANÁRIO POPULAR

Ainda que a dissertação, em seu nascedouro como proposta de pesquisa, tenha desejado chegar em um método ou metodologia do Artesanário Popular, um artesanáro não segue bulas e regulamentos, é de gira e de ginga. Sua dinamicidade abraça o movimento da vida, dos territórios e dos saberes que estão postos em suas interfaces, atrelados à fazedura de cuidado, apresentando caminhos, sinais e **princípios organizacionais** que vão tecendo a trilha e sinalizando a caminhada, sendo estes: **Fluidez**, **Essência** e **Desobediência**, com seus respectivos elementos: **saberes**, **arte e cultura** e **protagonismos territoriais**, representados, simbólica e metaforicamente, pela Rosa dos Cataventos e seus pontos artesanariais, ressignificando o símbolo do IV Fórum (Inter)Nacional de Diálogos e Práticas Interprofissionais em Saúde (IV FONDIPIS), realizado em Mossoró, em 2019, sendo um dos germinadores dessa artesania.

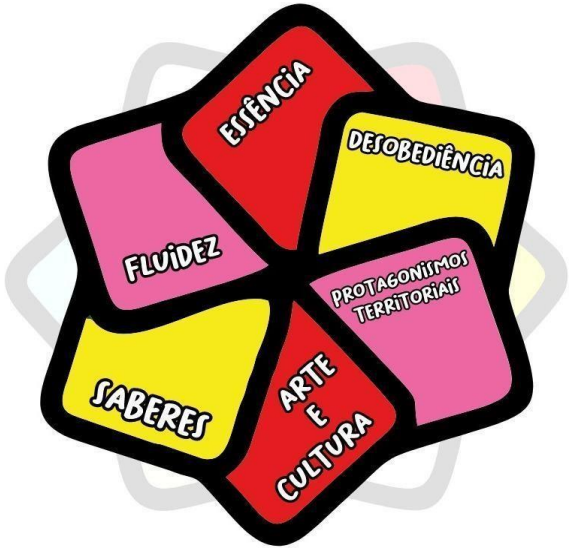


Figura 9 - Rosa dos Cataventos e seus pontos artesanariais

FLUIDEZ

TENDO A CARA, CHEIRO E GOSTO DE QUEM NELE ESTÁ. A CARA, CHEIRO E GOSTO DO LUGAR

fluido aos territórios, permite que quem esteja, seja autor dos roteiros,
tendo a cara, cheiro, gosto de quem está, tem a cara, cheiro e gosto do lugar.

Estamos diante de uma grande lona, onde vozes, corpos, cheiros, histórias, sorrisos, choros, alegrias e encantamentos se misturam e se complementam, fazendo desse grande "circo místico" um espetáculo retratando a vida pulsante dos territórios. A fluidez se espalha e escorrega no picadeiro, cada pessoa, eu seu lugar, ocupa o protagonismo: plateia, trapezista, palhaço, mágico, domador, malabarista, cada função tem autoria, tem vez e composição, roteiro, cara, cheiro e gosto do lugar que representa. Sendo fluido, é fluente, corrente e se configura pela tecnologia leve, pela suavidade a que se propôs desde o seu olho d'água. O Artesanário se lança assim, sendo um representante diluído territorialmente, tão dissolvido pela essência do lugar, da terra, do povoado que se mistura com ela e se deixa levar/lavar. Como propõem Abrahão e pares, trata-se de "(re)pensar os encontros em produção como base para se discutir o trabalho em saúde, as afetações, as subjetividades", completando que "todo esse debate e reflexões produzem um *corpus* fluido, no qual transitam todas essas questões que têm como palco o trabalho vivo, e ele dá sustentação ao potente debate dos processos de subjetivações implicados com a saúde e produção do cuidado (ABRAHÃO *et al*. 2016, p. 171).

ESSÊNCIA

ONDE A ARTE E A CULTURA SÃO ESSÊNCIAS E NÃO ADORNOS, COMPONDO A ESPINHA DORSAL DOS ARTESANÁRIOS

O artesanário é espalhoso
manifestoso,
remanchoso
e amostrado.
Não espera, acontece.
Não hesita, faz.
Não pensa, assunta.
Não causa, bole.

Paula Érica (2024).

Em **Essência**, o Artesário traz a inventividade como rota, onde a arte e a cultura populares pontuam o ziguezaguear do seu escopo metodológico, provocando a des(ordem) através do diálogo. Em seu movimento de escuta e de fala, a expressividade, o protagonismo e a horizontalidade configuram o seu fazer. Sendo essência, esses dois elementos (escutar e falar), alinhavados ao artesanato presente nas relações afetivas e políticas nos espaços mobilizatórios dos coletivos, nos lançam ao que há de mais genuíno e legítimo nos territórios, nos quintais, terreiros, acampamentos, lonas, zonas, ranchos, ruas: vidas. A "arte transborda a rua, flui integrando a comunidade, com expressão corporal e o exercício cênico transformando vidas, construindo engajamentos em novas ações artísticas, políticas e sociais" (BRASIL, 2016). Sendo cria da Educação Popular, o Artesanário nasce da relação da autora com a arte e da sua inquietação, como artista, de quase não ter experienciado um trabalho que não tivesse por provocação sua e de seus coletivos a arte como elemento de libertação e transformação. Ao contrário disto, já havia colecionado uma sucessão de experiências frustrantes onde o lugar reservado à arte era de adorno, entretenimento e apresentação.

Entendendo desde cedo que não era esse um bom propósito, foi preciso uma longa jornada de provocação e afeto, imprimindo o fazer do artesanário com a Associação Casarão da Cultura Potiguar, o Casarão de Poesia, os usuários do CAPS e das Unidades Básicas de Saúde até as Políticas de Saúde Mental, de Equidade e Promoção da Saúde, de Vigilância em Saúde e de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, entre outras, para oficializar essa produção na sua prática cotidiana, num juntêro de gente munida de seus simbólicos para mudar o curso das m(águas). Um fazer artepolítico, mobilizatório. No seu nascedouro, vindo de águas tantas, já mencionadas aqui, o artesanário desaguou sendo vazante da arte e desembocando em múltiplas marés, em especial, na maré SUS, muito embora ele escoe e vaze, transbordando por muitas outras águas. Defender que o artesanário só caberia em ações da saúde, seria negar a essência das águas, que trazem generosidade ao matar a sede, ao banhar, ao regar, mas que também nos arrebata ao sangrar rios, ao encontrar o mar, ao se encher e invadir tudo. E sendo o artesanário um ato-manifesto a favor da vida, tudo cabe nele, e ele cabe em tudo, como a água escorrendo na peneira.

DESOBEDIÊNCIA

DESOBEDECE À ORDEM HIERÁRQUICA DOS SABERES

…bendito fruto do povo será
e a única forma que pode ser norma
é nenhuma regra ter
é nunca fazer nada que o mestre mandar
sempre desobedecer
nunca reverenciar

Belchior (1976).

Desconsiderando os hegemônicos caminhos e cascaviando[16] a decolonialidade nas suas vielas, beiradas, atalhos, se espraiando *todin* por

[16] Cascaviando, sinônimo de procurando, desengavetando, cavando, a procura de algo.

entre as frestas, aceiros, beiras e margens, o artesanário nasce em desobediência crítica, política, libertadora e coletiva. Essa desobediência está posta pelo diálogo, pelos arranjos entre interlocutores, onde a interlocução entre as pessoas/saberes se coadunam e reverberam em conhecimento, em prática, em exercício político e crítico diante das relações de poder e hierarquias dos saberes. A desobediência proposta pelo artesanário é sinônimo de dialogismo, o mesmo defendido por Bakhtin, segundo a médica e cenopoeta Vera Dantas:

> [...] compreende diálogo como relações entre interlocutores de uma ação histórica, compartilhada socialmente, destacando assim a natureza contextual da interação, em contraposição ao monologismo, que privilegia indivíduos e estruturas sociais. Considera a linguagem heterogênea e, portanto, marcada pela presença do outro cujas vozes discordantes podem se harmonizar ao que denominou polifonia ou sofrer um apagamento, que chamou monofonia (Dantas, 2020, p. 24).

O Artesanáro Popular, portanto, pressupõe partilha, não hierarquia. Prevê horizontalidade e não hegemonia. É um pavilhão de saberes, constituídos em memória, oralidade, experiência, formalidade, ancestralidade, ciência, prática, intervenção, vivência e tantas quantas tessituras se fizerem presentes nessa bandeirola. Um manifesto transgressor, insurgente, contra a paradoxal relação pautada pela desigualdade, pelas restrições sociais e políticas que historicamente excluem e segregam, invisibilizando corpos, pessoas, vidas e saberes.

PARTE V

DESPEDIDA: FECHANDO MICROFONE, CORTINAS E O CADERNO

APRENDIZAGENS DO ARTESANÁRIO

Pensou que eu ando só?
Atente ao tempo
Não começa, não termina, é nunca, é sempre

(Maria Bethânia, Paulo César Pinheiro, 2012)

O Artesanário Popular trouxe a leve impressão de que todo rio, embora seco, pode inundar os vazios inesperadamente. A força dessa fonte, nunca seca, mesmo que árida. Nascer, morrer, secar e renascer rosa, em pedra, é uma natureza soberana que não se explica em palavreado, não se traduz em vocabulários e dialetos. Por mais que tenhamos a chance de fazê-lo com tempo e com amor, há uma subjetividade colada na gente que nos lança para a intuição e faz tudo ficar mais bonito e, por isso, remanchoso. Trazer o Artesanário como objeto de pesquisa no PPGCTI foi desafiador e intenso. Sobretudo, pelo estado incrédulo no qual a pesquisadora havia se colocado depois de algumas tentativas frustradas de retornar à academia, sem perder de vista essa mania de ser Macabéa[17].

Mas eis que chegou a "hora da estrela". E mesmo que morrida, essa morte simbólica de quem parte feliz e apaixonada pelo belo que se apresenta à sua frente traz dor, medo e alívio. Contraditório demais para uma poeta-pesquisadora. Parir uma pesquisa doeu tanto quanto atravessar um rio rachado pela terra seca. Mas também trouxe a desafiosa felicidade urgente de quem vê "correr um aguaceiro pelo rio abaixo" quando chega a hora do encontro das águas.

[17] Personagem clássica de Clarice Lispector. Sonhadora, apaixonada e esperançosa.

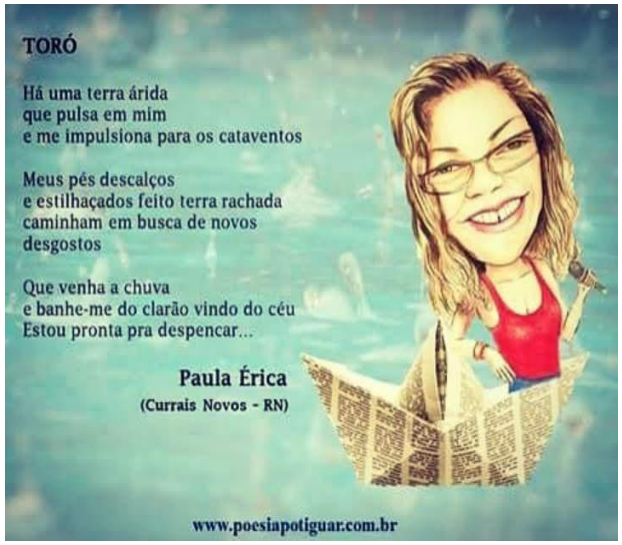


Figura 10. Caricatura da artista Paula Érica
(Artista plástico Júnior Caçarola)

Dar vez ao Artesanário, deixá-lo chegar e passar talvez seja o que há de mais genuíno na travessia da pesquisadora, posto que essa passagem não é só dela. É de todos, ou de nenhum. Passa e fica, tal qual a valsa de um potiguar, seridoense, que correu o mundo todo e se tornou imortal. Da vitrola às grandes orquestras, quando "Royal Cinema", de Tonheca Dantas, ecoa nos ouvidos do povo Seridó, saracoteia a caixa dos peito e traz um misto de orgulho, emoção e o desejo de ter vivido nos tempos da composição, trazendo saudade do que não apreciamos. Pois é nesse formato que o despretensioso Artesanário Popular registrou sua chegança. Veio como procissão, como noite de forró no mês de junho. Trouxe a alegria do terreiro em dia de orixá, a força da jurema sagrada em ritual. Trouxe a benção de DonAna nas margens do Rio Potengi; a sagrada mística das plantas feita por Pai Fernandes e Pai Bolinha; o delicado abraço chamegoso do sábado a tarde enviado por Erika Formiga e Samuel, nas ondas da Rádio Literária Carrapato; a palhaçaria contagiante de Rodrigo Bico; o domínio na métrica e rima cordelista feita por Antônio Francisco; a Tenda do Conto, bordada por Jacqueline Abrantes; a poesia e o palco compartilhados pelo improviso de Paula Érica e Matheus Madson; a provocativa e poética existência e inventividade de Lorrainy Solano; as danças, poesias, cantigas e afetos cenopoéticos de

Ray Lima e Vera Dantas; a crônica musicada em verso e prosa do Casarão de Poesia; a voz da cantora de rádio que desistiu da carreira; o amor distribuído em verso pelos usuários, usuárias e familiares do CAPS Maria Vênus Cunha; as praças, ruas e coretos invadidas com Renata Dantas; o Arrastão do Boi; a inspiração poética de rua de Vanilson Torres; o balançado da Redes HumanizaSUS, trazida por Patrícia, Rede Unida e Rede Precisa; a arrepiante feitura da educadora popular Andrea Taborda; a música que nunca consegui gravar; o livro que não publiquei. Assim é o Artesanário Popular, inacabado, pronto, inteiro e partido ao meio. Como vento de fim de tarde passando ligeiro, abrindo portas e janelas. Como dia chuvoso depois de longa estiagem. Chega sem anunciar e chama toda gente para se sentar com ele para ver o encardido do sol brincando com o fim do dia.

CAIXA DE TEXTOS E ARTES

ABRAHÃO, Ana Lúcia. et al. Avaliação Compartilhada do Cuidado em Saúde: Surpreendendo o institído nas redes. Organização Emerson Elias Merhy…[et. al.]. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Hexix, 2016.

ALBERTI, Ana Aparecida Frabetti Valim. A comunicação popular na construção e preservação da história e memória das lutas populares no Brasil (décadas de 1970 e 1980). In: PERUZZO, Cecília M. Krohling; GABRIOTTI, Rodrigo; BETTI, Orlando Maurício de Carvalho (Org.). Trilhas e impactos da comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil. Teresina: EdUESPI, 2022, p. 325-342.

ALMEIDA, Tereza Virginia de; BONFIM, Letícia de. Stela do Patrocínio e a poética da clausura. Estudos de literatura brasileira contemporânea, 2018, n. 54, p. 277-295. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/10.1590/2316-40185415. Acesso em: 9 jul. 2023.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. Comunicação Cibernética, 2008, v. 13, n. 8, p. 34-40.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. Comunicação e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BACHINI, Natasha. et al. Comunicação política no ambiente digital: uma análise das campanhas eleitorais municipais de 2020 no Facebook. Opinião Pública, Campinas, v. 28, n. 3, p. 750-786, 2022. https://doi.org/10.1590/1807-01912022283750.

BARONAS, Roberto Leiser; NAZZARI, Marinez Santina. Sabença(s) dos/as linguistas populares. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 15, n. 2, p. 33-48, 2022. http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i2.17038

BARROS, Manoel de. A infância. In: BARROS, Manoel. Memórias inventadas – A infância. Tudo é poesia: todos os poemas são um mesmo poema. Manoel de Barros: o apanhador de desperdícios. 2020, s.p. Disponível em: https://www.tudoepoema.com.br/manoel-de-barros-o-apanhador-de-desperdicios/. Acesso em: 10 jul. 2023.

BARROS, Manoel de. O menino que carregava água na peneira. Disponível em: https://prosped.com.br/arte/poema-o-menino-que-carregava-agua-na-peneira-de-manoel-de-barros/. Acesso em: 17 de agosto de 2024.

BELCHIOR, Antônio Carlos Gomes. Alucinação. Polygram, Rio de Janeiro, 1976. Disponível em:

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, Adriana. Uso e consumo de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. Trabalho apresentado ao GT Recepção, usos e consumo midiático, XVI Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, UTP, Curitiba, junho de 2007. Disponível em: https://proceedings.science/compos/compos-2007/trabalhos/usos-e-consumos-de-meios-digitais-entre-participantes-de-weblogs-uma-proposta-me?lang=pt-br. Acesso em 11 jul. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura. São Paulo: Brasiliense. 1985.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA EXECUTIVA. DEPARTAMENTO DE APOIO À DESCENTRALIZAÇÃO. Café com ideias: as ideias do café - volume 2. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/periodicos/cafe_ideias_v2_2006.pdf. Acesso em: 17 dez. 2023.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Portaria nº 561, de 4 de setembro de 2023. Institui o Programa Envelhecer nos Territórios para promover o direito de envelhecer a todas as pessoas e garantir os direitos humanos das pessoas idosas no Brasil. Diário Oficial da União. 05 set. 2023, edição 170, seção 1, p. 33.

BRASIL.MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE GESTÃO ESTRATÉGICA E PARTICIPATIVA. DEPARTAMENTO DE APOIO À GESTÃO PARTICIPATIVA. Ideias e Dicas para o Desenvolvimento de Processos Participativos em Saúde. Brasília, 2016.

BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções de diagnóstico e reação. XIXº Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, XIXº ENACIB, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819. Acesso em 11 jul. 2023.

BROWN, Juanita; ISAACS, David. World Café: shaping our futures through conversations that matter. São Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2005. Disponível em: https://www.bkconnection.com/static/The_World_Cafe_EXCERPT.pdf. Acesso em: 08 jan. 2023.

CALABRE, Lia. A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. Extraprensa, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 7-21,2020. https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.170903.

CARNEIRO, Fernando F.; PESSOA, Vanira M. Iniciativas de organização comunitária e covid-19: esboços para uma vigilância popular da saúde e do ambiente. Trabalho, Educação e Saúde, 2020, v. 18, n. 3, p. e00298130.

CECCIM, Ricardo Burg; CYRINO, Eliana Goldfarb. O sistema de saúde e as práticas educativas na formação dos estudantes da área. In: CECCIM, Ricardo Burg; CYRINO, Eliana Goldfarb (org.). Formação profissional em saúde e protagonismo dos estudantes: percursos na formação pelo trabalho. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017, p. 04-27. Disponível em: https://editora.redeunida.org.br/project/formacao-profissional-em-saude-e-protagonismo-dos-estudantes-percursos-na-educacao-pelo-trabalho/. Acesso em: 17 dez. 2023.

CECCIM, Ricardo Burg; FEUERWERKER, Laura. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. Physis – revista de saúde coletiva, 2004, v. 14, p. 41-65.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. Crítica y Emancipación – Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, 2008, v. 1, n. 1. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf. Acesso em 11 jul. 2023.

CLACSO, Salud Internacional. Conferencia Latinoamericana y Caribeña de Pensamiento Crítico en Salud. Youtube, 09.12.2020. Disponível em:https://www.youtube.com/live/aeqSSgb62-0?si=rEJpVT4vxpV_icaE

DANTAS, Mayana Azevedo; SILVA, Maria Rocineide Ferreira da; CASTRO, André Ribeiro de. Aprendizagens com o corpo todo na (trans)formação de educadores(as) populares do Curso Livre de Educação Popular em Saúde (EdPopSUS). Interface, Botucatu, v. 24, n. 17, p. e190205, 2020. https://doi.org/10.1590/Interface.190205.

DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. et al. Cirandas da vida: dialogismo e arte na gestão em saúde. Saúde & sociedade, São Paulo, n. 21, supl. 1, p. 46-58, 2012. https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000500004.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. Os açudes dos sertões do Seridó. Natal: Sebo Vermelho, 2012.

FERRAZ, Wagner; BELLO, Samuel Edmundo Lopez. Inventário de pesquisa: procedimento metódico imanente de um corpo-professor. In: ALMEIDA, Verônica Domingues; Sá, Maria Roseli Gomes Brito de; ZORDAN, Paola (Org). Criações e métodos na pesquisa em educação. Porto Alegre: Nota Azul, 2020. p. 320-329.

FILLI, Gian. Quando e como inovar. YouTube: Canal Casa do Saber, 3 jul. 2018. 3min59s. Disponível em: https://dai.ly/x6s3wpp. Acesso em: 27 dez. 2023.

FREIRE, Neyson Pinheiro. et al. A infodemia transcende a pandemia. Ciência & saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 26, n. 9, p. 4065-4068, 2021.

https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12822021.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Disponível em: https://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_liberdade.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GALHARDI, Cláudia Pereira. et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da covid-19 no Brasil. Ciência & saúde coletiva, Rio de Janeiro, n. 25, supl. 2, p. 4201-4210, 2020. https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020.

GIL, Gilberto. Músicas. Pela Internet 2. Disponível em: https://gilbertogil.com.br/conteudo/musicas/?busca=Pela+inte. Acesso em 11 jul. 2023.

GIL, Gilberto. Músicas. Pela Internet. Disponível em: https://gilbertogil.com.br/conteudo/musicas/?busca=Pela+inte. Acesso em 11 jul. 2023.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUILHARDI, Cláudia Pereira; FREIRE, Neyson Pinheiro; MINAYO, Maria Cecília Souza; FAGUNDES, Maria Clara Marques. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da covid-19 no Brasil. Ciência e Saúde Coletiva, 2020, v. 25, Supl. 2, p. 4201-4210.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/#:~:text=O%20Invent%C3%A1rio%20Nacional%20de%20Refer%C3%AAncias,identidade%20para%20determinado%20grupo%20social. Acesso em: 29/07/2023.

KOZINETS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

LATGÉ, Paula Kwamme; ARAÚJO, Daniela Nunes; SILVA Jr., Aluísio Gomes da. Comunicação, educação e vigilância popular em saúde em tempos de covid-19 – a experiência das comunidades de Niterói, RJ. APS em revista, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 122-127, 2020. https://doi.org/10.14295/aps.v2i2.110.

LEE, Rita; CARVALHO, Roberto. Rita Lee e Roberto. Saúde. Som Livre. Brasil, 1981.Disponível em:

https://www.discogs.com/pt_BR/release/1892641-Rita-Lee-E-Roberto-Sa%C3%BAde Acesso em: 17 de agosto de 2024.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro. Sentidos do trabalho mediados pela educação continuada em química. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

LIMA, Ray; LIMA, Raimundo Félix. Um pouco mais de história não faz mal a ninguém: vida que segue, história que continua... In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. DIREÇÃO DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS E FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. TV Escola/Salto para o futuro. Saúde e Educação: uma relação possível e necessária. v. 19, Boletim 17, p. 51-55, 2009. Disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012177.pdf. Acesso em: 18 dez. 2023.

MARQUES, Juliana Ferreira; MELO, Daniella Alves; ALVES, Edvaldo Carvalho. Estratégia política e ideológica: as fake news como práticas internacionais de desinformação. In: MARQUES, Rodrigo Moreno; BASTOS, Manoel Dourado (Org). Economia política da informação, da comunicação e da cultura: confrontando as barbáries do capital no século XXI. São Cristóvão (SE): ULEPICC, 2022.

MATOS, Kathellen Timoteo; NASCIMENTO, Bárbara Buzzetti; SANTOS, Magna Nunes; FONSECA, Letícia Pedruzzi. Metodologia para inventário de revistas. Revista Brasileira de Design da Informação, 2019, v. 16, n. 3, p. 456-466.

MATOS, Petra Blanco Lira. et al. Vulnerabilidades evidenciadas pela pandemia de covid-19 na perspectiva da bioética. Revista Bioética, Brasília, 2022, v. 30, n. 4, p. 900-909. https://doi.org/10.1590/1983-80422022304580PT

MELO NETO, João Cabral de. A educação pela pedra (1966). In: MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 350-351.

MENDES, Áquilas; CARNUT, Leonardo; MELO, Mariana. Continuum de desmontes da saúde pública na crise da covid-19: o neofascismo de Bolsonaro. Saúde & sociedade, São Paulo, v. 32, n. 1, p. e210307pt, 2023. https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210307pt.

MENESES, Michele Neves. et al. Práticas de vigilância popular em saúde no Brasil: revisão de escopo. Ciência & saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p. 2553-2564, 2023. https://doi.org/10.1590/1413-81232023289.13542022.

MERHY, Emerson Elias. Em busca do tempo perdido. In: MERHY, Emerson Elias; ONOCKO, Rosana. (Org). Agir em saúde: um desafio para o público. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 71-112.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Portaria nº 2.761 de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS), 2013.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA.Portaria nº 561, de 04 de setembro de 2023. Institui o Programa Envelhecer nos Territórios. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/portarias/portaria-no-561-de-4-de-setembro-de-2023#:~:text=Institui%20o%20Programa%20Envelhecer%20nos,que%20lhe%20confere%20o%20art. . Acesso em: 17 de agosto de 2024.

MISHRA, Pandey P. Descriptive statistics and normality tests for statistical data. Annals of Cardiac Anaesthesia. v. 22, n. 1, p. 67-72, 2019.

MOREIRA, Adam Alves. Escola sem muros. Em casa também se aprende música. s/d. Disponível em: https://www.taubate.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Etapa2-MUSICA-ativ07-Arranjos.pdf. Acesso em: 17 de agosto de 2024.

NAVARRO, Joel Hirtz do Nascimento. et al. Necropolítica da pandemia pela covid-19 no Brasil: quem pode morrer? Quem está morrendo? Quem já nasceu para ser deixado morrer? SciELO Preprints, 2020. https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.901

ODARA, Thiffany. Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação. Salvador: Devires, 2020.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. Educação em Saúde e Educação Popular em Saúde: do que estamos falando? In: BRAYNER, Flávio (org.). Educação Popular: novas abordagens, novos combates, novas perspectivas. Recife: Editora Universitária UFPE, 2015, p. 137-143. Disponível em: https://olma.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Educa%C3%A7%C3%A3o-Popular-nova-abordagens-1.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.

OLIVEIRA, Paula Érica Batista de. Cultura, saúde mental e educação popular: uma relação dialógica na produção de cuidado coletivo entre mulheres. Monografia (Especialização). Fundação Oswaldo Cruz – Campus Ceará. Eusébio: Fiocruz, 2020.

OLIVEIRA, Paula Érica Batista de. Cultura, saúde mental e educação popular: uma relação dialógica na produção de cuidado coletivo entre mulheres. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz Ceará. Eusébio: Fiocruz/CE, 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/52617/TCC%20Paula%20Érica%20Batista%20de%20Oliveira%20Versão%20ARCA.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 20 dez. 2023.

OSBORN, Alex F. Applied imagination: principles and procedures of creative thinking. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1953. Disponível

em: https://archive.org/details/appliedimaginati00osborich/page/n7/mode/2up. Acesso em: 05 jan. 2024.

PAVARATI, Luís Carlos. A comunicação e os hábitos culinários da comunidade quilombola da Fazenda Picinguaba. In: PERUZZO, Cecília M. Krohling, GABRIOTTI, Rodrigo, BETTI, Orlando Maurício de Carvalho (Org.). Trilhas e impactos da comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil. Teresina: EdUESPI, 2022, p. 381-400.

PAVEI-LUCIANO, Mateus. Genitorialidade LGBT+: educação e saúde navegando em águas marginais. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. Contemporânea – Comunicação e Cultura, 2013, v. 1, n. 1, p. 161-181.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados: reelaborações no setor. Palabra clave, 2008, v. 11, n. 2, p. 367-379, 2008.

PULGA, Vanderléia Laodete. et al. Educação popular, equidade e saúde: tecendo redes colaborativas de formação, cuidado e participação em defesa da vida, da saúde e do SUS. In: PULGA, Vanderléia Laodete. et al. Educação Popular, equidade e saúde: dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde, a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Rede Unida, 2020, p. 22-48. Disponível em: https://editora.redeunida.org.br/project/educacao-popular-equidade-e-saude-dispositivos-pedagogicos-e-praticas-ludicas-de-aprendizagem-na-saude-a-caixa-de-ferramentas-nas-relacoes-de-ensino-e-aprendizagem/. Acesso em: 17 dez. 2023.

RESENDE, Haroldo de. Experiências musicais: histórias em torno da canção Kukukaya. XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2019.

SANTOS, Betânia Maria Pereira dos. et al. Perfil e essencialidade da enfermagem no contexto da pandemia da covid-19. Ciência & saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 28, n. 10, p. 2785-796, 2023. https://doi.org/10.1590/1413-812320232810.09772023.

SCHWEICKARDT, Júlio César. et al. Coletivos; grupelhos; equipes: aprendendo a trabalhar em conjunto na saúde. In: SCHWEICKARDT, Júlio César. et al. (orgs.). Trabalhar e aprender em conjunto: por uma técnica e ética de equipe na saúde. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2019, p. 15-23. Disponível em: https://editora.redeunida.org.br/project/trabalhar-e-aprender-em-conjunto-por-uma-tecnica-e-etica-de-equipe-na-saude/. Acesso em: 15 dez. 2023.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na Internet. Psicologia USP, 2021, v. 32, p. e2000066.

SOLANO, Lorrainy da Cruz; BONFADA, Diego; SANTOS, Renata Silva; PAIVA, Ramon Evangelista dos Anjos; ALVINO, Antônia Líria Nogueira; MIRANDA, Francisco Arnoldo Nunes de. A introdução da pesquisa como senha para pensar no artesanato intelectual. Revista de Enfermagem da UERJ, 2010, v. 18, n. 3, p. 488-493.

SORDI, Caetano; SEGATA, Jean; LEWGOY, Bernardo. Covid-19 and disaster capitalism: “passando a boiada” in the Brazilian meat processing chain. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, São Paulo, v. 19, p. e19904, 2022. https://doi.org/10.1590/1809-43412022v19e904.

VOLLSET, Stein Emil. Confidence intervals for a binomial proportion. Statistics in Medicine. v. 12, n. 9, p. 809-824, 1993. https://doi.org/https://doi.org/10.1002/sim.4780120902.

WEIHRICH, Heinz. The TOWS matrix: a tool for situational analysis. Long Range Planning, Oxfordshire, v. 17, n. 2, p. 54-66, 1982. https://doi.org/10.1016/0024-6301(82)90120-0